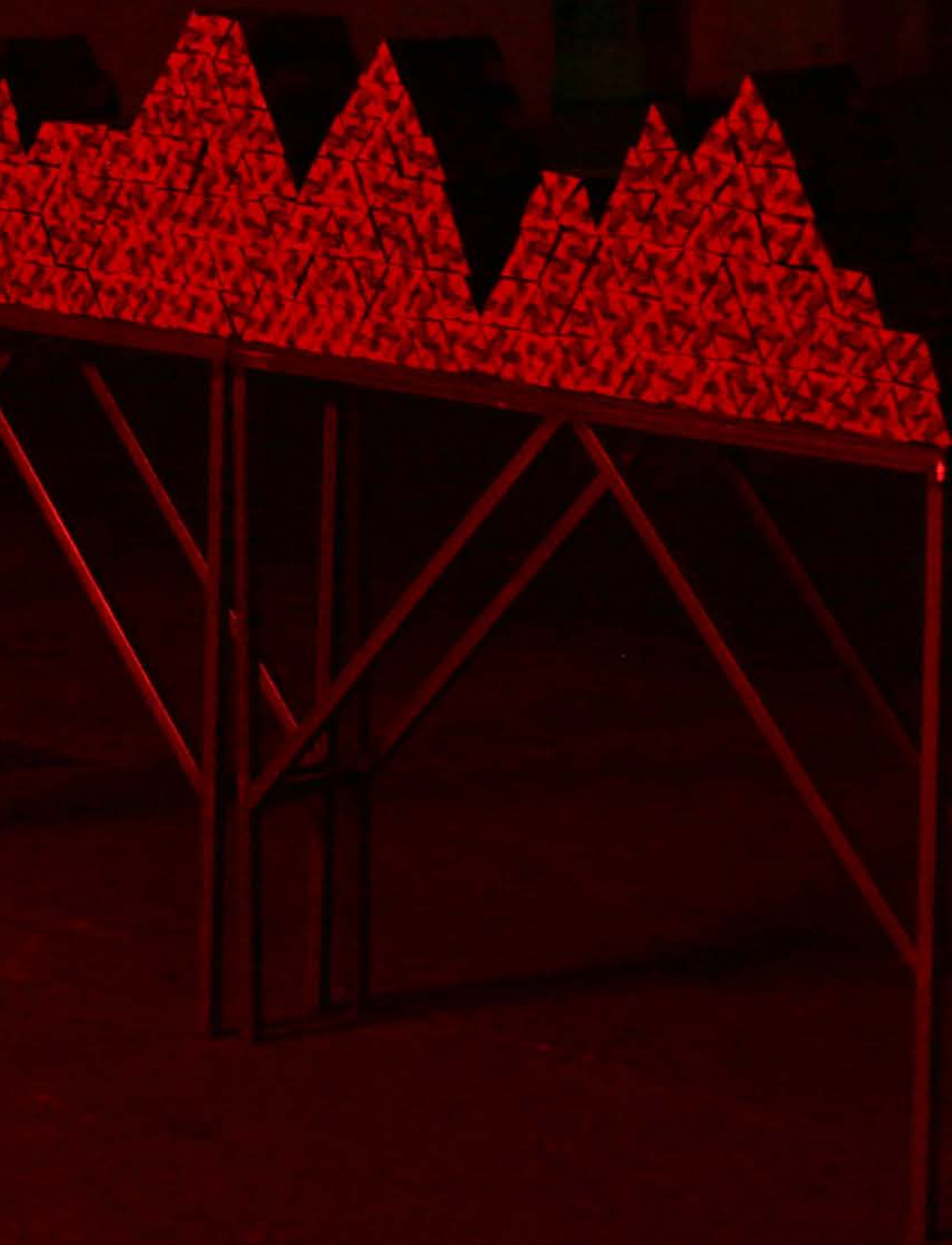


# LEMBRANÇA DE NHÔ TIM



Tiago Gualberto

# LEMBRANÇA DE NHÔ TIM

Tiago Gualberto

São Paulo

2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Plásticas, Linha de Pesquisa Poéticas Visuais, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Artes, sob orientação da Prof. Dra. Dora Longo Bahia.

Banca Examinadora:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

São Paulo, \_\_\_\_\_

## Resumo:

GUALBERTO, T. Lembrança de Nhô Tim. 2018. 96p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Este trabalho investiga as relações entre a exploração da terra realizada pela prática da mineração e estratégias de produção de memória a partir da proposta de um diálogo artístico na comunidade do bairro Resplendor, na cidade de Igarapé-MG. Esta região de recente urbanização destaca-se, especialmente, pelas transformações da paisagem em decorrência da proximidade com grandes empreendimentos: o centro de arte contemporânea Inhotim; a economia mineradora; a instalação de presídios (Bicas I e II) e a construção de conjuntos habitacionais populares. Partindo de uma série de intervenções nesta localidade realizada em 11 de setembro de 2016, a qual possui no objeto Lembrança de Nhô Tim seu eixo central, propus a elaboração desta publicação impressa de caráter ficcional reunindo registros audiovisuais, documentos, imagens de trabalhos artísticos e depoimentos desta experiência e seus desdobramentos ao longo deste curso de mestrado. Aspira-se ampliar as compreensões artísticas contemporâneas envoltas em práticas capazes de aglutinar aspectos envolvidos com o sistema da arte, o convívio comunitário e com a invenção de memórias.

**Palavras-chave:** Arte. Memória. Ficção. Sistema da arte. Terra

## Abstract:

GUALBERTO, T. Lembrança de Nhô Tim. 2018. 96p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This work studies the connections between the exploitation of land carried out by the practice of mining and strategies of memory production made from the proposal of an artistic dialogue in the community of Resplendor, in the city of Igarapé-MG. This region of recent urbanization stands out, especially, considering the transformations of the landscape due to the presence of large enterprises: the Center of Contemporary Art Inhotim; mining economy; installation of the prisons (Bicas I and II) and the establishment of popular housing.

Starting from a series of interventions in this location, realized on September 11th 2016, which has the object Souvenir of Nhô Tim as its central axis, I proposed the elaboration of this printed publication which has a fictional character and gathers audiovisual records, documentation, images of art works and testimonies of this experience and its unfolding during the course of this Masters degree program. The aim is to broaden the contemporary art comprehension wrapped in practices capable of agglutinating aspects involved in art systems, community living and with the invention of memories.

**Key-words:** Art, Memory, Fiction, Art system, Land

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para uso de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.



Um tirano perguntou-lhe [a Diógenes] qual seria o melhor bronze para uma estátua, e sua resposta foi: "O bronze com que foram feitas as estátuas de Harmôdios e Aristogêiton" – [os mais famosos tiranicidas atenienses].

Diógenes Laértios (50, página 164)

↳ século III D.C

"Agora não há mais nada além de terra marrom. Que terá sido feito de todos os corpos e dos restos mortais? Estão enterrados sob o obelisco do monumento? Estamos de pé sobre uma montanha de mortos? É esse, afinal, nosso ponto de observação? Será que de tal ponto temos de fato a famigerada sinopse histórica?"

W. G. Sebald – Os Anéis de Saturno (p. 130)

(1944 - 2001)

Seu amor é um jornal de ontem  
Ninguém mais procura ler  
Sensacional quando saiu na madrugada  
Ao meio-dia, já notícia confirmada  
E de tarde matéria esquecida  
Seu amor é um jornal de ontem

Tu amor es un periódico de ayer  
Que nadie mas procura ya leer  
Sensacional cuando salió en la madrugada  
A medio día ya noticia confirmada  
Y en la tarde materia olvidada  
Tu amor es un periódico de ayer

(...)

"Periódico de Ayer"

Canção de Hector Lavoe, composição de Catalino Alonso, 1976

# Sumário

Introdução	06
Considerações iniciais	07
Avenida Castelo Branco, 161, Bairro Resplendor II Secção, Igarapé/MG	13
Livro de Registro de Inventário	15
<b>Caderno 2</b>	<b>17</b>
Tadeu Berdinazi: O Ato Fálco	19
Comida dos Vencedores	21
A produção das Lembranças de Nhô Tim	31
<b>Caderno 3</b>	<b>33</b>
Inhotim, Sim, Senhor	34
O admirável milagre de Inhotim	36
MMX e os Chup-chups de Martíria	42
Eike Batista: o homem mais rico do Brasil	43
Um torrão de terra	44
Vidas no percurso da Lama	45
Jardim Encantado	46
O que você salvaria de um incêndio no Inhotim?	47
Os depoimentos	54
A Festa	55
<b>Caderno 4</b>	<b>65</b>
Peia	66
<b>Caderno 5</b>	<b>81</b>
Lembrança de Nhô Tim: R\$ 4,99	82
Supermercado do Preto	86
Agenda Laranja	89
<b>Últimas considerações</b>	<b>94</b>
<b>Referências</b>	<b>95</b>

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Dária Jaremtchuk, orientadora de grande parte deste trabalho, por tanto me ensinar sobre Arte e Política. Também gostaria de agradecer a Dora Longo Bahia por aceitar o convite de seguir esta orientação tão próximo ao final de sua conclusão e a Liliane Benetti, por ter participado de meu exame de qualificação em agosto de 2016. Seus comentários sinalizaram pontos que deverei perseguir por certo, por toda a vida.

Gostaria de agradecer a Carmela Gross pelas perspicazes considerações realizadas dentro e fora da sala de aula. Entre meus amigos universitários, agradeço profundamente a André Pitol e Vivian Braga, o primeiro pelo apoio na diagramação deste trabalho e pelas garrafas de vinho, e à Vivian, pelos diversos estímulos e a ambos por enfrentarmos juntos o individualismo criminoso que existe Entre Artes.

Gostaria de agradecer a todos que reivindicaram a existência de um edital da Funarte de fomento a pesquisadores e artistas afro-brasileiros. Sem a bolsa de apoio financeiro, este trabalho não teria alcançado as searas que chegou.

Quero demonstrar enorme gratidão a toda Comunidade de Igarapé, e em especial: Antônio, Sirlene, Simone, Alessandra, Erci, Landino, Ivonaldo, Bruno, Lepa, Purutaco, Simone, Didi, Eva, Baiana, Sandra, Claudia, Jorginho e seus alunos capoeiristas, Sônia e Érica, Eliab, José Eulálio, Solange, Tetinha, Dalmira e Stan por acreditarem na minha fé.

A João, Saulo, Antônio, Pai Tom, Mãe Cristiane e a todos da “Tenda de Umbanda Geração de Luz: Oxóssi e Oxum, Zé Pilintra de Assis Dias” por me auxiliarem espiritualmente nesta tarefa.

Aos amigos trabalhadores do Museu Afro Brasil ao longo de toda a sua existência, meu muito obrigado.

Aos amigos sem rodeios, Márcio, Lucas, Bruno, Viviane, Bety, Claudio, Tiago, Luiza.

Thanks for all Kenny, Ayako, Lori, Ramon and Alvaro,

Ao agreste, por formar tão bela flor.

E, finalmente, gostaria de agradecer a três grandes mestres: Mestre Djamir Pinatti, meu mestre de capoeira, Sr. Zé Baiano Novo, por me acompanhar em todos os lugares e a Renato Araujo por me incentivar a ter coragem.

# Introdução

Oi sim sim sim  
Oi não não não  
Oi sim sim sim  
Oi não não não  
Oh... não não não

Vou dizer a meu sinhô  
Que a manteiga derramou  
E a manteiga não é minha  
E a manteiga é de ioiô  
Oi sim sim sim  
Oi não não não...

“Vou dizer a meu sinhô” é uma canção, de autor desconhecido, cantada como um dos mais importantes hinos da capoeira, prática secular, mistura de jogo, luta marcial e malícia. A princípio, seus pequenos versos demonstram a confissão de um possível acidente: “Que a manteiga derramou/ E a manteiga não é minha/ É a manteiga de ioiô”. Contudo, é o coro, em resposta a estes versos, que nos conduz a duvidar. “Oi, sim sim sim/ Oi, não não não”. Nesta pequenina história, repetida inúmeras vezes, arrisco a pensar que a negativa é provável. Dizer “não” ao invés de “sim” torna-se um breve exercício de resistência tão importante para as populações negras seja no período colonial, seja na conformação de suas sobrevivências no presente.

Assim como esta cantiga de capoeira, este trabalho propõe ser um gesto de resistência. Seu principal esforço está na superação de inúmeros desafios, acompanhada de poesia, humor e honra àqueles que antecederam este percurso de valorização e reconhecimento dos aspectos culturais, comunitários e sensíveis desta significativas populações.

A professora Sandra Braga, responsável pelo ensino da disciplina de geografia aos alunos do ensino médio na Escola Estadual Professora Maria de Magalhães Pinto, em Igarapé, Minas Gerais relatou-me histórias e causos populares que atribuem a um velho senhor o apelido “Nhô Tim”. Ele seria um velho andarilho, bastante conhecido pelas redondezas, sempre disposto a pedir esmolas perto de uma famosa estação ferroviária local. Isto em um período muito anterior a criação do centro de arte contemporânea Inhotim. Ao ouvir estas e outras memórias, interessou-me particularmente a forma com que alguns moradores desta comunidade mantêm diferentes compreensões sobre a expressão “Nhô Tim”. Muitas destas narrativas eram acompanhadas de rica invenção e criatividade.

Ao perceber a forma como lembranças pessoais poderiam ser criadas e compartilhadas, e em alguma medida servir de ranhuras às linhas uniformes das narrativas oficiais, considerei a possibilidade de intervenção em memórias individuais e coletivas uma das primeiras motivações deste trabalho.

A partir deste ponto, passei a observar a expressão Nhô Tim em um plano cada vez mais amplo, não mais ilustrada por meio de um retrato pontual. Ao contrário, por Nhô Tim procurei figurar uma rede de eventos e situações, tanto no passado quanto no presente. Esta compreensão se expandiu a locais, instituições artísticas e ações presentes, inclusive em minha prática artística. Logo, este trabalho poético buscou

delinear alguns contornos daquilo que parece ser fruto da comunhão entre infinitos agentes, todos articulados em torno da exploração da terra, sua propriedade e seus impactos nos diversos campos da vida, em especial na Arte.

E, semelhante às narrativas apresentadas por estes moradores de Igarapé, este trabalho artístico acionou memórias individuais e coletivas, a pesquisa sobre diferentes personagens, contextos sociais, políticos e históricos e, sobretudo, um caráter ficcional. Editar, recortar e manipular todos estes elementos e oferecê-los como um “jornal de ontem” surgiu como uma estratégia de organização desta diversidade de experiências passíveis de crédito e, em alguns momentos, de desconfiança. Por esta razão, semelhante a estrutura de um jornal diário impresso, este trabalho foi dividido em Cadernos.

O primeiro caderno contém a Introdução e as Considerações Iniciais. Elas apresentam referências, cotejamentos bibliográficos e reflexões elaboradas a partir das investigações teóricas desenvolvidas ao longo deste curso de mestrado;

O Caderno 2 traz reportagens, registros, depoimentos e imagens dos moradores participantes da intervenção “Lembrança de Nhô Tim”, realizada em Igarapé em 2016;

O Caderno 3 apresenta dados sobre alguns empreendimentos selecionados deste entorno e seus impactos diretos e indiretos sobre a população da região. Entre os principais agentes estão o Inhotim e a secular atividade mineradora. Este caderno também traz registros da festa de abertura da mostra “Passagens sob(re) a terra: lembranças, memórias e territorialidades” ocorrida em 11 de setembro de 2016 na Casa de Cultura da pequena cidade mineira;

O Caderno 4 compila os principais trabalhos artísticos exibidos nesta mostra de artes visuais, todos elaborados a partir desta pesquisa;

O Caderno 5 propõe algumas reflexões sobre as ações performáticas realizadas nesta comunidade, além de imagens e registros de outras ações realizadas em diferentes instituições culturais. Entre esses espaços estão a Pinacoteca do Estado de São Paulo; a Brown University, localizada na cidade de Providence, no estado de Rhode Island, nos Estados Unidos; o Museu de Arte de São Paulo e o Instituto Tomie Ohtake.

E, por fim, as Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

# Considerações Iniciais

## I

A invisibilidade é uma tela que às vezes funciona de ambos os lados – mas nem sempre. Ela funciona em favor de quem quer que esteja controlando a tela.<sup>1</sup>  
Hito Steyerl, “Duty-Free Art”

Compartilho da compreensão que atribuí a estrutura na qual nossa sociedade está atualmente constituída, a existência de hierarquias de valor aos diferentes saberes e heranças culturais, formas de percepção e entendimento do mundo. Por sua vez, esta arquitetura social seria capaz de imputar instituições, práticas sociais e lógicas de exclusão e privilégios a bens promotores da qualidade de vida, por diferentes grupos de acordo com suas respectivas características e interesses. Este quadro não excluiria os diferentes níveis de interação entre estes grupos, apesar das limitações destes arranjos<sup>2</sup>.

Neste cenário, ao criar o objeto Lembrança de Nhô Tim<sup>3</sup> e suas decorrentes ações satélites, tais como as diferentes intervenções na cidade de Igarapé, uma série de performances e palestras em diferentes instituições culturais, busquei questionar como se dá o problema de atribuição do valor e das formas estéticas no debate contemporâneo das artes visuais a partir de um entrelaçamento das dimensões temporais e geográficas e seu efeito resultante. O que indica, nesta via, a nunca abandonada reflexão sobre as relações entre percepção estética, política e história<sup>4</sup>.

O recorte de trabalhos selecionados nesta investigação refere-se, portanto, à produção artística realizada ao longo desta pesquisa de mestrado iniciada no final de 2015 e estendida até o presente momento, junho de 2018. No decorrer deste período, inúmeras foram as alterações no projeto inicial, adições de propostas de experimentação e elaboração de respostas às novas questões surgidas a partir do desenvolvimento dos trabalhos visuais.

Diante desta diversidade de práticas artísticas, procurei estabelecer como ponto principal de interesse o confronto entre as experiências de agentes de diferentes origens culturais, classes sociais, credos e localizações geográficas frente a esta pesquisa. Parte desta estratégia foi tornar a Lembrança de Nhô Tim uma “armadilha”<sup>5</sup> detonadora de experiências capazes de aludir as relações de poder existentes entre estes mesmos agentes, o que também tornou propício observar como se dão algumas relações de poder existentes entre o artista, as instituições e o público, ou seja, entre esta pesquisa e os demais participantes deste processo. Para Boris Groys, “a relação entre arte e poder, entre a arte e a guerra, ou entre a arte e o terror, sempre foi, no mínimo, ambivalente<sup>6</sup>.”

Sendo assim, esta proposta de investigação em torno das relações de poder entre grupos socialmente distintos interceptadas por um objeto “armadilha”, neste caso a Lembrança de Nhô Tim, exigiu-me reconsiderar a importância destes ambientes cercados de conflitos, disputas de interesses e o papel que eu, enquanto artista, posso ocupar neste conjunto. Logo, pertencer a esta comunidade de Igarapé-MG, principal local de intervenção, quanto atuar em outras

<sup>1</sup> STEYERL, H. Duty-Free Art. In: E-Flux Journal #63 – March 2015. Tradução Luisa de Paula Marques Sousa. Citação no original: “Invisibility is a screen that sometimes works both ways—though not always. It works in favor of whoever is controlling the screen.” Disponível em: <<http://www.e-flux.com/journal/63/60894/duty-free-art/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>2</sup> A atenção dada pelos teóricos da cultura sobre as interações culturais não é homogênea e tampouco resulta em perspectivas que configuram como uniformes a dialética de produção de sentidos individuais e coletivos. Dentro da teórica clássica, o conceito de *campo* traduz a concepção social de Pierre Bourdieu, sendo este um espaço de disputa e jogos de poderes entre grupos com distintos posicionamentos sociais. Segundo o autor, estes espaços de relações seriam dotados de autonomias relativas e regras próprias. Nesta visão enfatiza-se as hierarquias e diferenças entre os agentes produtores e consumidores de bens culturais, bem como a existência de um certo *habitus*, capaz de orientar, de certo modo, o comportamento e decisões destes agentes, ainda que isso possa se dar de forma alienada. Para uma exposição histórica e introdutória sobre os pilares fundamentais desta leitura sociológica da cultura e sociedade ver: BOURDIEU, 2015; PASSIANI, 2006; SILVA, 1995; SETTON, 2001. Entre as principais críticas ao modelo proposto por Bourdieu, estaria a atribuição de uma visão redutora das relações de poder responsáveis por constranger os indivíduos presos a estes contextos, e nesta medida, a aplicação do conceito de “habitus” negligenciaria as nuances e fronteiras, ainda que tênues destas estruturas abstratas “que são por encanto transformadas na base cognitiva para a ação” destes mesmos agentes (MORPHY, 2011. p. 17).

<sup>3</sup> Segundo a professora de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Tania Alkmim, a língua de preto, uma variedade do português utilizada na conformação de personagens negros na literatura e produções culturais desde o século XVI, “representa a contraparte linguística da imagem do negro na sociedade portuguesa. Em Portugal, como em todas as regiões que utilizaram a mão-de-obra escrava, o negro foi associado à inferioridade biológica, cognitiva e cultural. Do ponto de vista linguístico, um exame superficial dos dados da língua de preto nos faz reconhecer, de imediato, a natureza estereotipada da representação da fala de negros. É clara a intenção de ressaltar a origem estrangeira dos negros através do uso de construções gramaticais e de pronúncias incorretas. O negro, como tantos outros tipos populares – ciganos, judeus, camponeses, provincianos – foi alvo do olhar preconceituoso e discriminador, que selecionava e estereotipava seus traços característicos” (ALKMIM, 2008, p. 250-251). Para a autora, estabelecer a existência, no Brasil, de um “Português de brancos” e “português de negros” é uma visão redutora e simplista das questões de representação linguísticas, embora assinalasse as limitações que todas as fontes escritas apresentam em relação a uma oralidade original. Sinhô, sinhozinho, e Nhô são variações do termo Senhor amplamente utilizadas na representação da fala de personagens negros na literatura brasileira do século XIX.

<sup>4</sup> Muitos são os trabalhos artísticos e reflexões teóricas que me serviram de subsídios para a formulação deste objetivo. Elencar com exclusividade qualquer um deles se tornaria um ato precário. Contudo, apresento especial admiração pelas leituras que realizei dos escritores W. B. Sebald (1944-2001), Machado de Assis (1939-1908), Andreas Huyssen (1942-), Renato Araujo (1973-) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Entre os artistas visuais, Gordon Matta-Clark (1943-1978), Felix Gonzales-Torres (1957-1996) e Bruce Nauman (1941-), este último, em especial, após a leitura da tese de doutoramento da professora Dra. Liliâne Benetti intitulada *Ângulos de uma caminhada lenta: exercícios de contenção, reiteração e saturação* na obra de Bruce Nauman (2013).

<sup>5</sup> “Armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas” tornou-se um controverso modo de interrogação sobre a concepção de arte

instituições da arte permitiu-me agir como uma espécie de “laranja”<sup>7</sup> desta rede de agentes construída a partir da circulação das Lembranças de Nhô Tim. Neste sentido, ser um “artista laranja” envolveu, entre outras condições, desde a adesão voluntária e involuntária a esquemas de cooptação do papel do artista por diferentes instituições até ao patrocínio de diferentes práticas especulativas em torno do objeto.

## II

Inicialmente, a proposta de implantação de bancadas para a venda e exposição das Lembranças de Nhô Tim em cerca de 12 pontos na cidade de Igarapé e São Joaquim de Bicas ambicionava criar uma economia paralela por entre esta comunidade. Entre os locais selecionados estavam mercadinhos, botecos, uma igreja evangélica, um restaurante, uma escola entre outros. Nestes espaços, a venda da Lembrança de Nhô Tim foi realizada pelos moradores participantes desta rede, a um valor inicial de R\$4,99 (quatro reais e noventa e nove centavos). Duzentas unidades destes objetos foram doadas a cada um dos estabelecimentos participantes e, como parte de um acordo, toda a renda obtida nas vendas permaneceu com os seus proprietários, em sua totalidade moradores da cidade.

A venda se destinava a diferentes públicos, entre eles, os frequentadores do centro de arte contemporânea Inhotim e a própria população local. Entre os objetivos desta implantação estava a tentativa de deslocar uma parcela do interesse sobre estes jardins contemporâneos para a contrastante condição a que foi disposta esta região e esta população, em larga medida herdeira dos prejuízos gerados, em especial, pela exploração secular da atividade mineradora e seus efeitos, isto é, a poluição do meio ambiente, o desmatamento e outros impactos sociais e na saúde pública causados por esta economia.

O conjunto de intervenções realizadas entorno da produção e venda desses objetos, bem como seu próprio título - Lembrança de Nhô Tim -, faz uso de um parônimo do nome atribuído ao famoso centro de arte contemporânea, o Inhotim. Devido à distinta sonoridade de seu título, este objeto simularia ser tanto um souvenir destinado aos inúmeros visitantes deste centro de arte contemporânea, quanto um evocativo de memórias e questões a respeito de quem seria Nhô Tim<sup>8</sup> e seus possíveis significados.

Se o especulador é aquele que investe com o objetivo de obter lucros ou benefícios superiores à média de seu circuito no menor espaço de tempo possível, sua aposta implica correr mais riscos que seus pares e demais investidores. Neste jogo, seja em uma escala individual ou coletiva, a especulação confere uma crença no futuro ou em um período de otimismo, onde a perspectiva de lucrar é frequentemente a força motriz de novas investidas. Cria-se assim, um ambiente propício para a formação de uma bolha de valorizações. Aqueles que não compreendendo o significado do gesto, mas estão atentos exclusivamente à possibilidade de se beneficiar ou lucrar financeiramente alimentam cada vez mais estas mesmas ondas de valorização. A manutenção deste sistema pode acarretar desde superestimação do valor, criando significados artificiais que ultrapassam os benefícios reais, em termos de

elaborada pelo antropólogo inglês Alfred Gell. Os diversos autores que questionam o modelo teórico de Gell, entre eles MORPHY (2011), argumentam que o uso da “analogia foi longe demais”, onde Gell “desvia a atenção da agência humana ao atribuir agência aos objetos”. Este autor argumenta que “as propriedades mesmas da arte, que Gell exclui da sua definição de objeto de arte e, em grande medida, da sua análise – estética e semântica – são essenciais para a compreensão da arte como um modo de agir no mundo e do impacto que obras de arte têm sobre as pessoas.” (MORPHY, 2011. p. 17).

<sup>6</sup> Boris Groys é filósofo, crítico de arte, teórico da mídia. Este excerto foi extraído do texto: “O Destino da Arte na Era do Terror”, traduzido por Giovane Martins Vaz dos Santos PUCRS/Centro de Estudos em Filosofia Americana (CEFA). Artigo original disponível em: Groys, Boris, *The Fate of Art in the Age of Terror*. In: LATOUR, Bruno; WEIBAL, Peter. *Making Things public: Atmospheres of Democracy*. Londres: Karlsruhe/Cambridge, 2005.p. 970-977.

<sup>7</sup> “Laranja” é uma expressão popular, utilizada comumente em noticiários policiais e designa um indivíduo participante de ação criminosa com ou sem ciência do crime realizado. Estes crimes costumam ser vinculados à evasão fiscal, lavagem de dinheiro, ocultação de patrimônio, transações financeiras e comerciais criminosas, com o fim de ocultar a identidade do verdadeiro responsável pelo crime.

<sup>8</sup> Segundo a professora de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Tania Alkmim, a língua de preto, uma variedade do português utilizada na conformação de personagens negros na literatura e produções culturais desde o século XVI, “representa a contraparte linguística da imagem do negro na sociedade portuguesa. Em Portugal, como em todas as regiões que utilizaram a mão-de-obra escrava, o negro foi associado à inferioridade biológica, cognitiva e cultural. Do ponto de vista linguístico, um exame superficial dos dados da língua de preto nos faz reconhecer, de imediato, a natureza estereotipada da representação da fala de negros. É clara a intenção de ressaltar a origem estrangeira dos negros através do uso de construções gramaticais e de pronúncias incorretas. O negro, como tantos outros tipos populares – ciganos, judeus, camponeses, provincianos – foi alvo do olhar preconceituoso e discriminador, que selecionava e estereotipava seus traços característicos” (ALKMIM, 2008, p. 250-251). Para a autora, estabelecer a existência, no Brasil, de um “Português de brancos” e “português de negros” é uma visão redutora e simplista das questões de representação linguísticas, embora assinalasse as limitações que todas as fontes escritas apresentam em relação a uma oralidade original. Sinhô, sinhozinho, e Nhô são variações do termo Senhor amplamente utilizadas na representação da fala de personagens negros na literatura brasileira do século XIX.



compatibilidade com as demais contribuições na produção de riqueza e valor real, até a sua destruição, quando os envolvidos, neste caso a sociedade, percebem as estratégias dos investidores detentores de maiores informações.

Neste sentido, os especialistas, ao preverem a situação limite de especulação, acionam seu conhecimento para antecipar estas movimentações, ou seja, da extrema valorização dada ao objeto e por isso reconhecem a máxima oportunidade de lucrar antes de todo o sistema ruir. Para o mercado financeiro, este seria o ponto máximo da euforia sucedida pelo famoso termo crash. Esta breve apresentação do que seria um ciclo especulativo exemplar, inspirado pela perspectiva do mercado financeiro, serve de cenário para exprimir alguns arranjos estratégicos na implantação das Lembranças de Nhô Tim.

O intuito é recuperar de forma introdutória uma das intencionalidades do projeto em estabelecer paralelos não apenas com os sistemas de geração de lucro realizados pela mão invisível do mercado, ainda que se refira a venda e circulação de objetos simbólicos, mas também, a própria atividade mineradora, base da economia local e de muitas outras cidades do estado de Minas Gerais e sua direta relação com o universo das artes contemporâneas no Brasil.

### III

19 de julho – (...) Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas dizem: - Que crianças mal educadas! Eu digo: - Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não podem compreender. Vou fazer um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (...)

Carolina Maria de Jesus<sup>9</sup>

Deste modo, ser metaforicamente um “laranja” ofereceu a oportunidade de manifestar posicionamentos acerca do quadro geral ao qual a Lembrança de Nhô Tim se vinculou e, em especial, ofereceu a oportunidade de apresentar por meio de registros e rastros documentais, oficiais e ficcionais, a não uniformidade das recepções e percepções estéticas sobre a Lembrança de Nhô Tim e seus possíveis impactos.

Considerando isso, tomei a leitura de textos de autoria do filósofo Michael Foucault como alicerces para as minhas reflexões em torno da noção de autoria<sup>10</sup> e como antídoto contra uma leitura cristalizante do papel destes diferentes atores e suas relações de poder, isto é, relações aqui entendidas como complexas, não mais compreendidas de forma unilateral, fixas, mas fruto de decisões individuais, marcadas por aspectos locais e também capazes de alcançar um nível macro de influência. De acordo com o filósofo francês, é fundamental:

não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder - desde que não seja considerado de muito longe - não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhes são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem.

<sup>9</sup> Carolina Maria de Jesus “O Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada. p. 21 (6ª. Ed. 1960)

<sup>10</sup> O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol.III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1989, p. 183).

Neste aspecto, ao longo da redação deste trabalho, interroguei-me sobre os riscos de reproduzir e transmitir uma crença vulgar que ecoa atributos de um tipo de individualismo moderno, onde o artista se distinguiria do resto das pessoas tomadas como “comuns” ao exercer sua “criatividade” e, portanto, sua “genialidade”, comumente justificável por uma “ideologia do dom<sup>11</sup>”. Embora esta crença pareça em desuso nos ambientes universitários, este cuidado pauta-se no reconhecimento dos diferentes perfis socioeconômicos, heranças culturais e trajetórias escolares presentes nesta específica localidade a qual escolhi para realizar minhas intervenções artísticas, tomando atenção para não me tornar o porta voz de uma classe específica, ou representante, o que configuraria um “mecenato ideológico<sup>12</sup>”.

Logo, entre as atividades empreendidas, persegui o exercício de autoanálise na tentativa de desfraldar alguns mecanismos que fazem funcionar o “Mundo da Arte<sup>13</sup>” e o meu lugar nele ocupado. Em grande parte de minhas ações, detive-me em tornar visível aquilo que exige cumplicidade para se tornar invisível. O que pode resultar em certo desencantamento sobre a atividade artística, sempre dotada de charme, na qual tem se forjado uma sacralidade permissiva de “imposturas intelectuais<sup>14</sup>” e ampla subserviência aos interesses e ações de perpetuação da dominação social.

## IV

No exercício da escrita deste trabalho, dilemas, desafios, inabilidade, alguns submersos como casas, carros e árvores em lama petrificada, recusam-se a desaparecer, ou mesmo morrer

Michel Foucault – O que é um autor?

A investigação que empreendi durante a maior parte do meu curso de mestrado foi inscrita na área de concentração em Teoria, Ensino e Aprendizagem sob orientação da professora Dra. Dária Jaremtchuk. O objetivo inicial da pesquisa, que então intitulava-se “Da Terra como Troféu: passagens sobre territorialidades, memórias e produções visuais contemporâneas”, partiu de uma série de indagações acerca das relações entre a exploração da terra realizada pela prática da mineração e as possibilidades de produção de memória a partir de um diálogo artístico. A comunidade do bairro Resplendor, na pequena cidade de Igarapé-MG foi o local escolhido por diversos motivos, entre eles o meu pertencimento familiar e algumas características de sua localização geográfica. Esta região de recente urbanização destaca-se, especialmente, pelas transformações da paisagem em decorrência da presença de grandes empreendimentos: o Instituto Inhotim; a instalação de parques de exploração de riquezas minerais, entre as principais o minério de ferro; os presídios (Bicas I e II) e a implantação de conjuntos habitacionais populares.

Desde o princípio, a proposta de produção do objeto intitulado Lembrança de Nhô Tim foi posta como uma articulação poética a uma percepção desta região, a qual tomei

<sup>11</sup> Segundo Bordieu, a ideologia do dom natural ou mito do dom oferece uma aparência de legitimidade ao privilégio de classe. Nesta ideologia “seriam excluídos apenas aqueles que se excluem”. Portanto, “Falar de “necessidades culturais”, sem lembrar que elas são, diferentemente das “necessidades primárias”, produtos da educação, é, com efeito, o melhor meio de dissimular (mais uma vez recorrendo-se à ideologia do dom) que as desigualdades frente às obras da cultura erudita não são senão um aspecto e um efeito das desigualdades frente à escola, que cria a necessidade cultural ao mesmo tempo em que dá e define os meios de satisfazê-la.” (BORDIEU, 1999, p.60). Para uma articulação teórica no estabelecimento de pontes entre as análises de relações de poder entre Bordieu e Foucault ver: CAPPELLE, M. C. A. et al. (2006).

<sup>12</sup> FOSTER, Hall, 2014, p. 162. “O artista como etnógrafo” é um texto tornado clássico por artistas contemporâneos e por um grande número de historiadores da arte que buscam reflexões sobre os paradigmas da “arte de ponta da esquerda”. Segundo Foster, haveria um “desvio de um sujeito definido em termos de relação econômica para um sujeito definido em termos de identidade cultural”[grifos do autor]. O risco do mecenato ideológico, alerta Foster, deriva-se da “suposta cisão na identidade entre o autor e o trabalhador ou o artista e o outro, mas pode também ter origem na própria identificação (ou, para usar a velha linguagem, comprometimento) empreendida para superar essa cisão. (...) A identificação com o trabalhador aliena o trabalhador, antes confirma do que fecha a lacuna entre ambos por meio de uma representação redutora, idealista ou, ao contrário, espúria. (...) Em suma, identidade não é o mesmo que identificação, e as simplicidades aparentes da primeira não deveriam substituir as complexidades reais da segunda” (FOSTER, 2014, p.6).

<sup>13</sup> “Ver alguma coisa como arte exige algo que o olho não pode perceber – uma atmosfera de teoria artística, um conhecimento da história da arte: um mundo da arte” (DANTO, 1964, p. 20). Esta foi uma das acepções oferecidas pelo filósofo Arthur Danto no original “The Artworld”, publicado pela primeira vez em The Journal of Philosophy, Vol. LXI, n° 19: 15 de outubro de 1964. Tradução de Rodrigo Duarte. In: Revista ArteFilosofia, Ouro Preto, n.1, p.13-25, jul. 2006. Cerca de 30 anos depois, ao distinguir sua acepção de “O Mundo da Arte” daquela propagada pelo filósofo George Dickie, autor da “Teoria Institucional da Arte”, a qual afirma aplicar num tipo de “elite emponderada” [empowering elite], Danto acrescenta: ao “Artworld” como sendo “o mundo historicamente ordenado das obras de arte, emancipadas [enfranchised] por teorias que são, elas mesmas, historicamente ordenadas”. No original: “Now, I thought of the art world is the historically ordered world of artworks, enfranchised by theories which themselves are historically ordered.” (DANTO, 1992, p.38).

<sup>14</sup> Cf. PASSIANI, 2006.

sob o desígnio de um “cenário administrado<sup>15</sup>”. Durante este período, almejava estabelecer uma análise crítica a partir da criação deste objeto artístico e das intervenções decorrentes de sua circulação. Para isso, foram propostas inicialmente conexões com trabalhos de artistas contemporâneos como o sul africano William Kentridge e o artista chinês Ai Wei Wei, além da leitura de textos de autores vinculados aos estudos do papel da memória no estabelecimento de narrativas não apenas no campo da arte, mas em outros campos, entre eles a história<sup>16</sup>.

Se, por um lado, as leituras e os estudos realizados ao longo deste percurso foram fundamentais para a formação de subsídios, o levantamento e ampliação de referências para a realização de significativos experimentos artísticos e os aprendizados alcançados, por outro lado, o exercício de análise crítica de meu próprio trabalho visual foi se tornando um entrave. Isto se deu a medida que o esforço de registro documental destas intervenções artísticas e o desejo de descrição de eventos, contextos históricos e sociais envolvidos foram assumindo, tardiamente, seu caráter interpretativo, e deste modo, resultando turvamente em uma espécie de “Auto-Retrato Falado<sup>17</sup>”.

Neste período, busquei fazer uso de procedimentos metodológicos utilizados em leituras críticas nas quais os objetos plásticos em análise não são frutos de seus respectivos autores, como por exemplo realizou a professora Dra. Dária Jaremtchuk em *Anna Bella Geiger: passagens conceituais*. Neste livro, a autora reflete sobre a produção da artista plástica carioca realizada durante a década de 1970, utilizando-se de uma estratégia interpretativa pautada em “teses alargadas”<sup>18</sup>.

E, apesar do desejo em gerar “tanto um espaço de intervenção nas práticas culturais, a partir de uma localidade determinada, bem como uma argumentação de como este lugar específico pode atuar simbolicamente na produção de arte contemporânea<sup>19</sup>” (MEDINA, 2012, p. 23), a ênfase na discriminação do contexto histórico e social da região supracitada, bem como o tom taxativo e descritivo dos eventos ocorridos foram se mostrando incompatíveis com o desenvolvimento dos trabalhos plásticos, estes vinculados a invenções e memórias afetivas.

A migração para a área de Poéticas Visuais ao final do curso de mestrado permitiu que eu acionasse novas soluções para a realização desta pesquisa. Neste ponto, uma alternativa que encontrei para compartilhar a imprecisão e ambiguidade a respeito dos fatos que cercaram os eventos ligados direta ou indiretamente as intervenções artísticas, assim como as tensões, conflitos e diferentes perspectivas sobre as histórias locais e seus atores, foi a criação, manipulação, edição e corte de uma sorte de imagens, textos, citações e depoimentos colecionados na forma de uma publicação ficcional em formato de jornal impresso. Desta forma, procurei forjar uma multiplicidade de vozes e interferências por meio de uma coleção de memórias e anotações, seleções de notícias publicadas em jornais de grande circulação somados a textos ficcionais. No entanto, não busquei mimetizar uma estética associada à transmissão da verdade. Mas sim, da fragilidade destas possíveis verdades. Sendo assim, julguei não ser adequado uma proposta de reprodução do formato de uma edição jornalística tradicional caracterizada por uma estrutura de cadernos e subtítulos divididos em colunas.

<sup>15</sup> “Cenário Administrado” é uma forma de interpretar a simultaneidade das intensas transformações ocorridas nas cidades de Igarapé, mas também na de São Joaquim de Bicas e na de Brumadinho – outras das cidades próximas –, a partir da instalação de empreendimentos capazes de estabelecer significativos diálogos com o seu entorno, por meio de suas estruturas de produção ou por meio dos resíduos de suas práticas, todos aglutinados em torno da exploração e propriedade da terra, o poder do estado e o de grandes corporações.

<sup>16</sup> Entre os principais autores relacionados aos temas de uso da memória e da história na construção de narrativas estiveram: NORA, 1993; HUYSSSEN, 2004; SALMI, 2011; STILLE, 2005; entre os autores dedicados a articulação entre memória e artes visuais estiveram MEDINA, 2012; USUBIAGA, 2012.

<sup>17</sup> “Auto-Retrato Falado” também é o título de uma poesia de Manoel de Barros (1916-2014) publicada em *O Livro das Ignorâncias* - Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1993, pág. 107, onde se lê: “Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas./ Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci./ Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios./ Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos./ Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto meio desonrado e fujo para o pantanal onde sou abençoado a garças./ Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo./ Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado./ Os bois me recriam./ Agora eu sou tão acaso!/ Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço coisas inúteis./ No meu morrer tem uma dor de árvore.”

<sup>18</sup> Através do termo ‘teses alargadas’ sobre arte conceitual, Dária Jaremtchuk propõe uma síntese da reescrita da história da arte conceitual ocorrida nas últimas décadas como ferramenta de análise para os trabalhos de Anna Bella Geiger. Neste texto, além de uma revisão das teses de Mari Carmem Ramirez, Luis Camnitzer e Tony Godfrey, a autora adota a rejeição do termo conceitualismo, realizada por meio do compartilhamento das tipologias oferecidas por Peter Osborne em seu texto, *Conceptual Art*, 2002. Nesta perspectiva seria possível se afastar de uma historiografia exclusivista da arte conceitual, associada a países anglo-saxões como matrizes, permitindo atenuar heranças do modernismo que localizam a produção contemporânea entre termos como “centro” e “periferia”. Desta forma, as contribuições regionais realizadas nas décadas de 1960 e 1970 precisariam ser revistas fora de um único parâmetro de avaliação teórica e poderiam ser incluídas em um fenômeno global.. In: JAREMTCHUK, Dária. *Anna Bella Geiger: passagens conceituais*. São Paulo: Edusp, 2007, pp. 20-37.

<sup>19</sup> In: (MEDINA, 2012, p. 23). Medina refere-se aqui ao seu projeto de curadoria independente desenvolvido durante a Manifesta 9, onde a proposta intitulada *La profundidad de lo moderno* (2012) tinha como partida uma antiga área de exploração de carvão na cidade de Genk, na Bélgica para a realização de uma bienal europeia. Em sua “curadoria carbonífera”, conceito utilizado pelo curador para se referir aos seus modos de formulação da curadoria a partir do site-specific, o carvão mineral serviu como principal elo entre as operações, seja entre as três diferentes propostas curatoriais, os aspectos sensíveis da própria materialidade do carvão como elementos de conexão entre as obras, bem como a sua relação com os substratos culturais e a específica história da cidade de Genk. Desta forma, as obras escolhidas recebem aspectos críticos especiais que dificilmente se revelariam se expostos em outros lugares. (PARRA, 2015).

Assim, optei por explorar as características físicas e simbólicas das colagens semelhantes aquelas realizadas em arquivos presentes em hemerotecas<sup>20</sup>. A ação de seleção de notícias, textos, imagens e citações foram compreendidas como parte integrante da tarefa inventiva de narrar o desenvolvimento desta pesquisa, tal qual a tarefa de redação dos textos autorais aqui presentes. Logo, parte significativa da experiência artística proposta neste trabalho envolve o deparar-se com esta gama de conteúdos e imagens marcados por rupturas e ficcionalidades também evidenciadas por meio de sua materialidade. Para isso, pretendi uma aproximação poética com a expressão “verdades parciais<sup>21</sup>” na qual a pesquisadora Dra. Liliâne Benetti apoia a sua chave de interpretação de parte específica da produção artística do americano Bruce Nauman. Segundo a professora:

Bruce Nauman entende que a arte demanda um tipo peculiar de atividade investigativa – “para cada regra, busco também o [seu] contrário, para revertê-la” –, de maneira que os postulados categóricos dão lugar às verdades parciais; uma expressão recorrente em desenhos, gravuras e esculturas. Argumenta-se, nesses termos, que o artista submete todos os materiais ao escrutínio rigoroso e os testa de formas variadas, convertendo-os indistintamente em matérias-primas. Corpo, fibra de vidro, pedra, argila, pele, palavra, espaço, voz, “grandes temas da condição humana”, referências pop ou citações de artistas, filósofos, músicos: tudo é tratado como material bruto [raw]. (BENETTI, 2012, p. 22-23).

O ponto nevrálgico deste desafio em revisão tornou-se, portanto, a “própria dificuldade de se fazer a passagem de uma lembrança autobiográfica para uma universalização a partir de si mesmo.<sup>22</sup>” O caminho, portanto, foi criar mecanismos, embora autobiográficos e ficcionais, pelos quais os registros, documentos e falas sobre estas intervenções pudessem servir de ruptura ou cisões na linha uniforme das narrativas oficiais sobre este específico local e sobre a sua história, o que desdobrou-se em múltiplas narrativas sobre a própria proposta artística e na diluição da “oficialidade” da minha narrativa de artista.

Contudo, como apresentar acessos a estas experiências artísticas realizadas ao longo dos últimos 3 anos, em larga medida efêmeras, de forma a não reificar noções que atribuem a fala do artista a única verdade sobre seu próprio trabalho? Ou mesmo sem cair em armadilhas de “embelezamento e empacotamento do passado<sup>23</sup>” por meio de estratégias de registro documental<sup>24</sup> destas ações, ricamente disponível através dos diferentes suportes, em especial frente a ebulição das mídias digitais?

É preciso destacar que esta aproximação se deu em meio ao processo de redação desta dissertação e elaboração dos trabalhos artísticos, e que ultrapassam a produção da Lembrança de Nhô Tim. Entre eles, destaco Maré Vermelha (2017)<sup>25</sup>. Diante desta busca por aproximação junto a estas trabalhos artísticos e autores, procurei o reconhecimento do viés interpretativo sobre os diferentes eventos que compunham toda a narrativa, sejam eles os acontecimentos factuais presentes nestes contextos locais ou as memórias pessoais e memórias compartilhadas sobre as intervenções artísticas e seus impactos.

<sup>20</sup> Hemeroteca (do grego *heméra*, que significa “dia”, mais *théke*, que significa “depósito” ou “coleção”) refere-se, basicamente a qualquer conjunto organizado de periódicos (jornais e/ou revistas) cercados por um tema. Antes do advento da internet e do uso de plataformas digitais para a publicação de notícias, as publicações impressas eram as principais fontes para a formação de coleções deste gênero. Atualmente, coleções de materiais impressos podem ser encontradas em bibliotecas ou centros de pesquisa, mas também podem ser vistas como prática domésticas. A hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, localizada em São Paulo, por exemplo, possui cerca de 9200 títulos, com periódicos reunidos desde 1935.

<sup>21</sup> Cf. BENETTI, 2012, p. 22-23.

<sup>22</sup> Esta expressão foi proferida pela professora Dra. Liliâne Benetti durante o exame de qualificação para esta dissertação realizado em agosto de 2017.

<sup>23</sup> HUYSEN, 2004, p. 24-37.

<sup>24</sup> “No caso da documentação em arte, essas mídias não apresentam arte, mas meramente as documentam. A documentação de arte, por definição, não é arte, apenas refere-se a ela e exatamente dessa forma deixa claro que a arte, nesse caso, não está mais presente e imediatamente visível, mas ausente e escondida.” (GROYS, 2015, p. 74)

<sup>25</sup> Maré Vermelha (2017) é o título da vídeo-instalação composta por oito monitores de vídeo, na imagem um corpo jovem, de costas, que se move lentamente, sem tirar os pés do solo, de forma fragmentada, iluminado por uma intensa luz vermelha alaranjada. Este trabalho foi apresentado pela primeira vez na mostra “Osso-exposição-apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga”, iniciativa proposta pelo Instituto Tomie Ohtake e pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa. A exposição foi realizada de 27 de junho a 30 de julho de 2017.

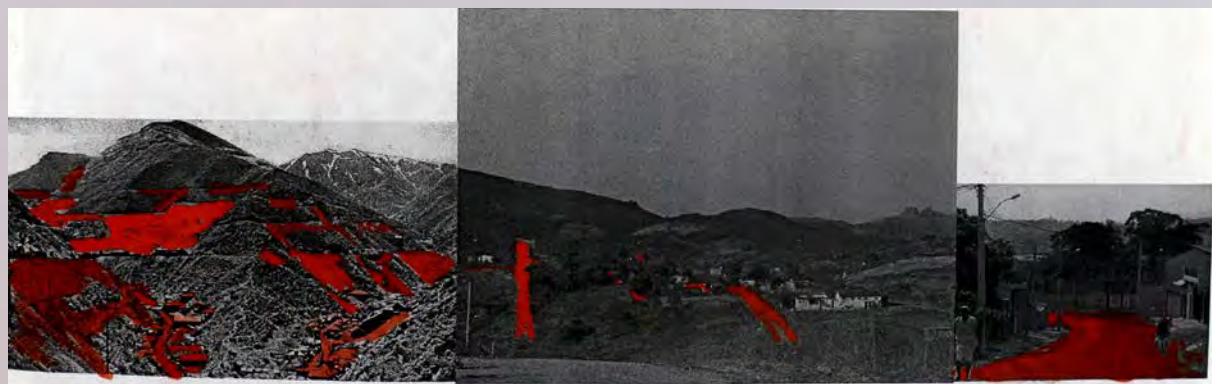
**Avenida Castelo Branco, 161. Bairro Resplendor II Secção. Igarapé-MG.**



Bairro Resplendor II Inhotim

1 Igarapé e São Joaquim de Bicas são semelhantes a muitos outros municípios que tiveram seus centros comerciais fundados às margens da BR-381 Fernão Dias, rodovia que liga São Paulo a Belo Horizonte. Esta configuração urbana torna obrigatório o fluxo de automóveis oriundos destas grandes capitais pela região central das localidades. Segundo classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, a faixa IDHM (2010) – Índice de Desenvolvimento Humano para ambos os municípios está entre 0,6 e 0,69, considerada média. Sendo a renda per capita destas cidades de R\$ 570,58 reais em Igarapé e R\$ 498,26 reais em São Joaquim de Bicas. Para efeito de comparação, por exemplo, Brumadinho, cidade na qual está localizado o Inhotim, possui IDHM alto, entre 0,7 e 0,79 e possui renda per capita de R\$ 910,30 reais. Os municípios de São Joaquim de Bicas, Brumadinho e Igarapé foram fundados, respectivamente, no ano de 1997, 1938 e 1962. (IBGE- 2004). Disponível em <http://www12.senado.gov.br/noticias/entenda-o-assunto/municipios-brasileiros> último acesso em 13/set/2014.

Este é o endereço de residência da minha família desde o ano de 1998. A pequena casa está situada entre as fronteiras de três jovens<sup>1</sup> cidades da região metropolitana de Belo Horizonte: São Joaquim de Bicas, Brumadinho e Igarapé. A recente urbanização do bairro Resplendor iniciada pela criação de loteamentos próximos à rodovia Fernão Dias, ainda está em andamento. Diversos são os relatos que descrevem a origem ~~atual~~ destas cidades. Muitos se baseiam nas narrativas que atribuem aos membros da Bandeira de Fernão Dias, e, aos tropeiros encarregados de transportar mantimentos por entre as fazendas e garimpos, a presença dos primeiros habitantes por volta do fim do século XVIII. Haveria no distrito de São Joaquim de Bicas um garimpo de ouro capaz de ter atraído a instalação da Igreja Matriz e um pequeno comércio para a atual cidade. Outros habitantes já descrevem a região como grandes fazendas utilizadas para a pastagem de gado, isto em um período ainda muito anterior a sua própria emancipação. →



Segundo as informações do Mapa da Violência 2015, estudo que focaliza a evolução dos homicídios por armas de fogo praticados entre os anos de 2010/2011/2012. O ranking mineiro é liderado pela cidade de Betim, em 2º lugar São Joaquim de Bicas e Igarapé está no 12º lugar no ranking.  
<http://www.mapadaviolenca.org.br/>

26/08/2016

Apenas duas cidades mineiras estão na lista das cidades mais violentas do país entre os 150 municípios mais violentos – com mais de 10.000 habitantes, ambas na Grande BH. São Joaquim de Bicas teve taxa média de 70,8 mortes a cada 100 mil habitantes e aparece na 27ª posição no ranking nacional. A outra é Betim, com 50 mortes por 100 mil habitantes, na 100ª colocação na lista geral. Os dados se referem ao período entre 2012 e 2014. Publicado pela primeira vez em 2005, o estudo foi coordenado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, diretor de pesquisa da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

Há alguns anos, os loteamentos do bairro Resplendor sem infraestrutura básica como água encanada, luz elétrica e asfalto eram acessíveis por meio de baratas e longas prestações. Outro fator que <sup>"PARECE CONFIGURAR"</sup> configura a presença destas populações é a proximidade com Belo Horizonte e alguns parques industriais presentes, por exemplo, nas cidades de Contagem e Betim. A oferta de emprego em Igarapé é escassa e não supre a demanda da

população que habita a cidade. Com uma economia baseada na exploração de minério de ferro, água mineral e pequenas plantações de hortifrutigranjeiros, a pequena cidade mantém-se semelhante a outras da região metropolitana, como uma "cidade dormitório".

Além disto, diante de um quadro ainda deficitário de transporte público, sistemas de saúde, lazer e altas taxas de desemprego, os índices de violência tornaram-se cada vez mais alarmantes na região: São Joaquim de Bicas e Igarapé se mantêm por entre as 15 cidades mais violentas do estado. *SAIU DA LISTA (?)*

O número de novos moradores do bairro Resplendor aumentou exponencialmente nos últimos 10 anos. Isto se deve, além da implantação de serviços básicos como escolas públicas, saneamento básico e a construção de avenidas asfaltadas, especialmente às instalações de conjuntos habitacionais populares<sup>2</sup> e de dois presídios em São Joaquim de Bicas (Bicas I e II). ■


"Mapa da Violência coloca Betim e São Joaquim de Bicas em destaque no Brasil"  
 Estado de Minas

2 Em 2012 foram instaladas 264 residências do programa Minha Casa Minha Vida, por meio do programa do Governo Federal no bairro Resplendor. Foram 256 apartamentos, com 44 m<sup>2</sup>, e oito casas destinadas portadores de necessidades especiais ou mobilidade reduzida, com 51m<sup>2</sup>, todos contendo sala, cozinha, dois quartos, banheiro e área de serviço. Disponível em <[http://www.igarape.mg.gov.br/mat\\_vis.aspx?cd=6831](http://www.igarape.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6831)> Sobre Minha Casa Minha Vida> último acesso em 10/jan/2018.

# Livro Registro de Inventario

Da Firma \_\_\_\_\_

Encerrado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Quantidade	Unidade	Discriminação das Matérias Primas, das Mercadorias ou Produtos Manufaturados
15	anos	<p>Há cerca de 15 anos, era intenso o uso de explosivos para a extração de minério de ferro na Serra Azul, em Igarapé, assim como o trânsito de caminhões com estas cargas pelos bairros da região. Este tráfego, por sua vez, disseminava ainda mais a poluição provocada pelas nuvens de poeira causadas pelas dinamites. Não era incomum ver gigantescos depósitos de pó laranja à beira das estradas sem asfalto, principalmente durante os meses de inverno seco.</p>
357	ocres de poeira	<p>Por anos, recolhi amostras desta poeira em variados tons ferrosos e laranjas para testá-las como pigmentos para a produção de tintas para pinturas artísticas. Reuni uma enorme coleção de saquinhos plásticos cheios de amostras das diferentes tonalidades do solo da região. Distribuída em uma escala de tons quentes e pastéis, a "pregnância" daquela poeira era de conhecimento de todos. Afinal, até a pele parecia se contaminar ao longo do tempo. O apelido "pé vermelho", uma alusão a pombos urbanos, era uma forma pejorativa de mencionar o pertencimento àquela região por moradores locais.</p> <p>Infelizmente, estes ocres, vermelhos e laranjas oriundos da forte presença da hematita e de outros minérios de ferro encontrados nesta poeira não oferecem algumas características dos valiosos pigmentos profissionais. O giz vermelho conhecido por sanguínea, por exemplo, também é um mineral pertencente à família dos óxidos de ferro, no entanto, devido a suas inúmeras qualidades, ela se tornou um material clássico pelas mãos de vários artistas renascentistas a partir do século XV, em especial por Leonardo da Vinci e Michelângelo. Para muitos estudiosos, os desenhos anatômicos, estudos e projetos destes pintores italianos foram fundamentais na divulgação do uso deste mineral como material para as artes. Esta rocha de vermelho luminescente, diferente de um bastão de carvão, permite ser apontada por meio de um pequeno estilete. Deste modo, com a ponta afiada, esta rocha pode ser utilizada para traços precisos e uniformes, enquanto o manejo em diferentes pressões oferece manchas esfumaçadas em uma larga escala de tons, inclusive por ser solúvel em água.</p>
7	séculos de XXI	<p>Outra característica que tornou o uso deste óxido célebre entre os séculos XV ao XVIII é sua forte fixação. Ao colocar uma segunda folha de papel sobre o desenho é possível obter uma cópia da imagem original, invertida. Este 'fantasma', fruto do contato direto com a superfície de uma segunda folha de papel, servia de suporte para uma espécie de reprodução em cadeia da imagem a ser realizada pelo próprio autor ou por um algum assistente. Estes e outros recursos plásticos também propiciaram a sanguínea ocupar um lugar de destaque nas doutrinas das academias de Belas Artes ao longo dos séculos.</p>
152		<p>Durante o período em que fui aluno da Escola de Belas Arte da UFMG, entre os anos de 2002 e 2005, eu realizei inúmeros desenhos com lápis sanguínea, carvão e outros materiais até então, inéditos para mim. Realizei muitos experimentos e busquei alternativas para estes materiais, como a queima de diferentes arbustos da região para a produção de fusains<sup>ii</sup> ou a identificação de rochas próximas às áreas de mineração.</p>

i. Entre as invenções de Leonardo da Vinci estão o desenvolvimento de técnicas para representação de volumes como o 'chiaroscuro' - palavra italiana para 'luz e sombra' - e o 'sfumato' que significa fumaça escura ou 'abaixar o tom' o que basicamente referem-se a manúscritos de honrar os limites do desenho. Ao misturar e fundir tons, cria-se a ilusão de movimento. Existem textos que atribuem esta 'invenção' ao artista Andrea del Verrocchio

ii. "Fusain" é o termo em francês para a árvore que produz fusos, comumente utilizada para produzir carvão.





# CADERNO 2





## Tadeu Berdinadzi: O Ato Fálico

Leia íntegra de entrevista com o diretor geral da Pinacoteca do Estado de São Paulo, publicada na Lembrança de Nhô Tim, em que ele revela como observa a intervenção realizada pelo artista Tiago Gualberto na pequena cidade mineira de Igarapé-MG

Publicado em 20/11/2016

Tags: Falo, Arte Contemporânea, Tadeu Berdinadzi, Falo, Lembrança de Nhô Tim, Falo

Lembrança de Nhô Tim (2015), de Tiago Gualberto, nos oferece uma ótima oportunidade de tratar de um tema não tão recente no debate da arte contemporânea brasileira, mas ainda sim candente. Refiro-me à potência erótica da arte que o trabalho claramente nos oferece, tanto em seus aspectos formais, quanto em seu cabedal simbólico. Uma avaliação breve, porém, profunda, tornará mais claro meu argumento. Realizado em múltiplos suportes artísticos e espalhados por um sem-número de estabelecimentos tais como comércios, uma igreja, escola e até um sexy shop, da cidade mineira de Igarapé, uma parte central do projeto configura-se na produção em massa de chup-chups. Ou, como é mais conhecido em São Paulo, o geladinho. Porém, diferente da sobremesa original, sorvida em sabores e cores diversas, o "geladinho" do artista é composto de uma mistura de minério de ferro e cimento, extraídos das redondezas do mesmo lugar em que posteriormente seria vendido por moradores locais.

O que interessa salientar são as suas especificidades artísticas e estéticas desses objetos. O formato longilíneo do produto, já de cara, exterioriza uma volição que direciona-se ao público da obra, e a textura escorregadia do que antes era um doce refrescante, passa a ser áspero, e a densidade que antes derretia, permanece sempre rija. Com isso, os chup-chups de Gualberto eternizam e ressoam a aspereza da paisagem humana e natural de Minas Gerais e, mais do que isso, sugerem leituras possíveis sobre um assunto de longa duração: a representação da sexualidade na arte.

O artista informa que foram confeccionados o total de cinco mil unidades. Produzidos manualmente, os geladinhos de Nhô Tim mimetizam a cadência e a produtividade industrial. E, nesse sentido, não podemos esquecer de uma das lições basilares da arte do século XX: Marcel Duchamp? O distanciamento do autor e o volume do objeto à que ele alude reinstala uma disjunção entre manualidade e a reorganização de fórmulas já existentes, em uma lógica de produção e

reprodução do desejo. A solução formal das peças e sua distribuição "à margem" da oficialidade, faz com que sua projeção fálica ressoe em diversas direções, privilegiando seu aspecto simbólico. Cada uma das unidades funciona como um ponto - um punctum? -, que perfura camadas de significado e se dispersa, polinizando aquelas paisagens mineiras, inseminando narrativas.

Ao propor a venda daqueles objetos por um baixo preço - apenas R\$ 4,99 - Tiago Gualberto busca subverter a lógica burguesa capitalista do objeto de arte. E vai além! Ele mostra ao observador atento aonde mais a arte pode estar. Será se o artista conseguiu vender sua arte perto de motéis à beira das estradas mineiras?

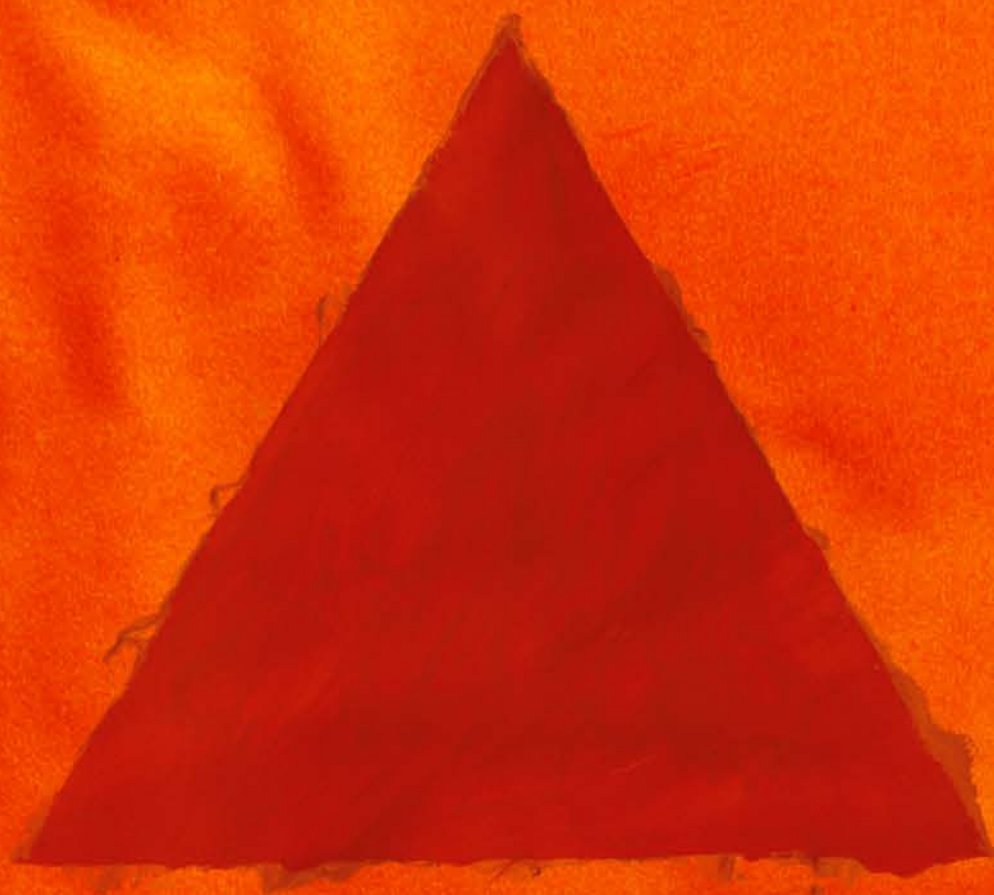
Além disso, o fato do objeto artístico ser vendido à preços populares, faz com que qualquer cidadão possa comprar arte e usufruir de suas várias funções. Objetos com funções eróticas, assim como algumas das peças apresentadas na exposição *Errática: os sentidos da arte*. Realizada em 2005 sob minha curadoria, nos conta da escolha para a mostra de cerâmicas eróticas pré-colombianas: "Neste período onde o sexo é tratado sem constrangimentos, com uma falta de vergonha que poderia chocar muitos dos nossos atuais consumidores da arte, é simples observar que estas antigas peças de cerâmica, de paladar fundamentalmente popular, possam demonstrar como aversões ou preconceitos ao ato da feição, por exemplo, além de outras práticas sexuais, possam ser encarados com humor e sem culpa."



A constituição imagética e material tanto das cerâmicas pré-colombianas, quanto dos geladinhos mineiros de Gualberto, se assemelham nas cores terrosas e na dureza mineral. E com isso manifesta seus componentes eróticos sem pudores, elucidando que eles atravessam culturas, períodos e lugares, desatrilhando o enfrentando padrões ainda vigentes naquela época e em nosso presente. ■



# LEMBRANÇA DE NHO TIM



Projeto Artístico:  
"Passagens sob(re) a terra: lembranças, memória e territorialidade"

Autor:  
**Tiago Gualberto**  
Participação: João Alves

11 de Setembro - 11 de outubro/2016 - Igarapé- MG

[www.lembrancadenhotim.com.br](http://www.lembrancadenhotim.com.br)

Apoio:  
Prefeitura de Igarapé - MG

Realização:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



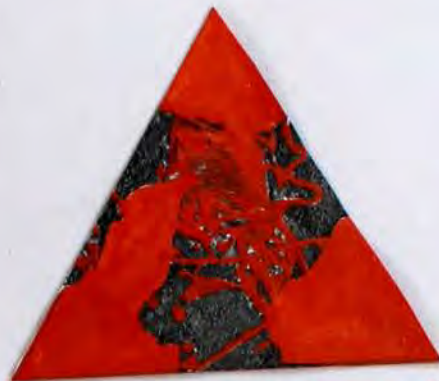
Este projeto foi selecionado pela Bolsa Funarte de fomento aos Artistas e Produtores Negros

## Comida dos Vencedores

<sup>1</sup> Este trecho também é utilizado como epígrafe na abertura do livro *Isto não é Magia, é Tecnologia*. *Ille Sorcier et sa magie*, in: *Les Temps Modernes*, 4o ano, n o 41, 1949, pp. 3-24. [Em português no "Antropologia Estrutural". *O Feiticeiro e sua Magia*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975, pp. 193-213] In: SILVA, Renato Araujo da. *Isto não é Magia; é Tecnologia: subsídios para o estudo da cultura material e das transferências tecnológicas africanas 'num' novo mundo*. São Paulo: Ferreavox, 2013.

"Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro, na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça."

Claude Lévi-Strauss<sup>1</sup>



detalhe da embalagem da  
lembrança de Nhô Tim

Pastor Landino: Glória a Deus meu Pai, ao seu salário, oh meu Pai. Oh Deus, em nome de Jesus, oh Pai, a tua palavra nos diz, oh Pai, que o Senhor é a porta. Oh, Deus amado, então eu vim, meu Pai, nós pedimos ao Senhor, meu Pai. O Senhor é o dono da porta das empresas, o Senhor é o dono das empresas, o Senhor é o dono de tudo que há aqui na terra. Oh, Deus em nome de Jesus, oh Pai, nós te apresentamos estes que estão à procura de um trabalho, meu Pai. Em nome do Senhor, meu Pai, eu coloco em tuas mãos, oh Pai, eu coloco em teu caminho, e eu te peço, Oh, Deus, que o Senhor meu Pai, erga a sua visão e a tua obra, meu Pai, em nome do Senhor Jesus Cristo, oh Pai. Oh Deus que nós oramos, meu Pai, nós colocamos nas tuas mãos, Oh Pai, pois eu creio na vitória em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém... Amém?

Fieis em coro: Graças a Deus.

PL: Quem orou com fé? Digam amém!

Fieis em coro: Amém!

PL: Quem orou com fé, levantem as mãos!

Fieis em coro: Amém!

PL: As duas mãos!

PL: Falem assim: Hoje.

Fieis: Hoje...

PL: Eu orei!

Fieis: Eu orei!

PL: E Deus, ouça.

Fieis: E Deus, ouça...

PL: A minha oração

Fieis: A minha oração...

PL: Todos os dias.

Fieis: Todos os dias.

PL: E a de hoje também.

Fieis: de hoje também...

PL: E o Senhor vai abrir a porta de um emprego.

PL: 'Pra' mim, em nome de Jesus, Amém?

PL: Vamos, felizes, digam Amém!

Fieis: Amém! (Palmas)

PL: Deixa eu dar aqui um aviso bem rapidinho. Dia 02, nós vamos estar realizando a Santa Ceia do Senhor. E no outro domingo, vamos estar fazendo o domingo da vitória. A bíblia fala que todo aquele povo que estava ali na terra de Canaã, a qual eles estavam ali em busca de vitória, Deus deu para eles a Glória. Deus deu a sabedoria para que eles vencessem os perseguidores, 'tá' ok. Então a Bíblia mostra para nós quem eram os vencedores. E o que eles comem naquela época?

Missionária Erci: Eles comem uva.

PL: É verdade! Então, o que nós vamos fazer? Então, no segundo domingo do mês que vem, nós vamos participar trazendo uvas porque nós somos vencedores. Tá ok?

Missionária Erci: Glória a Deus!

Fieis: (Palmas)

PL: Mas eu deixo uma missão para vocês, e olha que ainda falta 4 domingos. Você irá trazer junto com você, três pessoas. E essas três pessoas que você vai trazer, é você que vai pegar a uva e entregar para elas. Ela não vai lá pegar a uva. É você que vai pegar a uva e vai levar para ela. Consinta que você está pegando. Você vai mostrar a ela o cuidado e o carinho que você tem para o bem. Então, no dia 10, comece no dia de hoje, a pensar em trazer 3 pessoas. Tá ok? Três pessoas. Não é para você trazer pessoas evangélicas, não. É para trazer pessoas que não tem conhecimento da palavra de Deus. Tá ok? De repente, uma pessoa que está desviada, aí sim. Então, o que acontece, três pessoas, aí você vai ver o quanto Deus vai abençoar a sua vida.

PL: Amém?

Fieis: Amém!

Erci: Agora, nós vamos agradecer ao senhor pelo culto que foi realizado aqui esta noite, pelos visitantes que vieram aqui esta noite. E pela palavra, nós vamos agradecer ao Senhor. Mas depois que a gente fizer os agradecimentos, o irmão Tiago quer dar uma palavrinha com vocês, ele quer tirar uma foto com vocês. Está na benção, Igreja?

Fieis: Amém! (Palmas)

Tiago Gualberto: Boa noite!  
Fiéis: Boa Noite!

Tiago Gualberto: Eu serei bem rápido. Na verdade, eu gostaria de agradecer a vocês a chance de compartilhar o meu trabalho e a aposta que eu faço nele. Eu espero que ele possa provocar lembranças e conversas entre vocês e quem saiba, ele possa ajudar um pouquinho também. É um trabalho que eu venho desenvolvendo há muito tempo. A ideia surgiu há três anos atrás, ela se concretizou depois de muito trabalho, depois de muita paciência e de fé também. Às vezes, é difícil saber o que um artista faz. Quando o artista pinta, ou uma artista canta...ok...mas tem trabalho que é difícil saber exatamente o que artista faz. Eu visto esta roupa laranja por que, aqui em Igarapé, as pessoas que mais trabalham vestem roupas laranjas. São as pessoas que varrem as ruas, são as que trabalham nas construções, no cemitério. Isso por que a terra encarde, fica da cor da

terra, mesmo. Eu visto esta roupa laranja quando vou trabalhar de artista para homenagear estas pessoas aqui em Igarapé que vestem laranja.

Fiéis: (Palmas)

Tiago Gualberto: É um jeito de homenageá-las. Este foi só um exemplo dos vários significados que eu fui tentando juntar para que o meu projeto tivesse sentido. E ele foi premiado e, então, eu estou muito feliz que ele esteja aqui. E eu sei, com certeza, que a Erci vai conversar com vocês, nós temos uma longa amizade, eu sei que ela compartilha comigo de muitos sentimentos sobre isso. Então, Eu só gostaria de agradecer a vocês, pela participação e agradecer a permissão de vocês por a gente fazer estes registros, Eu e o João. A Erci terá todas estas imagens, enfim. Gostaria apenas de agradecer.

Fiéis: (Palmas)

Missionária Erci: Nós oramos por você, Tiago e pelo João. Que Deus continue abençoando vocês, onde vocês passarem. Continue este jovem corajoso, responsável que você é, desde criança. Vamos ficar de pé! Como eu disse, é R\$ 4,99. Então vocês vão abrir ali. Vocês vão pegar, vão dar uma olhadinha... A primeira vez que eu olhei eu pensei: O que é isso? Mas eu não vou falar não, vou deixar para vocês verem, quando chegar em casa. E ele (Tiago) falou que a renda que der, se vender, será doada para a Igreja. Amém, Igreja?

Fiéis: Amém!

Missionária Erci: Se vocês tiverem R\$4,99 saibam que será em prol da obra do Senhor.

Pastor Landino: Deixa eu falar uma coisa com vocês, me dá uma caixinha dessas. Cuidado que é um pouco pesado. Eu vou contar tudo o que está aqui. Pode Tiago?

Tiago Gualberto: Claro!

PL: Pode?

Tiago Gualberto: Tem tanta história, será que todo mundo tem tempo?

PL: Isso aqui, tem uma história de 20 anos. Imagine ao longo de 20 anos, você juntando um pouquinho de cada mês, um pouquinho de cada semana, um pouquinho de cada ano, para estar aqui dentro aqui? Bacana, né? Então, imagina só: você tirar R\$ 5 reais e saber assim: Eu quero saber a história de Igarapé. Bacana. Já pensou?

Fiéis: Amém! Aleluia! (Palmas)

PL: Vamos levantar a mão para o alto e dizer, a alegria do Senhor é a nossa alegria.

Fiéis: A alegria do Senhor é a nossa Alegria! (Palmas)

Missionária Erci: Senhor meu Deus, agradecemos por esta noite maravilhosa que o Senhor nos concedeu aqui. Oh Espírito Santo, tudo está sendo registrado pela caneta do Senhor. Oh, Espírito Santo é tão maravilhoso que nós saímos de nossa casa para uma casa de oração. Amanhã, cada um de nós irá para o trabalho, alguns para a escola, e o Senhor estará em todos os lugares. Que o amor de Deus Pai, que a graça do nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo de Deus esteja conosco, não só hoje, mas para todo o sempre, amém. Vão em Paz, que Deus Abençoe a todos vocês.

14/10/2016 20:38hrs

\*Transcrição de parte do Sermão realizado pelo Pastor Landino na Igreja Evangélica Quadrangular localizada no Bairro Resplendor II seção - Igarapé-MG, um dos 12 pontos de intervenção onde foram expostas as Lembranças de Nhô Tim.

E disponíveis  
p/ a venda.



(acima)  
Igreja em Igarapé.



\*

“A minha família é uma das fundadoras da cidade. Minha avó foi a primeira professora e diretora do Magalhães [Escola]. Meu tio foi o primeiro que teve um banco na cidade. Um outro tio, foi o primeiro prefeito da cidade. Então, contar a história de Igarapé, tem que contar a história da minha família.

Esse quarteirão que a gente está, era a fazenda do meu avô. E continua sendo da minha família até hoje. E, assim, a tradição, tanto do lado do meu pai, quando do lado da minha mãe continua. A tradição é muito forte e muita antiga na cidade. Temos comércios, cerca de 90% da família é comerciante que nasceu e foi fruto daqui. A família da minha mãe veio de Betim. A família do meu pai veio de Mariana, os dois se encontraram aqui.

Faz mais de 100 anos que estamos neste quarteirão. As árvores que a gente plantou, que meus avós plantaram, os pés de jabuticaba, manga, tudo que está aqui foi onde eu passei minha infância brincando. Eu mesmo, nasci e fui criada em Belo Horizonte, mas por desde que nascida tenho um sítio aqui, então eu convivi com este local a vida inteira. Férias, feriados, sábados, fins de semana, coisas assim. E depois que eu me casei, eu me mudei para cá. Já tem 22 anos que eu dou aula [ensino de artes] na cidade. Continuo sendo comerciante, sou artista plástica. Não deixei o meu comércio de lado. Então, a história é essa.”

(Claudia Amaral Moreira)

- 15/10/2016

16:58 hrs

Minha 1ª professora de Artes.

\*

“Eu nasci aqui. Meus pais também nasceram aqui. Eu vivi minha infância todinha neste espaço aqui. Vi Igarapé crescer. Como eu te disse, quando éramos crianças, brincávamos nas ruas e essas ruas não tinham asfalto. Era só aquele pó de minério. Quando ficávamos todos sujos...era aquela terra vermelha, né? Tinha aquela brincadeira saudável de criança.

Todas as crianças se reuniam aqui. Essas ruas não tinham saídas, brincávamos todos aqui, neste local. Então, é um orgulho muito grande, para mim, ver o tanto que Igarapé cresceu. E o quanto ele vai crescer ainda mais. Quando você se encontra com pessoas daqui, você senta, vai contar casos daquela época. Passa um filme na nossa cabeça, nossa infância, nossa juventude... e agora também, que estou entrando para a melhor idade.

14/10/2016 - Bar

A gente acompanhou esta evolução de Igarapé. As escolas cresceram muito. O Magalhães, por exemplo. Praticamente todas as pessoas que nasceram aqui estudaram lá. Nessa época só tinha esta escola. É um orgulho muito grande fazer parte desta história de Igarapé. E poder compactuar com você [Tiago] que está levando esta mensagem para as pessoas. E espero estar contribuindo para o crescimento da cidade, na evolução das pessoas, como pessoas. Por que não é só a cidade crescer em aspecto populacional, tem que crescer também a estrutura física da cidade, tem que dar oportunidade para as pessoas conhecerem e acompanharem sua evolução.”

(Dalmira Gomes da Silva Costa)

Secretária de Cultura da cidade de Igarapé durante a intervenção.

(de cima para baixo):  
 \*Registro de Cláudia Amaral em 15 de setembro de 2016;  
 \*Sala de recepção do Colégio Magalhães; e  
 \*Bar Pôr do sol, propriedade da ex-Secretária de Cultura Palmira Gomes da Silva Costa.

\*  
 “Eu vim através do meus pais, aos meus 14 anos de idade. Meus pais tinham comércio em Belo Horizonte. Eles tinham muitos filhos pequenos, e como estava ficando muito apertado, eles decidiram vender tudo e vir para Igarapé. Para montar algo para a gente, uma casa, um quintal, coisas maiores para termos um conforto melhor. Quando eu cheguei aqui, tinham muitas árvores, não havia muitas moradias. E daí, eu fui me acostumando... Hoje, tem mais 30 anos que eu estou em Igarapé, uma cidade muito boa. Hoje, cada uma de minhas irmãs tem sua própria casa, eu tenho meu comércio... Com certeza é um lugar bacana para sermos criados. Valeu a pena.”



“Eu acho importante... a arte é uma maravilha para o ser humano, se ele souber entender e interagir bem. Eu achei bem bacana. Para mim não é loucura, é uma coisa muito interessante, e espero que a população reconheça isso, o trabalho de vocês.”



“Eu lembro muito quando eu vim para cá, um terraço vermelho, eu vejo esta arte como a cara de Igarapé, o Minério... Eu lembro quando eu tinha que sair, eu tinha que levar um outro par de sapatos, por que o pé enchia de poeira, mas era bacana, era muito gostoso isso. E como eu vim para cá aos 14 anos, era isso, os pés no chão, aquela poeira, eu acho que isso [Lembrança de Nhô Tim] me faz lembrar de coisas boas.”

(Simone)

15/10/2016

Simone Santana  
 foi candidata a vereadora  
 em Igarapé em 2008

Imagens do Mercado da Simone, localizado na Rua Olívio da Silva Couto, 21, Bairro Resplendir, Igarapé/MG.





\*  
 “Eu nasci e fui criado em Igarapé. Meu avô veio da Zona da Mata pra cá. Depois, minha mãe nasceu foi aqui, veio todo mundo. Eu sou um dos mais antigos daqui. Eu estou com 69 anos. Mas no Resplendor, mesmo, eu nunca morei. Eu sempre morei foi por aqui mesmo, na região. Eu só sai para trabalhar fora, mas eu sempre estava por aqui.”

“Eu tenho quatro filhos, mas eles estão tudo para fora. Só a menina que está por aqui. Um mora em Curitiba, o outro mora em Araçatuba. Eu sempre viajo para lá. O meu bar já tá com 10 anos que está por aqui, já [Bairro Resplendor]. Eu tinha lá em baixo, lá no centro, ali pra cá da trincheira, onde é o ponto de ônibus, e então vim pra aqui. Mas por um tempo eu trabalhei na mineração, por 5 anos em uma e 2 anos em outra...eu mexia na balança, eu era balanceiro. Eu trabalhava nessa aqui de cima, no Inhotim eu não trabalhei não, hoje essa está parada. Eu conheci a região de onde é o Inhotim, na época que era a fazenda do dono da mineradora, mas lá eu nunca trabalhei não. Em frigorífico em já trabalhei um tempo também...”

- (Lepa)

07/ agosto/ 2016

\*  
 Dinho: “Parece uma lava, saindo de um vulcão. Um mar vermelho.”

Purutaco: “Parece de chocolate... Se os meninos verem isso, vão endoidar a cabeça. Vão achar que é chocolate, vão quebrar os dentes da boca.”

Serginho: “Põe dentro da caixinha, e dê de presente para a sua mulher! Primeira coisa que ela vai pensar, você sabe o que é que é, né? (risos) - Óia, ela vai é bater em mim!”

Serginho: “Mas veja, você não deve prestar atenção em só o que está dentro. Tem que prestar atenção na foto [embalagem]. Isso daí é a serra de minério, é a foto da serra, apesar de parecer uma embalagem de perfume.”

(Frequentadores do Bar do Lepa)

07/ agosto/ 2016

\*  
 “A data eu não sei, eu vim pra aqui há mais tempo que ele [Eliab]. Eu comprei um lote ali, em frente ao Seu Dimas, o mecânico. Dali, fiquei uns tempos, depois fui para São Paulo, voltei de São Paulo, e fiquei aqui. Somente isso.”

(José Eulálio dos Santos)

“Sem dúvida, eu vim para cá, por deixar de mexer com caminhão. Eu trabalhava com transporte. Sim, eu me adaptei ao lugar e gostei muito, sem dúvida ficarei aqui por muito tempo. Somente... Só alegria, Seu Zé Eulálio? - Só Alegria...”

(Eliab)

03/10/2016 -

Proprietário de um Sacolão.



Imagens do Bar do Lepa, localizado na Rua Silva Couto, Bairro Resplendor, Igarapé/MG. \*Moradores de Igarapé de cima pra baixo: José Eulálio dos Santos e Eliab; Lepa; e Purutaco.

\*  
 “Quem sou eu? É igual nós estávamos conversando. É uma longa caminhada. Essa caminhada, quem direcionou foi Deus. Por que tudo está nas mãos dele, tudo por ele. E eu morava no Bairro Citrolândia [Betim-MG]. Eu estava morando em um lugar que não era da gente. Nós trocamos um lugar pelo outro, quando a gente foi descobrir, o lugar era invadido. Meu esposo sonhava em ter um lote, ter uma casa enorme, ter espaço, ter um quintal. E meu esposo se interessou por esta troca lá no bairro Citrolândia. E essa troca trouxe muita alegria, mas também trouxe tristeza. Por que só depois nos fomos descobrir que o lugar era invadido, que nós fomos enganados por aquelas pessoas. A gente

procurou os moradores do local de onde a gente morava, mas elas não quiseram desfazer aquela troca. Eu e o meu esposo resolvemos abandonar, “deixar pra lá”, e não se envolver com coisas que poderiam se tornar desagradáveis, tanto para nós quanto para aqueles que nos enganaram. Então se resolveu.”

“E naquele desespero todo, meu esposo trabalhava de vigia, porteiro, na rua Santa Catarina em Belo Horizonte. E quando eu cheguei a descobrir, meu esposo não tinha chegado em casa ainda, tinha ido trabalhar a noite. Era manhã, no horário de nove horas da noite, e eu contei que havia chegado uma pessoa em casa, com o imposto em mãos, provando que o terreno era dele, e tal. Meu esposo ficou desesperado! Ele disse: E agora, como é que a gente vai fazer? Para onde nós iremos? O que iremos fazer? Ficou aquela pergunta. Eu falando com ele, o Ivolando, meu filho menor da casa, e o Bruno, meu filho mais velho, todos nós conversando. O Bruno já era maiorzinho. Por que aqui em casa é assim: a gente conversa. E aí, a gente conversou: E agora, o que vamos fazer? Tanto o Bruno falava, eu falava e o meu esposo falava.

O que nós resolvemos? Na época, só tinha um ônibus que passava em Igarapé, lá na BR-381. Meu esposo chegou com o seu salário, que havia acabado de receber naquele dia. Nosso plano era comprar tijolo, comprar os materiais para construir nossa casa. E quando nós entramos neste lugar, era um cômodo bem baixinho, não tinha piso, o banheiro era de lona...era lona...(risos)...Às vezes é bom falar para ver como é que Deus trabalhou na vida da gente...sabe, Tiago...E aí, o que é que acontece...Aquele lugar, mais do que desorganizado. O lugar lá, era o caminhão pipa que levava água. E sem vasilha para colocar água, eu encontrei um tambor todo enferrujado por dentro, vazio. Eu pensei: E agora, onde é que eu vou colocar a água? Daí, o caminhão

pipa chegava e eu guardava a água dentro do tambor. Devido à água, aquele pozinho decantava, eu pegava a água com o caneco, tudo com o maior cuidado para não pegar aqueles cisquinhos, para poder coar, passando num pano, para aí colocar no filtro. Assim nós iam tomando a água. E tinha também, isso no meio de uma mata, bem na descida do morro tinha um poço. Eu descia com a bacia cheia de roupa para lavar. Lá, neste poço, havia um tanto de mulheres. Elas pegavam baldes, jogavam os baldes dentro do poço e às vezes saía barro. Barro naquela água e aquele monte de mulher. Cheguei certa vez, a bater numa porta, de uma pessoa. A porta estava toda fechada, a casa estava toda fechada. Custou aparecer uma pessoa lá para eu pedir um balde de água, para eu subir aquele morro e eu levar aquele balde de água para a minha família tomar. E nesse dia, estava um calor! Aquele sol, aquele sol mesmo! E eu com o Ivolando, ele estava pequeno naquela época, eu arrastando o Ivolando morro acima com aquele balde de água...Quando arrastava o Ivolando com aquele balde de água, a água ia pingando...caindo...caindo...caindo aquela água. (risos). Por isso que eu estou falando. Tem hora que a gente alembra das coisas e a gente dá risada! A gente sorri por que a gente vê que superou a situação ruim. E o que aconteceu? O Landino, meu esposo, pegou o dinheiro que ele recebeu e descemos para o ponto de ônibus na BR-381. Ele me disse: Se este terreno não é nosso, nós temos que devolver para os donos. Vamos procurar dar um jeito. Então, pegamos um ônibus e viemos parar em Igarapé. E quando chegamos na entrada da cidade, passando pela passarela de pedestres, vimos o Santo Antônio. Ah, que alegria, já nos deu um alento! Eu olhei lá para o lado de lá e pensei: Senhor Deus, se o propósito do Senhor for aqui em Igarapé, o Senhor vai organizar para nós. E aí, nós passamos na imobiliária do Elci. - Sabe o que é

você não ter dinheiro, só ter só o salariozinho do esposo no bolso? E chegar na imobiliária no desespero? Eu cheguei no desespero. Eu disse: “Oi, Elci...nós estamos precisando de um lugar para nós morarmos.” E aí, eu fui explicar a história para o Elci. Ele escutou com carinho.

“E o dinheiro? Cadê o dinheiro? Mas mesmo assim, ele [Elci] nos pegou e pôs em seu carro, nos trouxe até o bairro Lagos do Jordão. Nós olhamos lá, não deu muito certo. Nós passamos perto de um cemitério. Eu nem sabia que aquele lugar era um cemitério [Cemitério do Bairro Resplendor]. Naquele tempo havia umas árvores grandonas, nem cruz aqui tinha. Você se alembra, Tiago? Nem cruz tinha...Como eu tinha medo de cemitério!(risos).

“Vai escutando...Daí, o Elci nos trouxe para olhar tudo aqui. Quando completou três dias após a visita no bairro Resplendor e falou o valor...Eu e minha família se perguntamos: “E agora?” Nós não tínhamos esse valor. Mas antes do Elci nos levar até os bairros para avaliar...olhar o terreno, O Bruno, meu filho, pega uma pirraça no meio da rua. Ele começou a gritar: “Eu não vou morar aqui! Eu já mudei de escola três vezes, e agora vocês querem mudar de novo!” Eu passei pela passarela de Igarapé com o Bruno chorando junto com o Ivolando e Bruno reclamando que não queria morar em Igarapé. Ficou aquela história toda. Aí, o que é que acontece? Nos reunimos e conversamos com o irmão do Landino, ele foi nosso sócio na compra do lote no bairro Resplendor. Ele visitou o lote, combinamos tudo direitinho, voltamos até a imobiliária do Elci. Demos uma entrada, e fomos pagando as prestações certinho. Ele confiou na gente e a gente foi pagando. Hoje, graças a Deus, está tudo organizado, a documentação está organizada. Mas foi uma batalha! Não sei se você, Tiago, se

14 de setembro 2016 - Igreja Quadrangular do Bairro Resplendor



lembra, do lado onde você e sua mãe moravam, tinha um pé de maxixe. Nós descascávamos e comíamos, você se lembra? (risos). Para quê? Para economizar o salário. Eu não sei se você se lembra quando o Landino estava enfermo e aquela coisa toda...Foi muita luta, Tiago. E eu voltei de novo com o processo da água. Aqui no bairro Resplendor era a mesma coisa, você lembra? Você mesmo, me ajudou a tirar muita água da cisterna. Então, o que acontece: Eu, o Bruno, você, a Atalita, sua irmã, nós passávamos ali na cerca de arame farpado, bem ali onde morava o Sr. Sebastião...nós pegamos água com barro aqui, lembra? Ah, esse seu trabalho tem tudo haver mesmo, né? É um chup-chup com barro, né? (risos) Tem tudo haver este trabalho de arte! (risos)...Nós passamos por todo esse processo para você chegar, por fim, a fazer este trabalho de arte. Eu estou muito feliz. Estou muito feliz, mesmo!

Tiago: Às vezes, a gente busca uma explicação muito rápida sobre um trabalho de arte.

Erci: E não é assim.

Tiago: Você percebe que lembrar dessa água, lembrar desse barro são lembranças, associações suas a partir deste trabalho das Lembranças de Nhô Tim? Talvez elas não sejam as mesmas que outras pessoas daqui terão. Ao menos para mim, é assim que a gente vai construindo um trabalho de arte.

Erci: Ah, isso é importante para você? É importante as pessoas irem conhecendo a história...Então é uma arte verdadeira? (risos) Então, tem como? É doideira? (risos) Estamos filosofando?

(Erci) - Missionária, esposa do Pastor Landino

\*  
"Eu vendo salgadinhos, eu vendo chup-chup, eu vendo picolé, balas, doces, flores...orquídeas, de tudo nós vendemos. De tudo um pouquinho. Eu vim morar no Resplendor por que eu pagava aluguel em Belo Horizonte e achei esta oportunidade de comprar este lote aqui. Construí. Vim pra aqui há 35 anos! Criei meus filhos aqui e sou muito feliz em Igarapé, sou muito feliz em Igarapé em geral, incluindo o Resplendor, sou muito feliz.

Sou muito grata por tudo o que eu consegui até hoje, aqui. E não tenho a intenção de me mudar daqui, não. Eu amo Igarapé. Eu amo mesmo...de coração. Eu tenho a intenção de construir uma casinha no terreno que eu tenho na Bahia, pra mim levar meus amigos, para passar férias, para não pagar hotel, nem nada...por que lá é beira de praia...nós temos terreno lá e eu tenho vontade de fazer isto."

(Baiana)

17/10/2016

Co Bairro Vila Rica - S.J. Bicas

\*  
"Eu vim pra cá, eu tinha mais ou menos, 3 anos. Eu morei no Recanto do Sol, depois eu voltei para a minha terra natal, Peçanha, e depois de casada eu voltei para cá. Ai, eu não quis mais morar no bairro Belo Vale. Falei para o meu marido, se a gente se mudasse para outro canto, eu viria numa boa. Daí, quando a gente veio para cá, só tinham 3 famílias. E uma dessas famílias, era a sua mãe [Selma, mãe de Tiago Gualberto]. Compramos o lote, e fomos construindo devagarinho. Após 2 anos, viemos para cá de vez. Faz 25 anos que moramos aqui. Neste espaço, eu reformo roupas, faço qualquer tipo de reforma. Mexo com salão de beleza, menos química, por que eu não posso. Mas escovo, relaxo...faço o básico de um salão. E mexo mais com minhas peças íntimas, que é o que mais gosto de fazer...e as reformas, que também gosto de fazer. E sou manicure também! Se alguém precisar de manicure, só me procurar."

- (Solange) -> Salão



Salão Vieira S.O.S. Reformas,  
localizado na Av. Castelo Branco, 71  
Bairro Esplendor, Igarapé/MG.

(19/10/2016)

\*

“Eu vim em busca de melhorias de vida, eu vim em busca de paz. Eu morava em Belo Horizonte e queria ter paz. Foi aqui que eu encontrei esta paz. A classe média, em Belo Horizonte, ela sofre. Ela não tem condição de pagar um bom aluguel, e por isso ela busca outro espaço. Por que lá, pagar aluguel é a coisa mais difícil que tem. Na época, eu achei que aqui eu tinha mais condições de criar os meus filhos, lá eu não tinha espaço. Lá, eu me sentia como uma formiguinha, como uma formiguinha que a qualquer hora poderia ser pisada. E aqui, em Igarapé, eu cheguei em uma casa sem porta e sem janela, trouxe uma máquina de costura e uma trouxa de roupa, de pano, de tecido. Meus meninos disseram: - A senhora vai costurar para quem? Para as vacas, para os bois? Era só mato. Mas foi bom. Aqui eu aprendi até a levantar parede para ajudar ao meu marido. Na época, tinha que ajuda-lo. Senão não teria condições de fazer a primeira casa. Mas, se tem um lugar que eu me encontrei foi aqui. Lugar maravilhoso. É claro que seus...seus...Mas para quem sabe viver, isso aqui é maravilhoso.”

“A minha história é normal, é corriqueira. É como outra qualquer. É uma pessoa que veio de Janaúba, que veio andando...tentando salvar um casamento, e salvar a família, e criar essa família de uma maneira digna. E veio de lá pra cá, veio andando...de Montes Claros, Belo Horizonte, fui até o Rio, voltei para Minas Gerais, chego em Igarapé, aqui me estabeleço, começo do zero.”

“Uma coisa bacana, que eu acho, é que até hoje continuo fazendo a mesma coisa. Estou até tentando fazer outra coisa, estou com outro projeto, começando do zerinho. Estou construindo uma casa do zero, de novo, em outro lugar. E chegando aonde eu cheguei, hoje, eu me sinto vitoriosa. Quando os

meus filhos reclamam de alguma coisa, ou até mesmo, quando eu reclamo de alguma coisa, eu mesma me...reclamo! Por que eu digo para mim mesma: - Você não tem o que reclamar! Afinal de contas, você tem tudo! Seus filhos, você conseguiu criar sem ter que se prostituir ou coisa parecida, sozinha. Isso para mim é muita vitória, é muito.. muita vitória para mim. É muito vitorioso.”

“A única coisa que me atrapalha, e talvez eu seja ignorante no que eu vou dizer...talvez eu seja ignorante no meu trabalho. Eu sou a mulher que tem hora para tudo. A hora de vestir curtinho, de tomar uma cerveja, de brincar com os amigos e tem a hora de trabalhar. E na hora de trabalhar eu sou uma mulher um pouco rígida. Sabe, sou muito focada naquilo. Isso deve ser o meu maior problema. Muitos me amam, mas deve ter muita gente que me detesta. Mas é normal, nem Jesus pode agradar a todos. Eu sou feliz, eu sei que sou feliz. E principalmente, eu amo a todos que eu encontrei neste lugar, na região, na época. São pessoas que começaram neste lugar junto comigo. Do zero, do nada. E hoje estão bem, também. A minha vida é um exemplo de vida para quem quer vencer e quem quer trabalhar. Pra quem tem coragem de trabalhar. Por que, para isso, tem que ter coragem. Para chegar até onde eu cheguei, tem que ter coragem. Não pode ser de qualquer forma. Eu não achei minha mãe pra me dar. Eu não achei no meu marido, uma pessoa de marido...Eu tive uma obrigação: Criar meus filhos. E isso eu fiz. Criei da melhor maneira. E hoje, eu me sinto, a Ana Maria Braga! (Risos)”

“Olha, eu sou conhecida por ser muito sincera em minhas ações. Num primeiro momento, eu fiquei sem entender, o porquê da Lembrança de Nhô Tim, desta Lembrança de Nhô Tim. Eu não entendia o porquê vocês estavam tendo tanto trabalho para vender

um chup-chup. Mas daí depois, depois de muito pensar...pensar, pensar, eu vi o seguinte: eu fiquei imaginando se vocês não estariam brincando com o povo de Igarapé, com este trabalho das Lembranças de Nhô Tim. Por que? Por que...a classe...a classe média, que não se importa com a cultura, ela não vai entender o trabalho de vocês. “A ideia”. Não vai, não vai. Mas vai ter muita gente que vai. Vai ter muita gente que vai. Eu! Eu entendi da seguinte forma: Que vocês queriam provar, e esta é a minha maneira de pensar, que, quando você quer trabalhar até...o... a terra te dá um meio de vida. Se você tiver inteligência, se você souber trabalhar a terra. O que eu entendi foi isso: se você souber trabalhar a terra, ela te dá o sustento. Tem que saber trabalhar, tem que ter inteligência. Não pode só colocar a terra dentro de um saquinho e sair por aí vendendo terra. Mas em cima de sabedoria, foi isso que vocês conseguiram, ao menos para mim, passar. E eu acredito nisso, por que eu sou uma dessas que acredita.”

“Olha, eu comprei um terreno na cidade de Três Marias que não tem água [saneamento básico]. Tinha uma vala. Eu fiquei rondando aquela vala, era uma grotta, cheia de pedras. E eu andando por lá, olhei e me deu uma tristeza...comprei este terreno sem água...Aí eu achei uns ossos estranhos...e trouxe para casa. Depois disso, pensei: aqui tem água! O povo: “não”, eu disse: aqui tem! Mas para pagar alguém para ir até lá caçar água, ele não iria acreditar em mim, então não deu. Então, tive que ir eu mesma, ir tirando as pedras onde eu acreditava que tinha água. E a coisa mais bonita que tem é ver a água ali, nascendo por entre as pedras. E eu descobri ali, aquela água descendo das pedras. Foi uma coisa bacana, era para ter sido filmado. Só não filmei por que tinha acabado de sumir meu aparelho celular. Eu estava sem telefone nenhum para filmar. Então eu vi que quando a gente quer, a gente faz. Eu quis a



Interior da Vendinha da Eva, Av. Castelo Branco 211, Bairro Resplendor, Igarapé/MG.

água ali, mas para isso eu tive que batalhar, eu tive que buscar ela ali. E com um pouquinho de trabalho, hoje eu tenho água lá. Hoje eu tenho água no terreno. E muita água. Mas eu tive que ir com as próprias mãos, arrancar pedra, tirar pedra, provar para o rapaz que iria cavar o chão que ali tinha água, que era possível, que aquelas pedras eram removíveis. Só aí, eu consegui ter a água. Os outros lá não tem, por que não tiveram a coragem que eu tive de fazer. Foi isso que vocês passaram. Foi o que eu entendi, foi isso que vocês passaram para a gente. Eu acho isso é um exemplo do que vocês estão dando para o brasileiro. É que quando você quer, você faz. Deus te deu tudo na sua mão. Está lá na sua mão. É só você usar um pouquinho a inteligência e descobrir. O que eu faço com essa pedra? O que fazer com esse pedaço de terra, eu só tenho essa terra...O que eu faço com ela? Como eu posso sobreviver dessa terra? Como eu posso sobreviver com essa pedrinha que eu achei? É isso o que eu vejo.

(Tia Eva) \* Proprietária de um mercadinho no B. Resplendor

Entrevista concedida a João Alves em  
um bar em Igarapé.

\*  
“Eu não entendo essa coisa de arte...arte...arte...contemporânea, mas de graça...Pensei: o cara ganhou dinheiro do governo para fazer chup-chup de barro? Quem vai comprar isso? Tá doido? Idéia de doido. Desse jeito vou ganhar alguma coisa também, uai. De cara, eu vi vantagem...Não é que a gente só faz coisa por interesse. Não é isso, não... Eu mesmo ajudo aqui em Igarapé sem receber nada. Tem muito moleque que mexe com droga aqui em Igarapé. Tem demais...só!. Não tem trabalho, não tem nada para fazer, aí cê já viu.”

“Eu gosto de bater uma bolinha, então eu chamo os meninos para treinar. Eu tiro eles das drogas...Tem demais aqui...E eles mata também. Mata um de dia e amarra outro para matar de noite. Tem dia que é 5. Tudo novinho. Já vi morrer tudo da mesma família de uma vez só aqui no Vila Rica [bairro de Igarapé].

“Curti o lance de chamar Nhô Tim. Lembrança de Nhô Tim. Eu tive já três vezes no Inhotim. Fui no cata osso [ônibus] da prefeitura de Igarapé. Fui acompanhando os moleques. Não me quiseram tirar a camisa lá no parque. Solzão daquele, o calor de rachar o coco, eu não pude tirar a camisa. Os seguranças que ficam escondidos no meio do mato lá não deixam. É só você querer tirar uma mudinha das plantas, eles aparecem e pega você na tocaia...Tem câmara, não é possível...(risos). E minha mulher louca por uma orquídea!”

“Eu jogo bola com o pessoal do Farofa [Bairro próx. Inhotim]. Um cara lá trabalha catando as bosta dos pitbull do Inhotim. Pitbull, não, só, esqueci o nome...Rotivale? É assim que fala? Eles soltam uns 50 cachorros daquele de noite. Não sei pra quê, vão roubar o quê daquele lugar? Eu queria era morar num Pavilhão do Inhotim. Ser que nem o dono do Inhotim, morar num trem chique daquele. Minha mulher fica vendo o Inhotim pela televisão, fica tendo ideia. Esses dias cismou de querer pintar cada parede de casa de uma cor. Falei para ela: cê tá doida? Comprar um galão de cada cor amarelo, vermelho, roxo e azul pra parecer Inhotim? Quem tem dinheiro para isso? Cada ideia...”

“O Leleco diz que chega encher um tambor de 60 litros de bosta por dia. Acorda cedinho para catar as merdas espalhadas pelo parque com mais uns dez. As bostas do Rotivale é bitelo! A sorte é que eles preferem cagar no mato. Se cagar no cimentado dos Pavilhão, tem que chamar o povo para lavar antes dos visitantes chegar. Pelo menos tem serviço, tá fichado. Tá difícil por aqui. Depois que Eike Batista

quebrou, mandou gente embora demais. Os botecos estão tudo cheio. Vi gente vender casa, carro, tudo para servir marmitex pro povo da mineração. Foi embora todo mundo. Acabou a mineração, acabou serviço. Zé Carlos está lá, só na cachaça, dia inteiro. Fora os que estão no craque. Tá dando isso aqui que nem mato.”

“Na hora eu achei safadeza. Mas vi na caixinha, achei bonito. Não estraga, né? Se fosse de suco, mas é de barro. (risos) Pensei: não vou nem amostrar. Besteira colocar para vender isso aqui. Vender barro duro para quem? Ainda mais que é pesado. Vou guardar para quando ele morrer. Brasil é desse jeito. Depois que morre é que o povo dá valor. Vou guardar as Lembrancinhas do Nhô Tim. Vai que vale alguma coisa no futuro. Lá no Inhotim tem cada coisa. Eu prefiro as plantas. Mas se hoje vale R\$ 4,99, imagina daqui um tempo. Se ele [Tiago] morrer? Vai valer alguma coisa. É só multiplicar. Tem umas duzentas. Talvez o povo de São Paulo compre. Sem falar que eu gostei da mesinha. Minha mulher vai poder colocar umas plantas em cima.”

(“Tetinha” - Damasceno Pereira)

Bairro Conarinho - Igarapé.  
19/10/2016 -



\*  
 “Olha... A minha história aqui em Igarapé começou assim: Eu vim para montar uma loja de fraldas descartáveis. Não deu certo. Vendi todas as minhas máquinas e continuei aqui na tentativa de conseguir alguma coisa. Um trabalho melhor, alguma coisa assim. Conheci o Geraldo, daí fomos morar juntos... eu continuei aqui em Igarapé e estamos... aqui até hoje. Depois, veio a minha filha também...E nós estamos aqui trabalhando e tentando. E graças a Deus, está dando tudo certo.”

O que é, para você a Lembrança de Nhô Tim?

“É uma coisa nova, uma novidade para a gente. Jamais a gente imaginaria que o minério daria um chup-chup.”

Olhando para este projeto das Lembranças de Nhô Tim e o que está acontecendo, o que te chama a atenção?

É como eu te falei, é uma coisa engraçada, que a gente não tinha visto. É uma coisa que veio de várias nações. Eu já ouvia falar, mas não tinha conhecimento direito, ainda...nesta parte...

Me disseram que você vivenciou uma história curiosa. Você poderia nos contar, por favor?

“Um Senhor chegou aqui...e daí, oferecemos a ele a Lembrançinha de Nhô Tim. Ele ficou curioso, e disse: “O que é que tem aí dentro?” Daí dissemos: - Ah, não tivemos a curiosidade de abrir, para olhar. (risos). Ele abriu, olhou, fechou, ficou sem graça. Perguntamos para ele:

- Vai levar? Ele disse:

-“Não, eu passo muito tempo sentado no sofá”.

A gente não entendeu direito o que era, o que ele quis dizer com esse “sentado no sofá”.

“Bom, eu queria agradecer a presença de vocês aqui. Gostamos muito. Espero que voltem mais vezes. Foi uma coisa, assim, que a gente não tinha visto na cidade. E vimos agora. Espero que continue. Vai ser bom para nós, para vocês, para a cultura da cidade. Para as pessoas terem mais conhecimento também. Por que hoje, as pessoas não procuram mais saber...uma coisa que para essa cidade aqui é o meio de emprego...uma coisa que leva a cidade a ter mais movimentação. É o que a gente espera. -

(Sônia Terense de Oliveira Couto)

19/10/2016

*Cozinheira responsável pelo almoço e precido no dia da abertura das intervenções*

\*  
 “Eu vim para Igarapé, há um bom tempo. Eu vim quando criança, com os meus pais há 20 anos. Então, tem um bom tempo que eu moro aqui em Igarapé. Minha família é de Belo Horizonte, inclusive eu nasci lá.”

Você possui uma graduação em Turismo na UFMG. Como você tem visto este “turismo” na casa de Cultura de Igarapé?

“Pois é, esta é uma boa pergunta. A gente sabe que aqui no município essa área da cultura e das artes não é muito...ela não é amplamente divulgada. Esta questão não é muito trabalhada, infelizmente. Por este lado, deixa a desejar um pouco.

Mas minha ideia é sair da cidade, do município...quando der, quando melhorar essa situação econômica do Brasil e a situação política que tanto interfere nas vidas das pessoas. Melhorando isto, pretendo sair, já que aqui na cidade, realmente, não tem um “mercado turístico”.

E você gostou de algum trabalho pontual aqui presente na exposição “Lembrança de Nhô Tim”?

“Sim, mas gostei do trabalho como um todo, na verdade. É realmente muito interessante seu trabalho, Tiago. Eu gostei muito do vídeo presente na mostra. Ele sintetiza tudo, ou quase tudo o que você quis dizer, quis falar, quis mostrar. Acho que isso fica bem claro para a gente, ou para alguns que tenham esta visão mais apurada ou crítica. Acho que fica bem claro. Eu gostei muito daquele quadro que tem a imagem da implosão de uma parte da área de mineração, onde eles fazem as implosões. Eu achei bem interessante também.”

Como é morar no Bairro Resplendor?

“Bom, eu moro aqui, como já disse, há 20 anos. E dos 15 anos para cá, o bairro Resplendor deu uma explosão demográfica. Realmente, ele mudou muito se comparado ao que era antigamente. Hoje, muita coisa está melhor, comparado ao que a gente encontrava no passado. Mas ele ainda tem muitos problemas. Sobretudo, problemas de saneamento, problemas de segurança, problemas de educação também. Além, como já disse, quase não se tem um fomento às artes, à cultura. Infelizmente, deixa muito a desejar.” - (Antônio de Pádua)

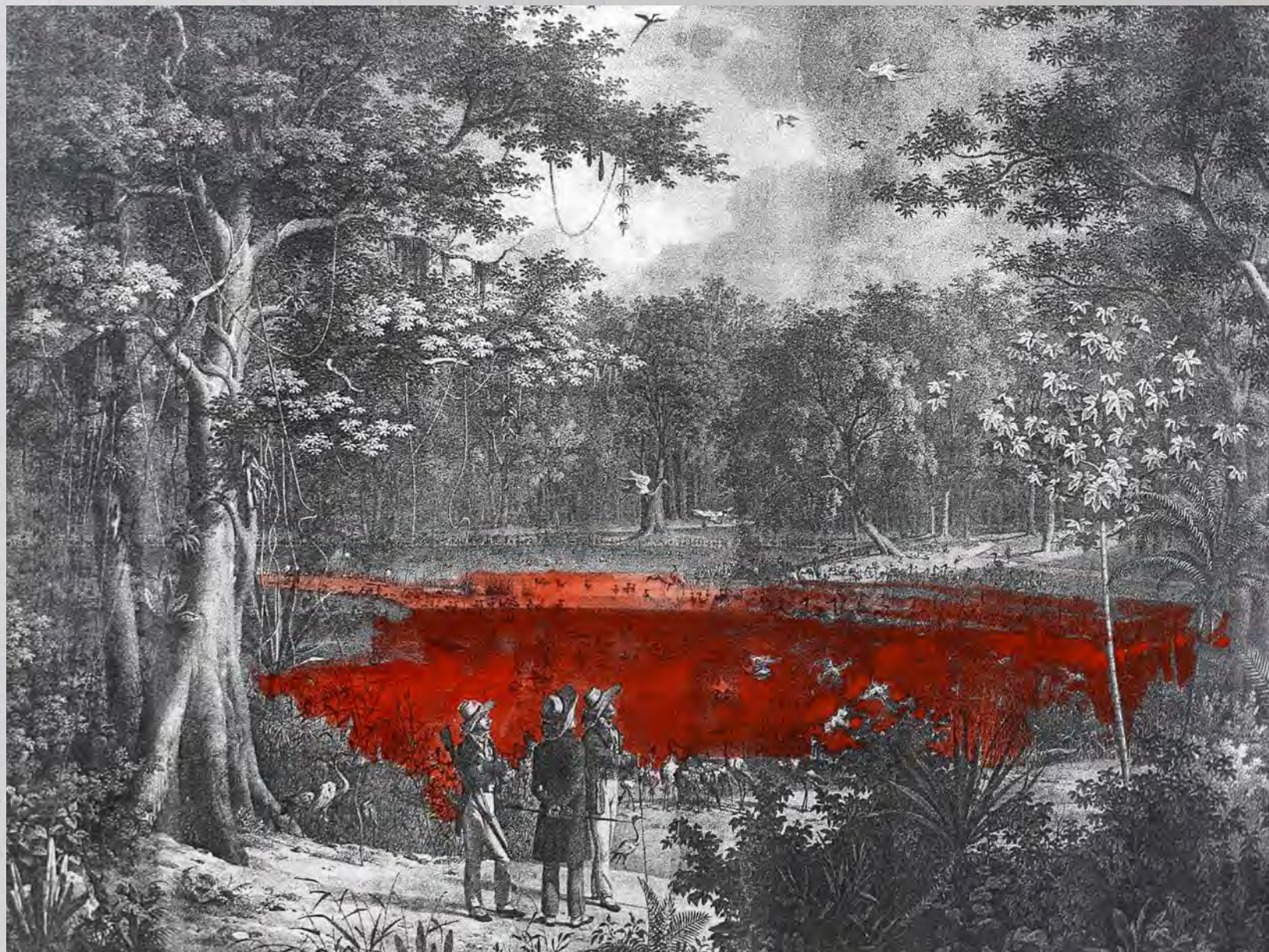
*Ahualmente estudante de Relações Interacionais na UFMG.*



Didi ao lado de Antonio em frente ao Mercado da Simone. Igarapé/MG, 19 de setembro de 2016.



Valor Unitário NCr\$	Valor Global NCr\$	Total Geral NCr\$	Observações
A produção das Lembranças de Nhô Tim			
<p>A rotina se repetiu por um pouco mais de duas semanas: acordar antes das 06:00 da manhã, preparar os equipamentos, verificar a lista de materiais e utensílios, programar as tarefas do dia. A meta foi aproveitar o período de férias do cargo de pesquisador de conteúdos do Museu Afro Brasil para realizar os preparativos locais da intervenção em Igarapé e produzir as cerca de 5 mil unidades de Lembranças de Nhô Tim. Além de levar em conta a distribuição por entre os 12 locais de venda e exposição, fazia parte do plano destinar um bom número de Lembranças para serem expostas na Casa de Cultura de Igarapé. Devo também admitir que a sugestão de Emanuel Araujo, diretor e fundador do Museu Afro Brasil, foi pertinente. Durante uma rápida conversa, onde eu apresentei a ele uma versão inicial deste projeto, Araujo salientou que um indivíduo só se tornaria um verdadeiro artista quando sua produção alcançasse o número de 5 mil obras.</p> <p>Este comentário inspirou o limite de produção a 5 mil unidades de Lembranças de Nhô. Para esta empreitada, isto é, para a produção de 5 mil unidades, obtive ajuda de meus familiares. Antônio Carlos, meu pai, foi o responsável pelo desenho das bancadas expositivas produzidas em ferro e por ele construídas, assim como a produção das molduras, também em ferro, utilizadas para expor as imagens presentes na mostra. Ele também desenvolveu um mecanismo engenhoso, um balde contendo uma espécie de torneira. Após realizar a mistura dos ingredientes, a lama feita com o minério, coletado das redondezas por nós e cimento, pudemos encher facilmente os pequenos sacos plásticos utilizados para fazer chup-chups. Assim, uma equipe composta por mim, Sirlene Santana, a esposa de Antônio, Simone Santana, sua cunhada e proprietária de um dos pontos de implantação da Lembrança e Alessandra Oliveira, filha de Sirlene, foi a responsável pela produção deste objeto em larga escala. O local escolhido para esta produção foi o quintal da casa onde cresci, atual residência de Antônio e Sirlene. A pintura das plantas com tinta acrílica laranja foi realizada com apoio de Haroldo Amâncio, o Didi, esposo de Simone. A remuneração por todos estes trabalhos foi feita a partir de um acordo entre as partes.</p>			





# CADERNO 3



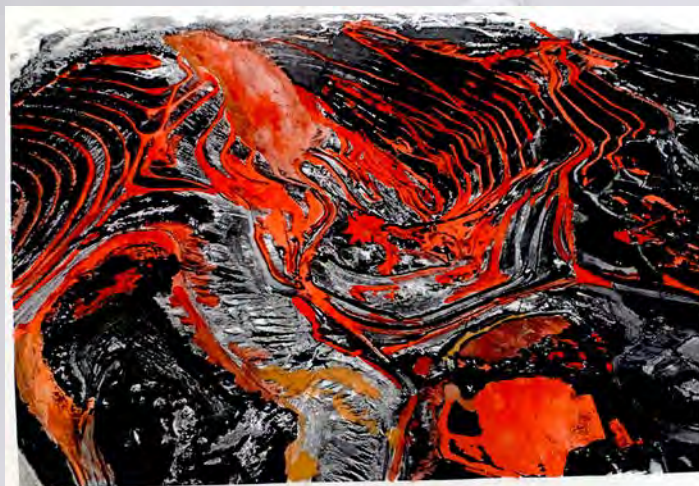
**Vale Investirá R\$ 4 milhões no Inhotim**

## Inhotim, Sim, Senhor

De acordo com o Centro Inhotim de Memória e Patrimônio (CIMP) criado em 2008, as várias possibilidades de origem do nome do instituto de arte contemporânea estariam relacionadas a corruptelas de nomeação, por parte dos antigos moradores locais, do nome de um dos proprietários das terras onde se localiza atualmente o parque. Este minerador de origem inglesa, o 'Sir Timothy' ou 'Sr. Tim', poderia ter gerado o apelido 'Nhô Tim'. Como também, de acordo com a pesquisa do CIMP:

Há ainda o relato da viagem do engenheiro inglês James Wells pelo Brasil entre os anos de 1868 e 1886. Em determinado momento, ele relembra uma conversa com um trabalhador negro em uma estrada próxima à Brumadinho. O linguajar local indica que a palavra Inhotim poderia ser uma corruptela da expressão usada pelos escravos para dizer sim senhor: "N'hor sim". A existência de seis comunidades quilombolas no município de Brumadinho, quatro delas reconhecidas pela Fundação Palmares, reforça a hipótese (INHOTIM, s.d.).

O Inhotim já recebeu inúmeras nomeações, tais como: CACI -Centro de Arte Contemporânea Inhotim em seus primeiros anos de existência; Instituto Cultural Inhotim; Jardim Botânico; Museu e Parque. A presença destes diversos títulos pode demonstrar o quão complexa é a tarefa de escolher uma entre as várias nomeações, de forma que abarque o espaço em suas variadas características. A preferência pelo termo Inhotim tem sido a opção oficial. Contudo, a palavra Inhotim, vista de forma isolada, confere ambiguidades por também se tratar de uma comunidade rural, existente desde o ano de 1870 na cidade de Brumadinho. Com uma população de aproximadamente 300 habitantes entre os anos de 1995 e 2005, a 'Comunidade do Inhotim' foi, a partir de 2002, extinta em função da expansão latifundiária do Centro de Arte Contemporânea Inhotim. A compra de cada uma destas casas, escolas, igrejas e até mesmo postos de saúde foi feita pelo empresário Bernardo Paz para sua demolição e posterior construção dos jardins e edifícios que compõem parte dos atuais pavilhões e galerias do novo Inhotim.



*Réquiem para o Inhotim* (2011), de autoria do professor e jornalista Valdir de Castro Oliveira, é um dos primeiros testemunhos publicados que se posiciona criticamente frente ao fim desta comunidade em Brumadinho. A partir de uma abordagem poética e ensaística, Oliveira se valeu do seu acervo pessoal, fotografias, depoimentos de ex-moradores e vivências junto aos amigos e familiares residentes no lugarejo extinto. Inúmeras reportagens publicadas a partir do ano de 2003 pelo Jornal Tribuna do Paraopeba, no qual Oliveira foi editor, também serviram de referência para a construção de seu texto. O livro traz imagens fotográficas do cenário local e de paulatina destruição das construções da comunidade para o manejo do terreno e limpeza. Valdir Oliveira menciona em entrevista que:

Embora as negociações e transações para aquisição dessas propriedades tenham sido feitas de forma relativamente respeitosa e pacífica e por preços justos, inúmeros conflitos colaterais e discordâncias ocorreram entre as partes, principalmente por parte de alguns moradores que, ambigualmente, por um lado aceitavam as vendas, mas, por outro lado, não aceitavam o fim da comunidade. Também criticavam as formas de agir do Museu por interferir na paisagem local e destruir vários de seus bens comunitários (bens materiais e imateriais) construídos em regime de mutirão ao longo dos anos muito antes da chegada do Museu. (OLIVEIRA, 2010, p.21)

Logo após seu lançamento, o livro teve uma pequena repercussão em jornais locais e espaços públicos como bibliotecas e escolas. Um grupo de ex-moradores do Inhotim propôs um projeto sobre a memória desta comunidade junto ao centro de arte contemporânea durante a gestão de seu ex-administrador, Marcelo Teixeira. Com a saída deste, o projeto foi cancelado (OLIVEIRA, 2011).

Apesar da existência de uma Diretoria de Inclusão e Cidadania<sup>1</sup>, responsável pelo CIMP, atuante na “captação, preservação, valorização, disponibilização e a divulgação de acervo que recupere a história socioambiental e o patrimônio cultural herdado pelas comunidades de Brumadinho e, em objetivo mais amplo, da região do Médio Vale Paraopeba” (LOPES; MARQUES, 2013, p. 62) não foram encontrados



durante este levantamento informações a respeito desta extinta Comunidade do Inhotim nas plataformas de publicação do instituto.

Um dos contrapontos propostos pelo centro de arte contemporânea destinado a dar manutenção a memória sobre os antigos moradores refere-se a realização do mural intitulado “Abre a Porta”. A autoria é do artista americano John Ahearn produzidas em parceria com o artista nascido em Porto Rico, Rigoberto Torres e a comunidade local de Brumadinho. Produzidas em 2006 e instaladas em frente a igrejinha da antiga comunidade, hoje pertencente ao insituto, as esculturas de fibra de vidro retratam uma procissão e personalidades locais, um baile popular na Praça da Rodoviária da cidade, congadeiros, moçambiques, quilombolas entre outros temas populares. Para a realização destas esculturas, os artistas estabeleceram intensa comunicação com a população local. •

1 A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG - foi uma das principais responsáveis pela constituição e implementação do CIMP, por meio de quatro projetos, três deles em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

## O admirável milagre de Inhotim

Um empresário de mineração levanta um dos maiores museus ao ar livre do mundo em MG

A. J. BARCA

Brumadinho (Minas Gerais) - 10 ABR 2015 - 01:51 CEST

Criador do Inhotim é um dos mais influentes do mundo das artes

## Corrida pelo minério de ferro de Minas Gerais perde força

chineses Birô de Exploração e Desenvolvimento Mineral do Leste da China (ECE) comprou a mineradora Itaminas Comércio de Minérios S/A do empresário Bernardo Paz que estava à venda desde o final de 2008. O transação

### BRASIL

MUSEU | BRASIL | LIBÉRATION | ARTE | OBRAS DE ARTE

## Museu brasileiro Inhotim é a Disney de arte contemporânea, diz Libération

Publicado em 07-01-2016

"O importante é ser e não ter".

simplesmente como senhor Bernardo.

Parece um templo ou a parte superior de um abstrato farol

BRUMADINHO

BRAZIL

11.13.2015

## Welcome

to

the

Jungle

In

Brumadinho,

Brazil,

in

a

forest

area

remnant

of

the

Atlantic

Rain

Forest

and

Brazilian

savanna,

lies

a

magical

collection

of

contemporary

art.

## JFMG condena empresário idealizador de Inhotim a 9 anos

Para juíza, Bernardo Paz e sua irmã cometeram crime de lavagem de dinheiro. Leia a decisão

LUCIANO PÁDUA

27/08/2009

### Marcos Valério e Cia. acusados agora de envolvimento em organização criminosa

previdenciárias. O Grupo Itaminas, diz a sentença, possuía R\$ 648 milhões em empresa, a título de doações para o Instituto Cultural Inhotim". Os valores, então,

### 'Folha' esconde favorecidos por Aécio com aviões pagos pelo governo de Minas

Trocas de vantagens nada republicanas e de inegável interesse público com políticos, jornalistas e juizes explicam muito da camaradagem da mídia pelo tucano, mas têm tratamento rasteiro do jornalão

por Helena Sthephanóvitz, para a RBA | publicado 12/11/2015 15h00, última modificação 12/11/2015 15h12

CRIMINAL

16 DE NOVEMBRO DE 2017 ÀS 15H52

## MPF/MG: empresário idealizador do Museu de Inhotim é condenado por lavagem de dinheiro

Sentença considerou que Bernardo de Mello Paz utilizou artifícios, como a pulverização de movimentações financeiras entre as empresas de seu grupo, para lavar dinheiro proveniente da sonegação de contribuições previdenciárias

### Após condenação, Bernardo Paz renuncia à presidência do Inhotim

14 maio 2018 às 02h00

Bruno Carazza

## Mais uma jogada de mestre do mecenas brasileiro

### Bernardo Paz se afasta da presidência do conselho de Inhotim

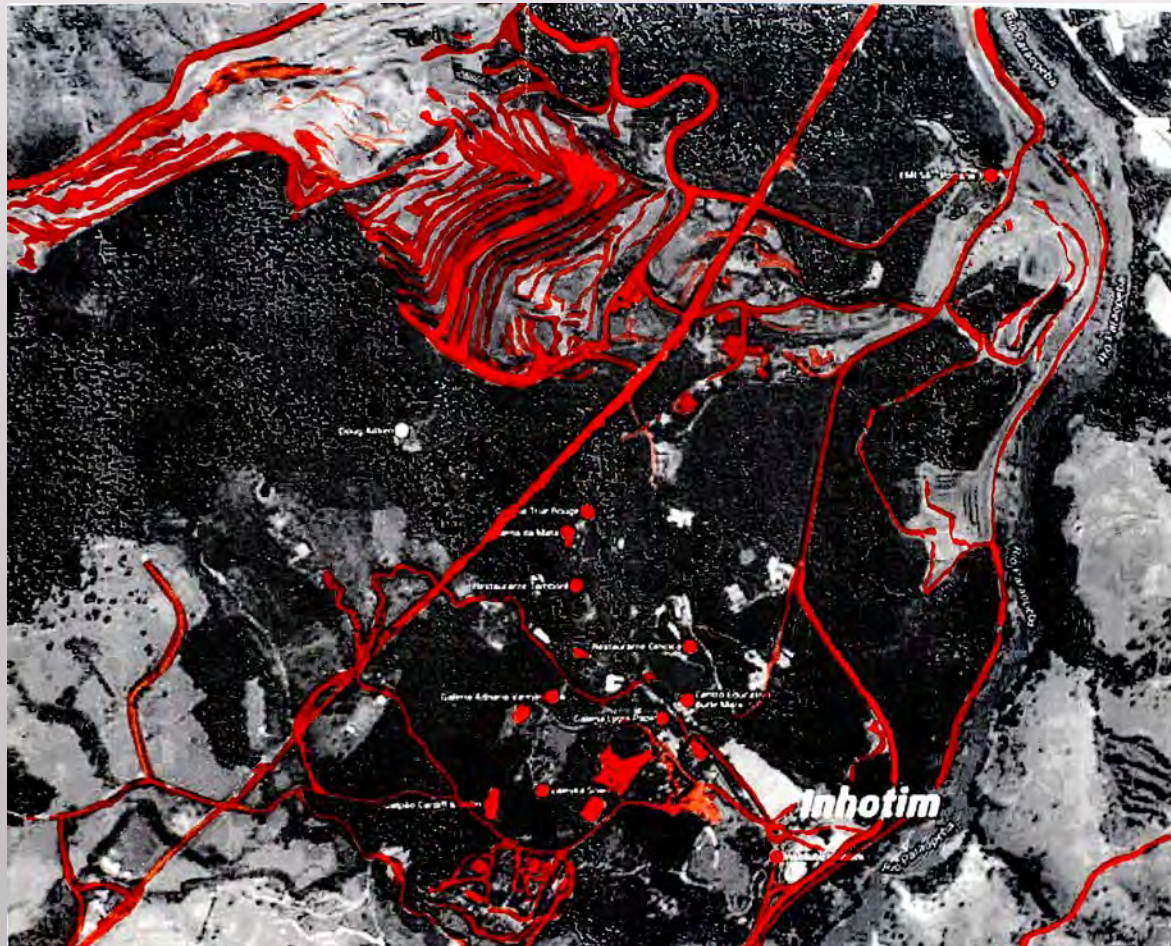
Objetivo é dissociar o Instituto das acusações de lavagem de dinheiro contra o empresário e colecionador.

© // EMPRESAS & NEGÓCIOS

## Inhotim transfere 20 obras de arte ao governo de MG

30.04.2018 17:27 | por Redação |

Acordo, fechado pelo empresário e fundador do museu, Bernardo Paz, foi acertado para quitar dívida de R\$ 470 milhões



\*  
 O Inhotim é uma propriedade particular criada pelo empresário do ramo de mineração conhecido por Bernardo Paz (1952-) e é administrada pela empresa Horizontes. O local está a cerca de 60 km de Belo Horizonte e a 20 km da BR-381, em Brumadinho. Mesmo envolvido em polêmicas por denúncias em crimes ambientais<sup>2</sup>, por violação de direitos autorais<sup>3</sup> e por lavagem de dinheiro<sup>4</sup>, o instituto recebeu desde sua abertura ao público, mais de um milhão de visitantes<sup>5</sup>. Nacional e internacionalmente reconhecido, o espaço expõe, conserva e é um cenário para a produção de trabalhos de arte contemporânea em uma área atual de 140 hectares e que se expande a cada ano, abrigando, desta forma, uma das maiores coleções de arte contemporânea da América Latina<sup>6</sup>. "Quando o visitante chega ao museu, encanta-se com o jardim, as obras de arte, o show de música, a peça de teatro, um coral que canta, um evento privado, os restaurantes, a lojinha de produtos licenciados, etc." Assim descreve seu diretor executivo, Antonio Grassi<sup>7</sup>.

Em 2012, a mineradora Itaminas Comércio de Minérios S.A, pertencente a Bernardo Paz, faturou cerca de 600 milhões de reais/ano. Frequentes são as entrevistas<sup>8</sup> onde o

4 "O vasto jardim de arte do instituto Inhotim" - <<http://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2012/08/20/o-vasto-jardim-de-arte-do-instituto-inhotim.jhtm>> Acessado em 12/08/2017.

5 Entre 2006 e 2012 o Inhotim recebeu um público de 1.050.212 visitantes. Dados publicados ARRIEL; FONSECA. Revista Viver Brasil, Nova Lima, n.97, p. 28-32, Jan 2013 In: AZEVEDO, Samara; BERNADO, Sarah; LOWANDE, Tamires; RAMOS, Aline, 2013, p.4.

7 Esta mesma frase dita por GRASSI é citada como de autoria de LOPES e MARQUES In: Lopes, Rosalba; Marques, Rita de Cássia. Centro Inhotim de Memória e Patrimônio - CIMP. Cadernos de História, - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2013v14n20p59 e citação de GRASSI In: GRASSI, Antonio - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE - Brasil em números, 2014, Volume 22, p. 4.

2 Em 25 de setembro de 2015, moradores de Conceição de Itaguá-MG, entraram com recurso junto ao Ministério Público e a 2ª Promotoria de Justiça de Brumadinho em razão da utilização que o Inhotim tem dado a água que é captada na Fazenda do Tanque, adquirida pelo Insituito, e que abastece as comunidades de Conceição do Itaguá e Retiro do Brumado. Segundo a Vereadora Alessandra do Brumado, a representante dos Moradores da Comunidade Conceição de Itaguá, o desperdício na captação da água que irriga os viveiros próximos e plantas ornamentais do instituto estariam comprometendo o já precário abastecimento dos moradores. A segunda polêmica envolve a atuação do Inhotim pela Delegacia da cidade de Cavalcante, localizada na chapada dos Viadeiros, por este retirar palmeiras nativas para replante nos jardins sem prévia autorização. Disponível em: <http://afavordecavalcante.wordpress.com/2012/05/10/inhotins-vem-a-cavalcante-se-explicar-pela-remocao-de-palmeiras/>> Acessado em 08/08/2016.

3 Em 24 de outubro de 2013, a juíza Claudia de Lima Menge, da 20ª Vara Cível de São Paulo, condenou o centro de cultura contemporânea mineiro a inserir, em qualquer material de divulgação da instituição, o nome de Luiz Carlos Brasil Orsini como autor de 250 mil m<sup>2</sup> de seu projeto paisagístico (90% do projeto paisagístico total). Parte do material de divulgação, no entanto, creditava a criação do parque ao paisagista Roberto Burle Marx em um folheto da instituição, distribuído no local em 2010. Reportagem disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/58936-jardins-de-inhotim-viram-alvos-de-disputa-judicial-e-denuncias-na-web.shtml>> Acessado em 07/06/2017.

6 Parte integrante da equipe de consultores que opera na construção de seu acervo é o escritório norte-americano New Yorker Allan Schwartzman,

informou seu ex-diretor artístico, informou Rodrigo Moura, ex-diretor artístico do Inhotim, a ocupação deste cargo se deu em 2013, logo após substituir a norte-americana Eungie Joo. Moura trabalhava na instituição desde 2003. In: "Coleção Inhotim de Hectares Contemporâneos" - Chantal Rayes publicado em 03 de janeiro de 2016 Disponível em [www.liberation.fr/auter/1855-chantal-rayes](http://www.liberation.fr/auter/1855-chantal-rayes) acessado em 13/05/2016.

8 "Mentor de Inhotim, Bernardo Paz busca na arte contemporânea uma forma de educar" - O Estado de São Paulo, 4 de maio de 2012.



empresário do ramo de siderurgia e mineração declara que transfere praticamente tudo o que ganha para o Inhotim. "Isto é minha vida". Além do investimento privado de propriedade de Paz, o Inhotim tem todas as suas ações amparadas pela Lei Federal de Incentivo à Cultura por meio do Ministério da Cultura, pela Lei Rouanet, além do patrocínio de inúmeras empresas como o Banco Itaú SA, Vale, Votorantim e Vivo. Mais de um milhão de pessoas de várias partes do mundo já visitaram este que se tornou um dos principais pontos turísticos de Minas Gerais (GRASSI, 2014).

O instituto possuía em 2012 cerca de 500 obras de arte contemporânea (LOPES; MARQUES, 2013). Em 2014, este número elevou-se para cerca de 700 obras produzidas a partir da década de 1960, de aproximadamente 100 artistas de mais de 30 nacionalidades diferentes. Até o momento de elaboração deste texto, o espaço possuía cerca de 170 trabalhos dispostos ao ar livre espalhados por entre os 23 pavilhões existentes. As 22 galerias em exposição permanente foram criadas para receber as obras de artistas tais como Tunga, Cildo Meireles, Miguel do Rio Branco, Hélio Oiticica & Neville d'Almeida, Adriana Varejão, Doris Salcedo, Victor Grippo, Mattheu Barney, Rivane Neuenschwander, Valeska Soares, Janet Cardiff & George Miller, Doug Aitken, Marilá Dardot, Lygia Pape, Carlos Garaicoa e Cristina Iglesias (LOPES; MARQUES, 2013; GRASSI, 2014).

O projeto paisagístico realizado por Roberto Burle Marx ocorreu entre os anos de 1987 e 1989 e restringiu-se a reestruturação de jardins da casa central da fazenda, então residência de Bernardo Paz e ponto de partida para a implantação do atual instituto (AZEVEDO et al., 2013). Hoje, seu acervo botânico reúne uma coleção de mais de 5 mil espécies dispostas dentro de um projeto paisagístico reconhecido, em 2010, pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB) - organização integrante do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Esta conquista teve apoio da consultoria do engenheiro agrônomo Harri Lorenzi que teria advertido Paz, em 2006, "Meu amigo, essa sua coleção não tem nada de extraordinário. Faltam centenas de espécies nativas"<sup>9</sup>. A expansão deste projeto paisagístico é marcada pelo uso de pedras de quartzito

natural, populares no paisagismo brasileiro e plantas comuns nas regiões tropicais do planeta, entre elas as de caráter ornamental como as palmeiras (Arecaceae), mais de 1 mil espécies e variedades, ímbés, antúrios e copo-de-leite (Araceae) cerca de quatrocentas espécies (GRASSI, 2014).

<sup>9</sup> "O Imperador Inhotim" - Revista Planeta Sustentável, Editora Abril. Acessado em 19/08/2016

Os marcos para a instituição do Inhotim podem ser assim resumidos: Em 2005, quando surgiu como Centro de Arte Contemporânea (CACI), foi realizada a abertura para visitação particular de grupos convidados. Em 2006, a visitação foi aberta ao público semanalmente sem a necessidade de agendamento a um valor de R\$ 40,00 reais<sup>10</sup>. Em 2007, foi criada a Diretoria de Inclusão e Cidadania idealizada por sua primeira diretora, Roseni Sena. Esta diretoria é atualmente responsável por atender aos municípios de Brumadinho, Rio Manso, Moeda e Bonfim em parceria com o Poder Público; organizações sociais; empresários e lideranças das comunidades atendidas. Estas ações seriam estendidas para outros 12 municípios. Não foram encontrados os nomes das cidades de Igarapé ou São Joaquim de Bicas na listagem de cidades atendidas pela diretoria. Contudo, é muito provável que a parceria com as escolas, prefeituras e secretarias municipais e estaduais de educação sejam feitas nestas cidades.

Em 2008, o instituto recebeu cerca de 110 mil visitantes de diversos países. Neste mesmo ano, durante o mês de abril, o Inhotim tornou-se uma OSCIP- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, pelo Governo de Minas Gerais. Em 2009, o Inhotim tornou-se uma OSCIP, desta vez pelo Governo Federal e atinge a marca de 160 mil visitantes (LOPES; MARQUES, 2013).

A mineradora Itaminas, controlada por Bernardo Paz foi posta a venda em 2010 por 1,2 bilhão de reais para o grupo chinês ECE, após um longo período de negociação a transação não se concretizou. Além deste quadro, a baixa dos preços do minério de ferro que no início de 2014 custava US\$ 134 a tonelada e, em setembro de 2015, alcançou apenas US\$ 45,1 a tonelada<sup>11</sup> teria, supostamente, ocasionando um agravamento da crise na empresa mineradora. Soma-se a esta crise de investimentos impactantes para o Inhotim a dívida tributária (FAGUNDES, 2015) que o grupo Itaminas assumiu, diante de denúncias junto ao

<sup>10</sup> Valor do ingresso mencionado em "O admirável milagre de Inhotim". El País Brasil por A.J. Barca 10 de abril de 2015.

<sup>11</sup> "Dependente da mineração, Minas vive paradoxo após tragédia ambiental em Mariana". Agência Estado, 20/11/2015 Disponível em: [http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/11/20/internas\\_economia,710096/dependente-da-mineracao-mg-vive-paradoxo-apos-tragedia-ambiental-em-m.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/11/20/internas_economia,710096/dependente-da-mineracao-mg-vive-paradoxo-apos-tragedia-ambiental-em-m.shtml)

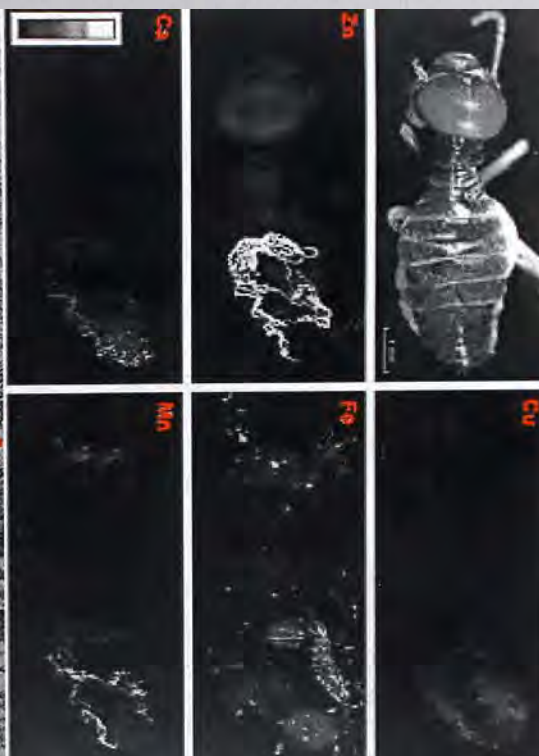
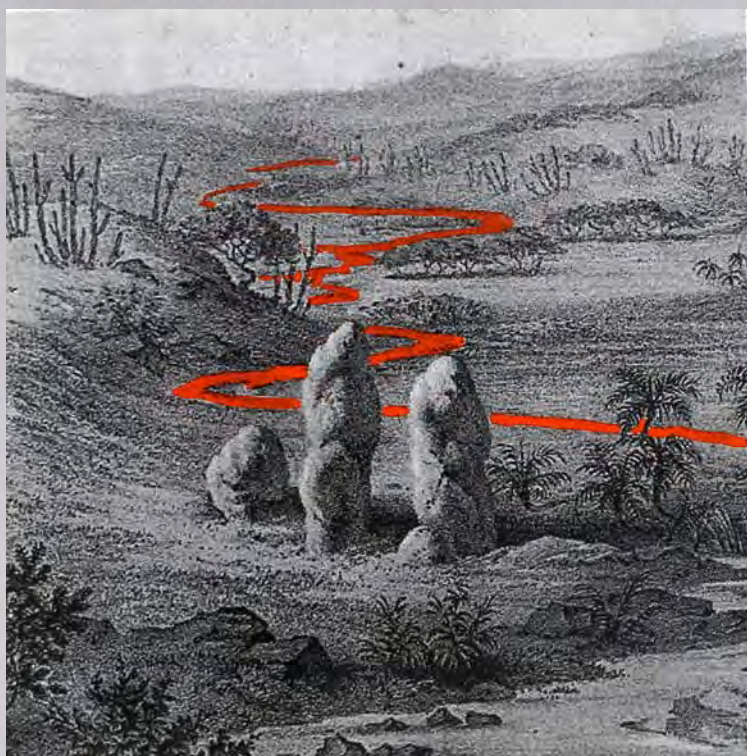
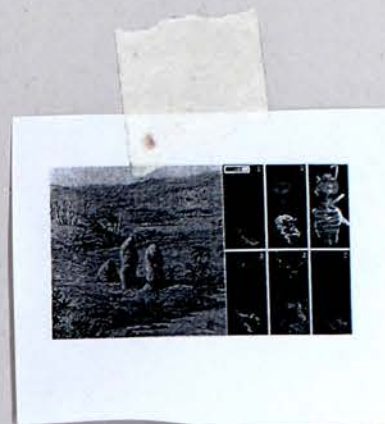
Ministério Público, no valor de mais de 120 milhões de reais com o Governo de Minas. Após demitir cerca de 30% de seus funcionários (FURLANETO, 2016), cerca de 700 pessoas, entre os anos de 2014 e 2016. Paz anunciaria, por sua vez, em setembro de 2015 a 'adoção' de suas galerias por empresas e pessoas físicas com o intuito de obter recursos para a construção e manutenção de pavilhões (MARTI, 2015).

Esta dependência econômica dos recursos oriundos das mineradoras tem servido como justificativa, uma espécie de "mal necessário", para o desenvolvimento econômico das cidades de Igarapé e São Joaquim de Bicas com foco neste tipo de exploração. Contudo, a falência em 2015 de uma das mineradoras da região, a MMX, também serviu de alerta para a população sobre os ônus ambientais, sociais e humanos destes empreendimentos. ●

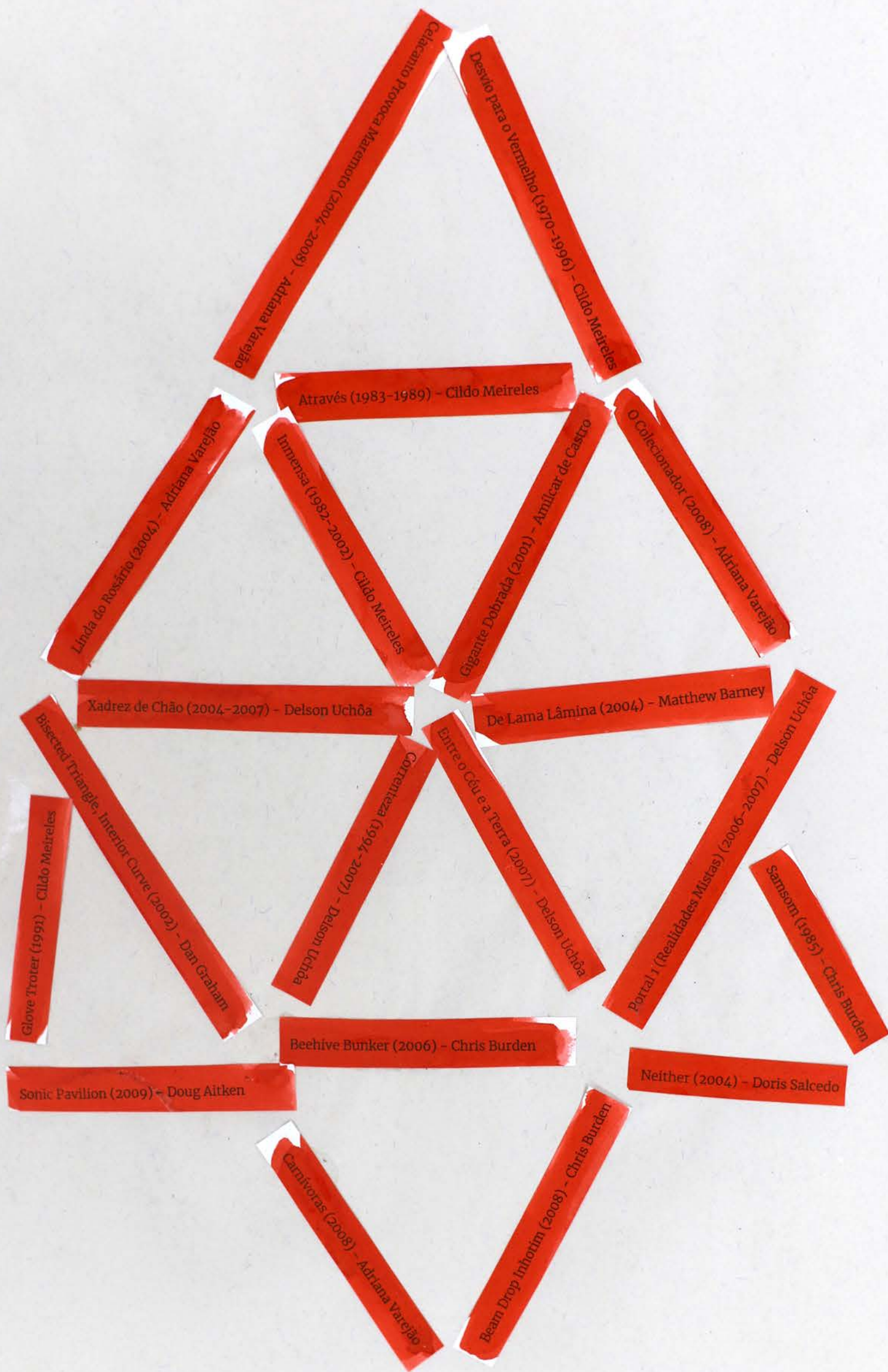
"Com uma dívida estimada em mais de R\$ 470 milhões junto ao governo de Minas Gerais, o empresário e fundador do Instituto Inhotim, Bernardo Paz, assinou na última sexta-feira (27) um acordo para que 20 obras de arte do acervo do museu sejam transferidas para quitar suas pendências."

30/04/2018 - 17:27 -

Jornal Destak - Empresas e Negócios







## MMX e os chup-chups de Martíria

Martíria é residente em São Joaquim de Bicas e vende chup-chup às margens da Transinhotim como forma de complementação de renda, além de viverem da aposentadoria do marido. Ela declarou em entrevista a repórter Paola Carvalho, do Jornal Estado de Minas: "O asfalto é muito bom, mas é preciso quebra-molas para reduzir a velocidade dos caminhões que não param de passar. Eles passam correndo e já até mataram a Susy, minha cachorrinha". Segundo a reportagem, Martíria mora em uma "casa muito simples de parede encardida pela poeira de minério de ferro que sobe com a passagem de cada veículo por ali. E não são poucos. No início da tarde de sexta-feira, em 10 minutos foram contados 23 caminhões".<sup>1</sup>

O impacto das atividades minerárias<sup>2</sup> no meio ambiente e no cotidiano destas populações residentes próximo às mineradoras é apreensível não apenas em inúmeros relatórios promovidos pela Secretaria do Meio Ambiente de Minas Gerais, mas também durante o traslado pela região. O complexo minerário Serra Azul se estende pelas cidades de Igarapé, São Joaquim de Bicas e Brumadinho parece configurar uma espécie de barreira simbólica que separa o Inhotim do Bairro Resplendor. A falta de acesso ao centro de arte contemporânea por grande parte da população residente nos bairros do entorno não se dá apenas por esta barreira física, ampliada pela ausência de transporte público que conecte esta comunidade ao Inhotim. Embora este percurso tenha apenas poucos quilômetros de distância, os altíssimos valores do ingresso de entrada, os custos para a alimentação no interior do centro e, principalmente, o sentimento de inadequação desta população se configuram como um dos maiores entraves para a realização das visitas ao Inhotim. ●

EM BICAS, POEIRA LEVANTA EMPREGOS

Paola Carvalho - Estado de Minas - 30/08/2011

Cf. Reportagem - CARVALHO, 2011

<sup>1</sup> Em setembro de 2015, a mineradora MMX ainda mantinha 79 funcionários em seu complexo minerário. As minas Tico Tico e Ipê, que abrangem as cidades de São Joaquim de Bicas, Igarapé e Brumadinho chegaram a oferecer 1,5 mil empregos diretos. Segundo o então presidente da MMX, Ricardo Werneck, presente na empresa desde 2014, a única saída diante da derrocada de Eike Batista, proprietário da mineradora, foi a falência. De acordo com o então prefeito de Igarapé, José Carlos Gomes Dutra, o Kalu, a cidade perdeu cerca de R\$ 7 milhões de arrecadação direta. Não apenas as prefeituras de Igarapé e S. J. de Bicas foram afetadas, mas todo o comércio e os prestadores de serviço que vislumbravam o aquecimento da economia local com a implantação da unidade de tratamento de minério, o terminal de cargas, o mineroduto e uma nova barragem de rejeitos. Investimentos realizados pelos moradores destas cidades destinados a atender os funcionários da MMX, como, por exemplo, empréstimos, adaptações de restaurantes e pousadas tiveram que ser cancelados. O prejuízo para a população ainda está sendo avaliado. Para a cidade de São Joaquim de Bicas, este empreendimento minerário que

durou apenas 4 anos, garantiria um aumento de aproximadamente 50% na arrecadação de impostos. Seria possível com este valor, por exemplo, iniciar as obras de urbanização de 63 dos 83 bairros desprovidos de iluminação pública, rede de esgoto, drenagem e pavimentação da cidade de São Joaquim de Bicas. A MMX possui duas barragens de rejeitos de minério de ferro em Igarapé, são elas a barragem B1 Tico e B2 Tico. Em maio de 2015, estas duas áreas foram interditadas provisoriamente pelo Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM devido à falta de entrega do plano de ação de emergência. Os trabalhos de fiscalização foram reforçados por causa do impacto causado pela tragédia da barragem de Fundão da mineradora Samarco, propriedade das empresas Vale do Rio Doce, uma das patrocinadoras do Inhotim, e da multinacional anglo-australiana com sede em Melbourne, a BHP Billiton. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013) 17% do PIB de Minas Gerais advém da indústria de extração mineral. Minas Gerais possui, segundo dados do DNPM (2015), 662 barragens de rejeitos cadastradas, sendo 339 inseridas na Política Nacional de Segurança de Barragens e 185 são

classificadas com dano potencial associado alto. E o debate sobre a dependência dos governos mineiros deste recurso oriundo da exploração minerária tornou-se mais relevante desde o desastre ocorrido na barragem de Fundão, localizada no distrito de Bento Rodrigues, pertencente à Mariana. No dia 5 de novembro de 2015 esta barragem se rompeu destruindo 80% do distrito. A lama oriunda da barragem de rejeitos percorreu cerca de 600 quilômetros de trajeto, prejudicando mais de 30 municípios de Minas Gerais e do Espírito Santo, atingindo cerca de 3,2 milhões de pessoas, até alcançar o litoral capixaba por meio da bacia do Rio Doce. O rompimento da barragem causou 19 vítimas fatais. Segundo a Comissão Externa do Rompimento de Barragem na Região de Mariana - MG - CEXBARRA (2016), organizada pela Câmara de Deputados do estado destinada a acompanhar e monitorar os desdobramentos do desastre ambiental, este foi um dos maiores desastres ambientais da história brasileira. Diante de tantos problemas decorrentes dos danos ambientais causados pelas mineradoras e da abertura da falência da MMX é surpreendente constatar que houve um plano tão ambicioso para a região de Igarapé e Bicas. Em 2010, a MMX fez investimentos no valor de R\$ 4

bilhões, a MMX, pretendia explorar minério de ferro em Igarapé, S. Joaquim de Bicas e Brumadinho, onde deu início a construção de uma planta de concentração na Unidade Serra Azul. O grupo de Eike Batista buscava produzir cerca de 24 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano em 2014, quando se ainda produzia 8,7 milhões de toneladas, para isto grupo comprou pequenas mineradoras da região. Este mesmo otimismo deu início a construção da Transinhotim. Com extensão de 15 quilômetros, o objetivo foi articular a Rodovia Fernão Dias ao município de Brumadinho, viabilizando não apenas o transporte de minério como também se tornar uma rota de entrada ao Inhotim cerca de 8 quilômetros mais curta que a atual utilizada pelos visitantes. No entanto, desde o início das obras, representantes dos moradores apontavam o risco de afetar a drenagem da água das chuvas na região, causando, eventualmente, enchentes. Isto se deve também ao fato da Transinhotim ter aberto uma grande área dentro da mata de preservação da cidade de São Joaquim de Bicas. (RELATÓRIO MACROZONEAMENTO RMBH, 2015, p.34).

# Eike Batista: o homem mais rico do Brasil

Por RAFAEL SEABRA | EMPREENDEDORISMO

## Começa a pavimentação da estrada da Conquistinha

POSTADO POR: ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO  
01/04/2014

## MMX volta a negociar compra da Minerita

Ativo é alvo também dos chineses.

11/06/2010

BRUNO PORTO.

## Igarapé e mineradora terão que conservar conjunto paisagístico da Pedra Grande

Combate Especial: Ministério Público de Minas denuncia ex-Secretário e outros altos funcionários da SEMAD por crimes em favor da MMX

© 7 de maio de 2014 (<https://acervo.radsmbioambiental.net.br/2014/05/07/combate-especial>)

## Crise da MMX afeta empregos, comércio e arrecadação

Raul Mariano/Hoje em Dia  
18/10/2014 - 06h47 - Atualizado: 23h51

## Desemprego em massa ameaça duas cidades da região

ESPERANÇA

## Nas mãos dos credores, destino da MMX deve sair amanhã

Empresa holandesa Trafigura já declarou interesse em comprar o complexo Serra Azul

A MMX divulgou comunicado informando também que revisará seu atual plano de negócios com objetivo de priorizar as iniciativas geradoras de caixa. O prefeito de Igarapé, José Carlos Gomes Dutra, diz que esse clima de incerteza é muito ruim e está deixando a população apreensiva. Ele também se preocupa com a queda na arrecadação já que os impostos da MMX representam um terço da receita mensal da prefeitura.

05/05/2014 às 17h21

## Ministério Público vai apurar danos ambientais da MMX em Serra Azul

Por Marcos de Moura e Souza | Valor

## Justiça apura favorecimento à MMX na Semad em Minas

Bruno Porto - Hoje em Dia

08/05/2014 - 07h26 - Atualizado 09h54

Meses depois de denunciar a poluição que estava afetando bastante a saúde dos moradores, agora os problemas são outros nas cidades de Igarapé e São Joaquim de Bicas. A mineradora MMX, do grupo de Eike Batista, está anunciando férias coletivas de 30 dias aos trabalhadores da mina de Serra Azul.

O ex-presidente da Vale S/A, Francisco Schetino, confirmou que MMX e Minerita mantêm constantes contatos.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

## Empresário Eike Batista deixa a cadeia e vai para prisão domiciliar

De UOL em São Paulo, 30/04/2017

## Depois de passar pela prisão, Eike Batista quer ser senador

por Congresso em Foco  
11/02/2018 09:45  
CATEGORIA(s)

## Um torrão de terra

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa ficará diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam; eles doam por vós

John Donne (1572-1631) - Meditações VII-tradução livre

'Nenhum homem é uma ilha' se tornou, certamente, para alguns otimistas um ditado popular. Para outros, um frágil clichê. No entanto, em um período da história marcado por tão significativas mudanças, o poeta inglês John Donne foi capaz de estabelecer uma imagem notável. Dentre as inúmeras possibilidades somos impulsionados a pensar o isolamento como dupla ação de esquecimento. Aos que ficam no continente resta imaginar a semente no mar. Já ao torrão a 'deriva', cabe seguir adiante sobre um passado em constante mutação. A história aqui, portanto, se apresenta como um espaço de tensão entre o sentimento de pertencimento e o

seu reconhecimento. Ainda que inaudível para aqueles que se foram, a perpétua ação dos sinos oferece uma esperança de coesão, talvez, mais para os que ficam do que para aqueles que se foram.

Adiante este cenário de desafios marítimos, as profundas descobertas e a intensa mercantilização, as expansões territoriais iriam transformar não apenas a geografia do mundo, mas uma gama infinita de relações. É aproximadamente entre os anos de 1750 e 1770, quando Inglaterra se consolidava como potência econômica devido a seu cada vez mais

intenso processo de industrialização, que a capitania de Minas Gerais atingiu o seu apogeu enquanto fonte de extração de ouro e diamantes. As relações entre Inglaterra e Portugal ao longo destes séculos protagonizaria o regimento de complexos sistemas de exploração na vida colonial: tratados econômicos<sup>1</sup>; comércio de escravos, deslocamento abundante de imigrantes europeus e um fluxo intenso para o interior da colônia, entre outros.

Ainda que mantenedora de uma forte base escravista, diferentemente da sociedade açucareira, a mineração estabeleceu fortes laços com o comportamento urbano. Esta flexibilidade da sociedade mineradora, capaz de aglutinar certa heterogeneidade de intelectuais, artistas, latifundiários, comerciantes, biscateiros, permitiu que em meados do século XVIII os escravos oriundos de diversas populações africanas ainda representassem mais da metade da população mineira.

Com o advento da abolição da escravatura em 1888 o estabelecimento da República, a aparente liberdade oferecida pela transição do regime colonial para o regime capitalista ofereceu as populações negras que habitavam Minas Gerais, em sua grande maioria, o vazio. As condições desumanas de trabalho nas minas para extração das riquezas minerais tinham a sua disponibilidade uma enorme população sem renda, organizada em quilombos ou dispersas por entre as recentes periferias dos centros urbanos e áreas rurais. Com a decadência da mineração nas principais regiões em exploração devido à paralisação de descobertas de fontes e ineficiência

tecnológica para a extração do ouro presente em rochas matrizes muito duras, fez renascer a economia agrícola inicialmente marcada pela diversificação rural.

adquirir os tecidos da Inglaterra e por sua vez, essa os vinhos Portugueses. Esse acordo seria crucial para o estabelecimento das relações comerciais entre o domínio econômico inglês e a coroa portuguesa (COSTA e MENEZES, 2012).

<sup>1</sup> Um exemplo é o Tratado de Methuen (Tratado de Panos e Vinhos) ocorrido após a descoberta das primeiras grandes jazidas de ouro em Minas Gerais. Neste tratado, assinado em 1703, Portugal é obrigado a



12/05/2016 - 10h37

Atualizado em 12/05/2016 - 11h57

Vidas no percurso da lama

## Relatório responsabiliza Samarco Mineração pela tragédia de Mariana

Justiça suspende ação do MPF contra a Samarco sobre tragédia em Mariana, diz Vale

Estado Conteúdo  
Hoje em Dia - Belo Horizonte  
18/07/2017 - 19h54 - Atualizado 20h04

No total, a lama matou 19 pessoas e desalojou ou desabrigou outras 1.640.

*Após dois anos, moradores sofrem com depressão e outros problemas de saúde*

Na Oceania, a australiana BHP foi protagonista de uma das maiores batalhas judiciais devido aos impactos da mineração que provocou em Papua Nova Guiné – que só conseguiu independência da Austrália em 1975. Os processos foram movidos na Justiça australiana a

BHP e um passado de degradação

## Extensão da tragédia de Mariana segue desconhecida

por Deutsche Welle — publicado 06/11/2017 11h00

*Dois anos depois, diagnóstico dos danos causados no maior desastre ambiental do Brasil ainda não foi concluído*

*“O desastre em Mariana se soma a uma tragédia de três séculos”*

### Samarco

*Mariana, desastre que nada ensinou*

Sabemos que você já viu e ouviu muita coisa sobre o acidente da Samarco. Ainda não temos todas as respostas. Um acidente como este envolve questões complexas e as investigações estão em andamento.

Porém, muito tem sido feito para recuperar as áreas atingidas. Será que o que você ouviu até agora é tudo o que há para ser dito? Aqui não queremos apenas te contar. Queremos te mostrar. Porque acreditamos que transparência é fundamental.

Vale. Apoiar, responder, fazer.

**Meio ambiente ficará melhor que antes da tragédia da Samarco, diz Vale**



## O Que Você Salvaria de um Incêndio no Inhotim?

"Para mim, conhecer o Inhotim foi uma experiência única a deslumbrante por que me deu a sensação proibida de caminhar dentro do sonho de um homem, um visionário, Bernardo Paz, um empreendedor que começou aqui a construir o futuro. Eu tô (sic) saindo agora de um Pavilhão, até agora o meu favorito, Miguel Rio Branco, que é...uma...é...é uma coisa...indescritível! Um momento de beleza, de reflexão, poderia tá (sic) em qualquer lugar do mundo e...e tá (sic) aqui, em Minas Gerais, o Inhotim. E fora do que tem por trás de tudo isso, por trás dos jardins tropicais, por trás da arquitetura moderna, ousada, por trás das obras de arte extraordinárias, o projeto social, a pesquisa pretendida, científica, biológica. Me parece o futuro instalado em Minas Gerais e crescendo. Isto aqui é uma obra em progresso. E é muito empolgante você poder participar ainda que com o seu olhar de uma obra em progresso, internacional, importante e inesquecível. Para mim, inesquecível. Eu amei. E a comida...é ótima!"

Depoimento de Marília Gabriela em visita ao Inhotim no dia 22 de junho de 2011

YouTube

apresentadora de TV  
e jornalista

"Eu fui batizada nessa igrejinha do Inhotim, há mais de vinte anos, quando aqui ainda era uma fazenda. Tenho uma foto nessa porta, com a minha madrinha me segurando no colo, e essa é só uma das muitas lembranças que carrego da época em que o Inhotim ainda nem era museu. Sabe do que lembro? De quando a Galeria Mata estava sendo construída. Meu pai, que trabalhava nessa fazenda, me apontou a construção e me contou que naquela casa ficariam obras de arte. Eu era pequenininha, não entendi a dimensão que isso tinha, mas percebi que era algo grandioso. O tempo passou e eu vim trabalhar aqui, como monitora. Mais tarde, passei no processo seletivo para mediadora de projetos ambientais e sigo até hoje. E não foi à toa que resolvi estudar Engenharia Ambiental. Minha vivência intensa aqui dentro me direcionou para esse caminho, pelas oportunidades e pelo meu encanto, porque aqui é um espaço tão dinâmico, que meus olhos não viciam, estão sempre descobrindo. Sinto que o Inhotim vai se transformando como Instituição e eu vou me transformando como pessoa... Um lugar que me viu crescer, e que eu vi nascer."

Raphaelly Sandrine, 24 anos, mediadora de projetos ambientais do Inhotim.

Facebook - página institucional do Inhotim.

"Eu imaginei que passaria minhas tardes em um laboratório convencional quando participei da seleção do Laboratório Inhotim. Pensei que faria um monte de experimentos, com lupas e microscópios. Cheguei há três anos e vi esse lugar cheio de possibilidades, eu nem sonhava que o nosso tempo durante os dois encontros semanais seria gasto entre espaços tão abertos. Foi um alívio estar aqui porque na minha infância eu não tinha muito apoio para seguir o caminho da arte. Eu passava horas desenhando durante a aula. Me lembro dos professores me xingando, dos meus pais achando que seria algo passageiro, e que mais tarde eu pudesse querer ser médica, advogada ou enfermeira... mas o meu sonho, quando eu era ainda bem pequenininha, era ser estilista e desenhar roupas cheias de cores. Então eu passei a fazer parte do Lab, onde eu me sinto atravessando portas abertas o tempo todo. A gente faz estudos, pesquisas e desenvolve projetos que estão me fortalecendo a cada dia, porque colocam nas minhas mãos o material pra eu criar. Me dão impulso. Me mostram como o mundo pode ser grande. Esse estímulo é muito importante. Hoje em dia, minha mãe consegue entender a importância do desenho e da arte na minha vida, porque eu compartilho com ela meus dias aqui, então ela passou a enxergar isso como um caminho bonito. Mas o mais especial, até hoje, foi o meu encontro com as obras do Luiz Zerbini. Quando entrei na galeria onde estão as pinturas dele, eu me vi no trabalho dele, como a pessoa que sou e como a criança que eu fui. A obra dele é uma bagunça onde objetos são colocados fora do lugar, entre cores e formas, onde eu consigo mergulhar e não me perder. Eu vou olhando pra cada detalhe e fico pensando como se fosse uma dor, quando se faz uma coisa muito grandiosa, que te dá muito trabalho, mas que te satisfaz."

Isabel Passos, estudante e integrante do Laboratório Inhotim desde 2014

Fonte: Facebook 20/03/2018

LEMBRANÇA



... NHỎ TIM

"Um lugar que possibilitou toda uma serenidade, um ambiente de descontração, e um ambiente construtivo com relação às negociações internacionais que nós estamos desenvolvendo com relação ao clima e ao meio ambiente do planeta. Então, eu estive encantada, é mais do que encantada, emocionada. Eu tive a chance de ver algumas galerias, algumas instalações, algumas obras, e eu acho que a marca do Inhotim além da beleza é a generosidade para com os brasileiros, para com o Brasil, para com o planeta. Eu voltarei, com certeza, não apenas como amiga do Inhotim, com a certeza que nós juntos poderemos estar, poder público e sociedade, trabalhando para preservar este meio ambiente. Meu próximo foco é não só ver as obras de arte mas, também, fazer um passeio pelas trilhas, visitar os Quilombolas que estão aqui em volta da comunidade, as pessoas que estão aqui por trás, que mostram o que é o novo Brasil. Isso aqui é o novo Brasil. Dentro de outros vários brasis que nós temos. E fundamentalmente, a gente tem uma chance fundamental de trabalhar o conceito de sustentabilidade...quer dizer, é tão difícil explicar isso na prática...quando mistura cultura e meio ambiente. Então, tem aqui, um exemplo dessa reserva particular patrimonial natural, essa transição entre mata atlântica e cerrado, um processo de recuperação de uma área que um dia foi degradada, onde os artistas plásticos colhem na natureza onde colocar a sua expressão fantástica de sensibilidade sobre a vida. É um lugar, assim que tenho certeza, espero... num futuro, um dia voltar, como pessoa física, como amiga do Inhotim. Para fundamentalmente, para essa turma, esses meninos, que estão aqui, essa gente jovem, ter um novo Brasil para trabalhar, para construir cada vez mais esta nação. Excepcional!"

↳ Youtube - 04/05/2018

Depoimento da ex-Ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, quando esteve no Inhotim entre os dias 26 e 27 de agosto de 2011 para a reunião do Basic - Grupo de países recentemente industrializados (Brasil, África do Sul, Índia e China).

"Somos mãe e filha, mas nos tratamos como aprendizes. Ela é uma pessoa que eu estou sempre conhecendo mais e mais. Minha mãe me trouxe ao Inhotim porque estou em uma fase de buscar entender como a mente humana se conecta com a natureza. Foi minha primeira vez aqui e eu senti que é um lugar onde o tempo funciona em outra frequência: não sei dizer se passa mais rápido ou mais devagar, só sei que ele flui de um jeito bonito. O mais precioso dessa convivência de toda uma vida é perceber como ainda posso descobrir coisas novas sobre ela. É algo infinito. Fomos juntas à sala das caixas de som - Forty part motet - e admirei o ponto de vista da minha mãe sobre a obra. Pela intuição, ela escutou cada uma das caixas de som que compõem a sala e percebeu que cada uma tinha uma voz única. Olhando pra isso, ela me mostrou como tudo é tão vasto em detalhes nas tantas partes do universo. No meio da sala, a gente entra em transe, escutando um coro só, mas olhando com calma e cuidado percebemos como aquele coro se forma. O Inhotim foi mais um ponto de cultivo entre a gente. Estar aqui com minha mãe foi como jogar mais sementes pro nosso afeto e ver isso crescer dentro do nosso amor".

↳ Facebook - Inhotim 07/05/2018  
Luiza Jantsch, educadora ambiental.

"EXPERIÊNCIAS DIFERENCIADAS DE SOM, LUZ E IDEIAS, FAZEM DE INHOTIM UMA META ONDE É IMPOSSÍVEL SAIR SEM UMA OPINIÃO FORTE, QUE SEJA POSITIVA OU NEGATIVA (APESAR DE NUNCA TER OUVIDO ALGUÉM FALAR MAL). SOU ENTUSIASMADA COM A VIDA, E ALGO COMO INHOTIM, É DAQUELAS COISAS QUE ME FAZEM ACREDITAR QUE O SER HUMANO É CAPAZ DE CRIAR MARAVILHAS PARA FAZER DESTE NOSSO MOMENTO NO UNIVERSO ALGO DE ESPETACULAR!!"  
09 de junho de 2012 Consuelo Pascolato Blocker

↳ Blog

"O Inhotim é o que se propõe, é uma experiência. Experimentar Inhotim é o...é o que faz a missão da arte, faz você refletir a cada momento, a relação entre...ah... a visão o significado todo do Inhotim, ele se, eu acho que ele simboliza o que é esse Brasil nosso contemporâneo, o que é esse futuro do Brasil. Acho que aqui a gente percebe isso. O que é a questão da natureza, visão da natureza com a visão do que é desenvolvimento sustentável, do cuidado com a natureza, do re-reconstruir (sic) uma natureza perdida, é uma forma bela, e com a expressão de artistas contemporâneos nacionais e internacionais. É um momento que fala do que somos hoje e do que é pensar o amanhã. Arte e desenvolvimento sustentável é...são valores, né...coisas que o mundo todo está em transformação. O Brasil está neste momento de expressão nossa de uma forma tão forte e significativa. E...para mim... o futuro do Brasil a gente vê aqui. O Inhotim com certeza é um dos pilares para nós, do que nós somos. O que nós propomos para o Brasil e para o mundo. A relação com a arte, a relação com o desenvolvimento sustentável, a nossa criatividade, e o olhar do amanhã. Como o Bernardo [Paz] diz: "é pós contemporâneo". Com certeza, por que aqui é um lugar de reflexão, um símbolo para nós, de que o brasileiro é capaz de sonhar grande. Ver o Inhotim é uma essência nossa, aqui, mas ele é cosmopolita! Ele reverbera no mundo inteiro o que acontece aqui. Ele é forte, por que ele é a missão desse Brasil. Que o Brasil tem pela frente. Tem que experimentar o Inhotim, não tem muito o que falar. Ligado, dentro da natureza. Não se fala, se sente, percebe, experimenta."

↳ Depoimento artista contemporâneo e diretor de criação e estilo da marca de roupas Osklen, Oskar Metsavaht - publicado em 30 de abril de 2013

↳ fonte: Youtube - 05/05/2018

"Eu não conheço nenhum lugar do mundo que chegue perto do Inhotim, em termos de beleza, em termos de propriedade, na instalação das obras para que o visitante possa fluir cada um dos espaços. É genial, é genial! Principalmente pela característica da arte contemporânea, como obra, com o mundo de sensações, em um dos lugares mais bonitos que eu vi nos últimos anos. Tudo se junta numa experiência única. Gosto muito de vários espaços. O Pavilhão da Adriana [Varejão] é lindo, bellissimo. O Pavilhão sônico onde ouvimos o som da terra; aquele espaço bellissimo que tem aquela película que te obriga a focar, e tudo o mais que fica desfocado... Tantos espaços lindos, Eu gostaria de ter mais dias aqui que é para ficar fluindo, curtindo o espaço. É uma experiência rara, uma experiência única. Nem sei o que dizer, eu acho que as pessoas têm que vir aqui correndo."

*reapresentador do TV Rede Globo*  
Depoimento de Miguel Falabella em visita ao Inhotim no dia 06 de agosto de 2011.  
*Youtube - acessado 05/05/2018*

"O espaço é absolutamente único, fantástico, eu não conheço outro com estas características, eu não sei se existe outro onde a arte está exposta nestas condições ideais. Eu vejo, é o artista que trabalhou, escolheu o espaço. Cada artista teve a liberdade de encontrar sua forma, de dizer aqui... Claro, um conceito, uma curadoria para esta seleção, mas ... pode não abranger tudo o que se faz em arte contemporânea, não é a pretensão dele, mas é a excelência que está aqui."

*acessado*  
*Fonte: Youtube - 05/05/2018*  
Depoimento da ex-ministra da Cultura, Ana de Hollanda, em visita ao Inhotim no dia 16 de julho de 2011

"É muito legal o Inhotim. Fui dois dias, um seguido do outro, e não cansei. Brinquei de guerra de almofadas na Cosmococa com a minha mãe, andei no labirinto de vidro em uma sala que tinham peixinhos transparentes e ainda fui em um lugar onde escutei o som da terra. O barulho parecia de uma barriga bem grande roncando. Fui em um lugar onde a gente plantava letras. Escrevi meu nome e o da minha mãe, só que era apelido: Dani e Lê. E eu também fui no lugar onde tem os muros coloridos. Fiquei correndo lá e me senti dentro do arco-íris."

Helena Tófoli, 7 anos. - *facebook - 05/05/2018*

"Eu vim ao Inhotim no ano passado para ressignificar o lugar. Conheci o Parque em 2013 com uma namorada que eu amei muito, uma relação forte e intensa. Então, é uma pessoa que fazia parte da minha memória do Inhotim de todas as formas possíveis, porque eu descobri tudo pela primeira vez com ela, nos deslumbramos juntos. A gente se separou e eu pensei que tinha que voltar aqui para superar essa sensação do Inhotim ser um lugar nosso. Vim em setembro do ano passado e foram dias sofridos, porque eu ainda sentia as lembranças frescas em cada canto. Era uma saudade imensa. Mas eu também sabia que na próxima visita seria diferente, era questão de tempo e vontade para ganhar o Inhotim de volta pra mim. Queria que fosse um lugar onde eu tivesse histórias e memórias individuais e não com alguém. Hoje, olho ao redor e sinto uma liberdade por ver aquelas mesmas coisas de formas diferentes. Me sinto forte. Pensando nisso, me dei conta de que ressignificar a vida é algo que a arte ensina. Repare pra ver: dependendo da fase em que estamos vivendo, podemos olhar para alguma obra de arte e aquilo significar tudo... ou nada. Mas aí você volta nesse mesmo lugar depois de um tempo, em outro contexto, e pode passar a sentir aquilo de uma nova forma. Pode ver aquela mesma coisa significar nada... ou tudo. Isso, pra mim, é o poder mais bonito do Inhotim".

*facebook - pág. oficial do Inhotim*  
Alex Castro, escritor e Amigo do Inhotim. *05/05/2018*

"Andar pelo Inhotim te põe em três coisas: Estar em Inhotim, ou seja, estar em Minas Gerais; Natureza e Arte; Eu acho que esta tríade, este tripé, essa estrutura pode propor uma nova maneira de ver a vida e quem sabe viver. Talvez o Inhotim seja a imagem da vida contemporânea."

*chefe de Cozinha*  
Depoimento de Alex Atala em visita ao Inhotim no dia 16/07/2011

"A grandeza do jardim botânico e a grandeza das galerias de arte do Inhotim dependem uma da outra, porque elas se completam. Já imaginou os pavilhões sem o paisagismo e vice-versa? Para mim eles andam juntos e é isso que faz daqui um lugar mágico. Já vim tantas vezes e sempre que passo pela entrada, aquele corredor rodeado de plantas antes da recepção já me deixa ansiosa. A sensação que tenho é que são muros escondendo o que virá, o maravilhoso. Então, eu chego e refaço os caminhos que já conheço, sempre me encantando com a mutação que se tem junto com a vegetação a cada vez que se volta. A natureza se transforma de forma poética nas diferentes estações do ano, mudando cores, formas, cheiros. É aí a gente faz um caminho e olha para as coisas de um jeito, você volta o mesmo caminho e vê as coisas de outro modo. É um constante exercício que faz cada vez ser inédita. Independente de religião e das crenças de cada um, a vibração que se tem da vegetação e das plantas, nós não podemos negar que existe. Chegar em um lugar e se sentir em paz está condicionado a isso: uma somatória de tudo que se tem, mas também de uma troca energética que só a natureza proporciona. Eu percebo que as pessoas estão acreditando mais nisso e, por isso, me inspiro no Inhotim para pensar alternativas de fazer a diferença pelo pequenininho, em uma praça da cidade, em uma escola ou em qualquer outro canto onde a natureza seja respiro e esperança."

Alice Izumi, arquiteta e paisagista.

facebook 06/05/2018  
página Oficial

(...) estamos falando de uma coleção privada que fez um caminho coletivo, passou a fazer parte de uma memória coletiva (...), ajuda a criar uma consciência, um patrimônio de ideias"

Marta Mestre

"Admito que quando o pessoal do Inhotim foi na minha escola, imaginei que o Laboratório Inhotim era um laboratório mesmo, com vários tubos de ensaio e aquelas coisas diferentes que aparecem nos filmes americanos. No dia em que me ligaram falando que eu tinha sido selecionada fiquei muito feliz e, a partir daí, começamos uma jornada indescritível. Antes, quando eu ia ao Inhotim, olhava as obras como uma coisa legal mas, assim que entrei no Lab, minha mente se expandiu, eu respirei e senti poesia. O Lab foi uma das melhores coisas que me ocorreu em 2017 e foi uma experiência que vou levar para toda a vida. Até hoje, quando me perguntam o que fazemos no Inhotim, eu não sei exatamente o que falar, simplesmente digo: "tudo!". Muito obrigada por me fazerem ver a vida com outros olhos e por me proporcionarem uma das melhores experiências da minha vida, seja batucar com copos, esfregar paletas em metal para fazer música, pintar placas de caminhão, entender as obras do Cildo Meireles, fazer uma festa enorme no Assentamento Pastorinhas ou ir ao lugar mais distante do Inhotim para gritar o mais alto possível. Sempre que eu visitar o Glove Trotter, primeira galeria que visitei com o Lab, vou me lembrar de tudo o que a gente fez. Serão boas lembranças."

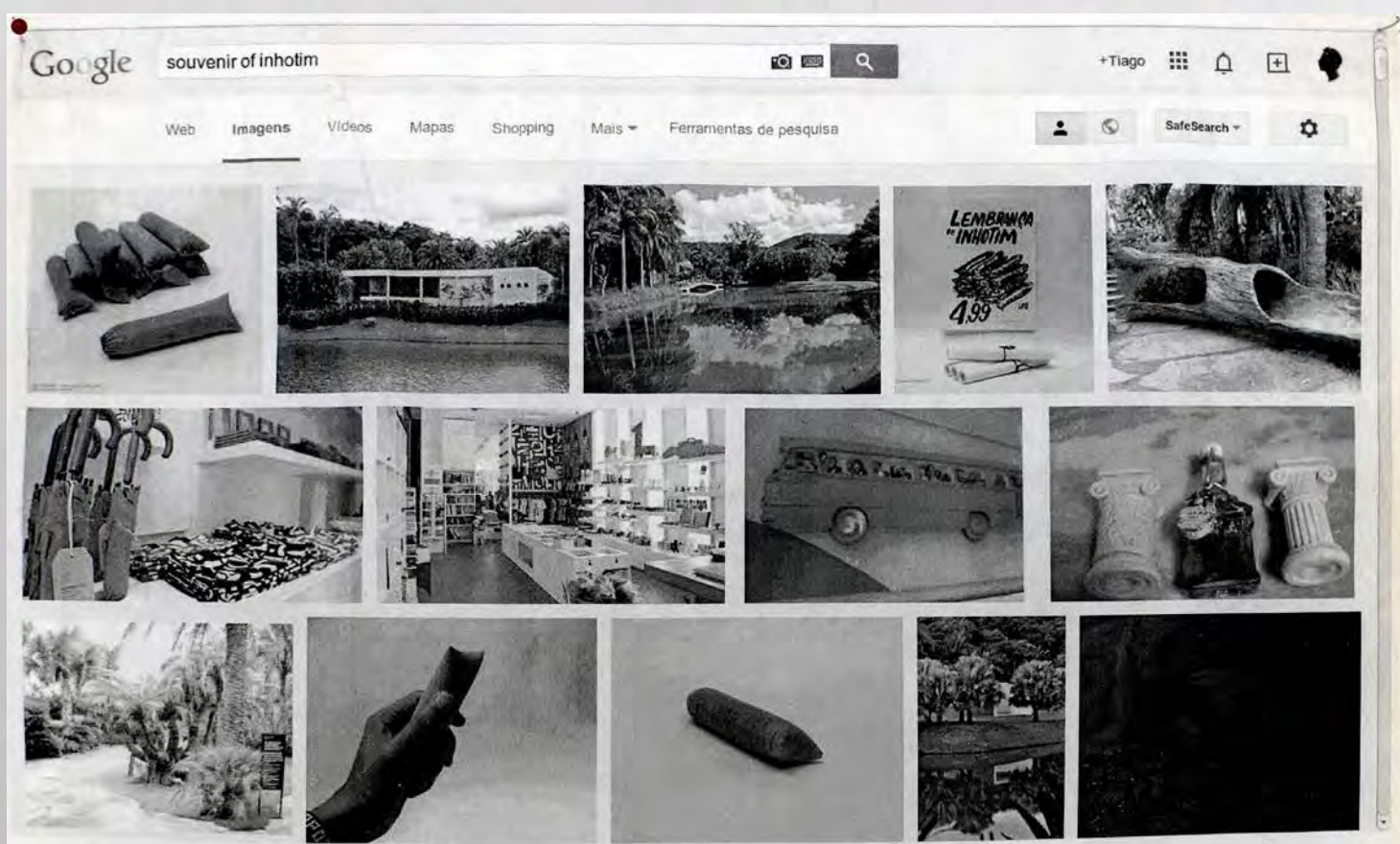
Texto lido por Carolina Mucelli Gonçalves, 13 anos, integrante do módulo I do Laboratório Inhotim, durante a formatura do grupo em dezembro de 2017.

facebook - página Oficial do Inhotim 05/05/18

**"Nesse lugar tão retirado do que se conhece como experiência moderna da cultura, podemos enfocar, refocalizar e contextualizar a arte a fim de percebê-la de outra maneira, criar um lugar onde o natural e o construído, o nativo e o inventado possam conviver, fundir-se e, por vezes, trocar de lugar."**

Alan Shwartzman





Souvenir of Inhotim, 2013  
Registro de Intervenção.

→ Publicação realizada em 2013 - intervenção no "google" - resultado da busca por imagens de souvenirs of inhotim.

"Eu entro no Inhotim e logo me vem uma lembrança tão preciosa, que só de dizer já fico engasgada: a memória da fazenda do meu avô. Respirar o ar puro daqui me leva de volta ao lugar onde eu cresci e respirei a vida inteira. O que eu acho mais importante é que o Inhotim me desperta cheiro, é o lugar do sensível, onde eu ainda posso me ver rodeada de verde. Me leva de volta às brincadeiras da infância, quando eu gastava meu tempo jogando esconde-esconde. Quando estou aqui, eu sempre me perco, sendo levada pelos caminhos mais diversos. E essa sensação de estar perdida é maravilhosa. Eu fui uma criança e adolescente que amava me perder, porque acho que só quando a gente se perde a gente se encontra, se conecta com a essência, com o interior, e descobre seguranças e medos. O medo é tão importante! Com ele, vem o desafio de vencer o medo, que é a coragem. O Inhotim me leva para o

lugar da minha infância, onde tudo começou, mas não pela memória de uma geografia única, mas para sensações que são orgânicas, viscerais, que a gente acaba não tendo na convivência cosmopolita. É o sentimento de estar diante de uma obra de arte que é abstrata, fazendo sua mente se abrir para a fantasia. Então eu sempre tenho uma sensação que me devolve insignificância de um ponto no universo, porque aqui tudo é tão grandioso, que eu me sinto em um exercício de humildade. Não deveríamos esquecer nunca que somos só um ponto na imensidão. Nem acho que somos pequenos, mas existe muito mais além da gente. Essa experiência me devolve a certeza de que antes do meu nascimento, muita coisa aconteceu, depois que eu morrer muita coisa vai acontecer. A sensação da passagem. Vou embora daqui sempre revigorada, porque uma obra de arte me toca, mas muitas obras de arte me perdem".

Suely Machado, coreógrafa - Publicação "Coisa de Amigo" - Comemoração 10 ANOS do INHOTIM - p.21

### Os depoimentos

A apresentação de depoimentos de distintos agentes, de um lado proprietários dos pontos de implantação da Lembrança de Nhô Tim na cidade de Igarapé, de outro, depoimentos obtidos através da consulta a plataformas on-line oficiais do centro de arte contemporânea Inhotim buscou oferecer uma pluralidade de vozes, não especificamente sobre este projeto, mas sobretudo sobre estes respectivos lugares. Este recurso aspirou sanar aspectos pitorescos de uma escrita feita anteriormente sobre estas localidades, incapaz de traduzir as ambiguidades, acordos e conflitos existentes entre estas vozes.

Sendo assim, a apresentação dos trechos de conversas e entrevistas realizadas na comunidade igarapeense pretendem, para além dos laços afetivos presentes, mostrar as diferentes apreensões sobre o processo de intervenção e os variados interesses na participação por cada um destes moradores. Desta forma, procuro salientar a não homogeneidade das características políticas, sociais e culturais destes participantes.

A proposta inicial deste projeto incluía o contato entre moradores e visitantes por meio do trânsito na localidade incentivada pela presença da Lembrança de Nhô Tim, e, desta forma, propiciaria um contato com a paisagem e com os contrastes entre as histórias pessoais e as narrativas em torno de diferentes assuntos. Um dos recursos utilizados para facilitar este acesso por visitantes externos à comunidade foi a criação de uma plataforma on line<sup>1</sup> com informações e outros mecanismos tais como um mapa para localização de cada um destes pontos de intervenção, vídeos informativos e textos de orientação.

A hospitalidade ou a falta dela, a configuração dos objetos artísticos junto às ferramentas, prateleiras, produtos sendo comercializados por preços semelhantes ao da Lembrança, tudo isto organizado espacialmente pelos próprios moradores eram itens desejados na composição desta experiência. Logo, a transposição destas bancadas suportando Lembranças de Nhô Tim para outros lugares fora desta específica localidade conferiria um resultado radicalmente diferente do obtido através desta inscrição espacial pontual.

Os trechos obtidos através da seleção de depoimentos publicados oficialmente pelo Inhotim evidentemente não se referem ao projeto das Lembranças e tampouco a estas áreas periféricas ao instituto. Muitas são as perspectivas de análise oferecidas por estas falas pessoais. O que destaco nesta pequena seleção, neste momento, é justamente a autoria destes relatos e seus pertencimentos. Esta tarefa não apresenta grandes barreiras pois boa parte das personalidades são bastante populares como a ex-ministra da cultura Ana de Hollanda ou a apresentadora e jornalista Marília Gabriela. Ainda que perspectivas bastante positivas sobre a presença do centro de arte contemporânea também são compartilhadas por moradores da cidade de Igarapé.

Com isto não almejo patrocinar uma justificativa que relativize os impactos causados, seja por meio da arte contemporânea oferecida por este local, seja, portanto, relativizar as consequências causadas pela rede patrocinadora deste museu, a mesma responsável por impactos danosos ainda incalculáveis na qualidade de vida de um número de habitantes também incalculável.

1 - O endereço digital para esta plataforma on line é:  
[www.lembranca.deinhotim.com.br](http://www.lembranca.deinhotim.com.br)

# Livro Registro de Inventario

Da Firma \_\_\_\_\_

Encerrado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Quantidade	Unidade	Discriminação das Matérias Primas, das Mercadorias ou Produtos Manufaturados
		<p><b>A Festa</b></p> <p>O dia escolhido para abertura da mostra "Passagens sob(re) a terra: lembranças, memórias e territorialidades" foi um domingo, 11 de setembro de 2016, coincidentemente a mesma data escolhida pelo Inhotim para comemorar seus 10 anos de funcionamento<sup>1</sup>.</p> <p>Um pequeno sistema de divulgação sobre a exposição foi realizado. Houve distribuição de panfletos e convites, anúncios radiofônicos e três outdoors com a inscrição "Lembrança de Nhô Tim" foram instalados ao longo do trecho da Br-381 que atravessa a cidade. Os moradores de Igarapé, em especial os participantes da implantação dos pontos de venda das Lembranças de Nhô Tim e os jovens alunos das rodas de capoeira foram o público privilegiado para participar do evento realizado na Casa de Cultura de Igarapé. Para facilitar o acesso de parte desta população ao local, aluguei um ônibus que circulou por entre alguns bairros do entorno do evento. Esta e todas as demais atividades oferecidas ao longo deste dia foram gratuitas.</p> <p>A apresentação do Grupo de capoeira Congo do Vale deu início as atividades pela manhã. Em meio as plantas pintadas de tinta acrílica laranja, o grupo de capoeiristas, formado por crianças e adultos de diversas faixas etárias jogava ao som do berimbau de mestre Jorginho. A presença de familiares e visitantes aumentou com a chegada dos estudantes da APAE- Associação de Pais e Amigos de Excepcionais de Igarapé. A proposta elaborada em parceria com mestre Jorginho foi realizar um batizado de capoeira com cerca de 25 crianças, jovens e adultos portadores de necessidades especiais durante a abertura. Este momento foi muito precioso para os presentes que ao longo do jogo de capoeira eram convidados a serem padrinhos dos alunos batizados. A música que repercutia nas palmas e cantos coletivos liderados pelos capoeiristas também aclimatava o trânsito por entre os objetos ali expostos.</p> <p>O cenário com sua luz neon, uma vitrine contendo um exemplar das Lembranças de Nhô Tim sem sua respectiva embalagem de papel, o vídeo com imagens da paisagem local entre outros trabalhos realizados exclusivamente para esta mostra, foi se abarrotando de convidados vindos dos mais diversos lugares, pertencimentos sociais e idades. Estudantes universitários de diferentes cidades, professores, políticos locais, crianças e parte significativa da comunidade do bairro Resplendor se fizeram presentes.</p> <p>Durante todo o evento, chup-chups de sabor morango, chocolate e coco eram servidos ao lado de outros quitutes. Logo após o batizado de capoeira foi servido um prato típico, uma refeição que já deu nome a cidade de Igarapé, o Tropeiro. Cerca de 150 pessoas almoçaram em mesas compartilhadas enquanto comentavam sobre a proposta artística entre outros assuntos.</p> <p>Após o almoço, o Grupo Renascer Terceira Idade, formado por dançarinos de forró, dava início a um pequeno baile em uma das salas laterais do salão. Ao final do dia, a música eletrônica bem-humorada do DJ Guto Borges era acompanhada pelas mais diversas conversas sobre os fatos ocorridos ao longo do dia, em especial pelas diferentes interações.</p> <p>Entre os inusitados acontecimentos, esteve o sumiço das Lembranças de Nhô Tim dispostas nos cumes das bancadas em exposição. Este desaparecimento tornou-se um indicativo do interesse pelo objeto por parte dos participantes do evento. Segundo Antônio de Pádua, parceiro responsável por acompanhar a exposição e cuidar das plantas expostas durante o mês que a mostra esteve aberta à visitação, as Lembranças continuaram a desaparecer.</p> <p style="text-align: right;">Tiago Gualberto</p> <p><sup>1</sup> A comemoração ocorrida no Inhotim contou com a presença da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Fernanda Takai e Marisa Monte, famosas cantoras mineiras, e ilustres personalidades do governo do estado, além de importantes personalidades do circuito artístico contemporâneo internacional que haviam estado na abertura da Bienal de Artes de São Paulo ocorrida dois dias antes, dia 08 de setembro. O ingresso para a entrada deste grande evento no Inhotim custou cerca de R\$150,00 aos visitantes.</p> <p><i>O conjunto de Imagens a seguir, com registros do evento de abertura por diversas autorias, entre elas Líliany Batista, Stan, João Alves e Bruno Martins.</i></p>

Governo Federal, Ministério da Cultura e a Funarte convidam para a exposição:

"Passagens sob(re) a terra: lembranças, memória e territorialidade"

# LEMBRANÇA DE NHÔ TIM

Abertura  
11 de setembro de 2016 às 19h

Tiago Gualberto

Visitação  
Casa de Cultura Frater Henrique Cristiano Jose Mattos  
Rua São Vicente, 1100, Três Poderes

12 de setembro a 07 de outubro de 2016  
Segundas a sextas, 09h às 17h00

Apoio:  
Prefeitura de Igarapé - MG

Realização:

funarte

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



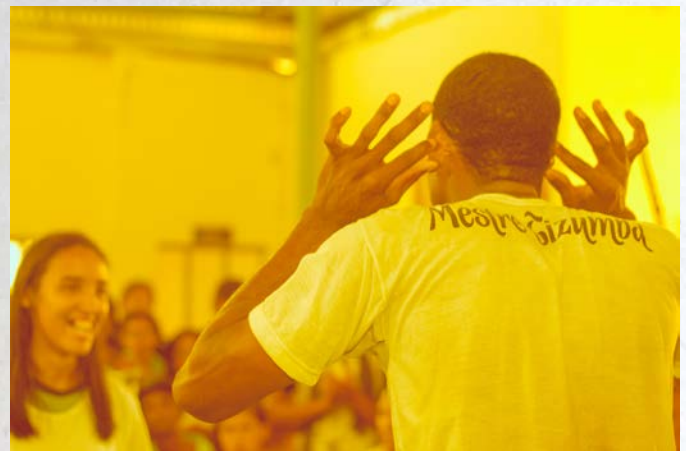
[www.lembrancadenhotim.com.br](http://www.lembrancadenhotim.com.br)

Este projeto foi selecionado pela Bolsa Funarte de fomento aos Artistas e Produtores Negros

1.



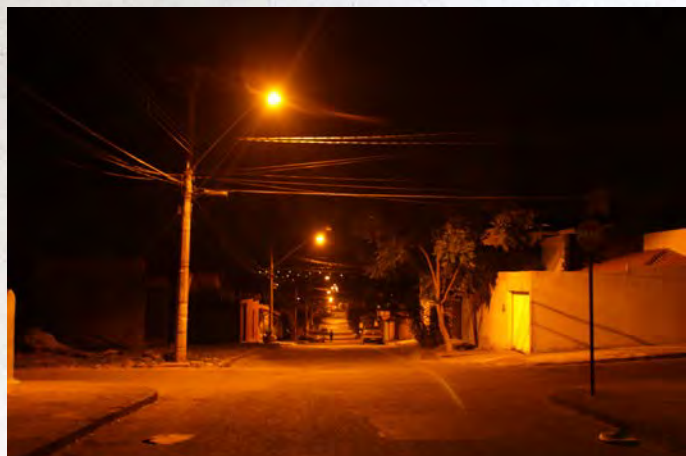
3.



4



2.



5.





8.



7.



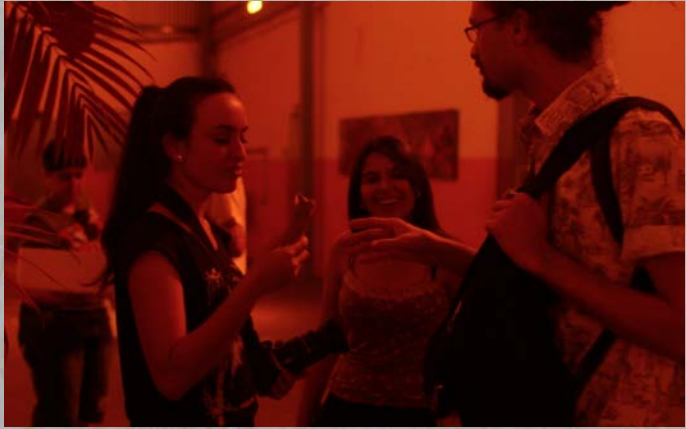
9.



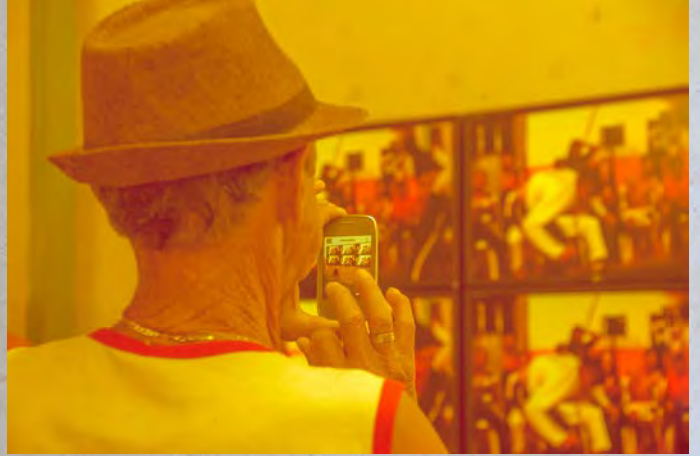
10.



6



11.



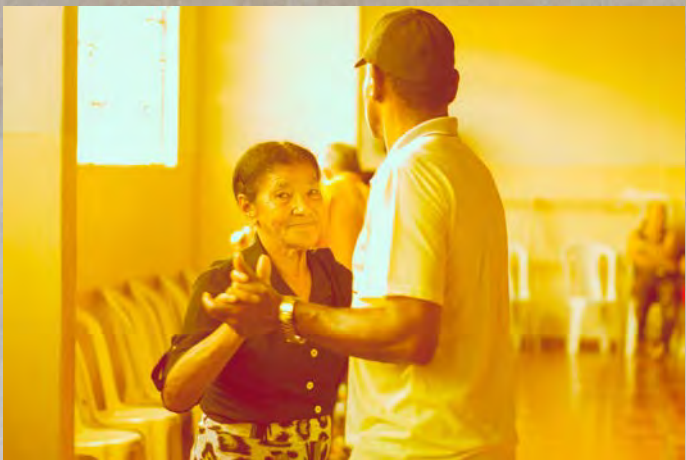
14.



12.



15.



13.



16



17.

18



19



22.

20.



23

21.



24.-

11 de Setembro 2016



25.



31.



30



26.



29.



27

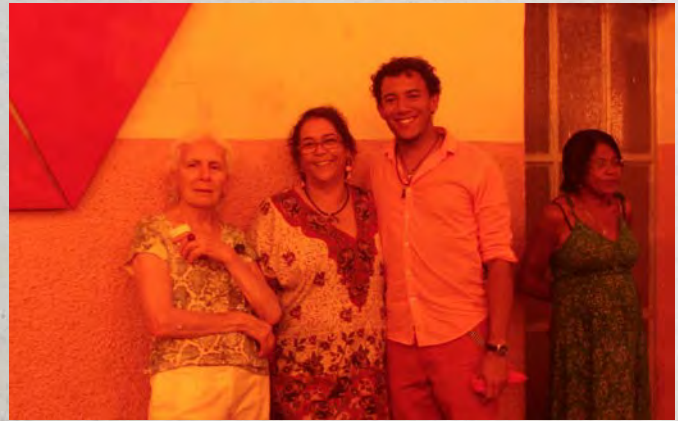


28

32



37



38

33



34



36

35 11 de Setembro 2016

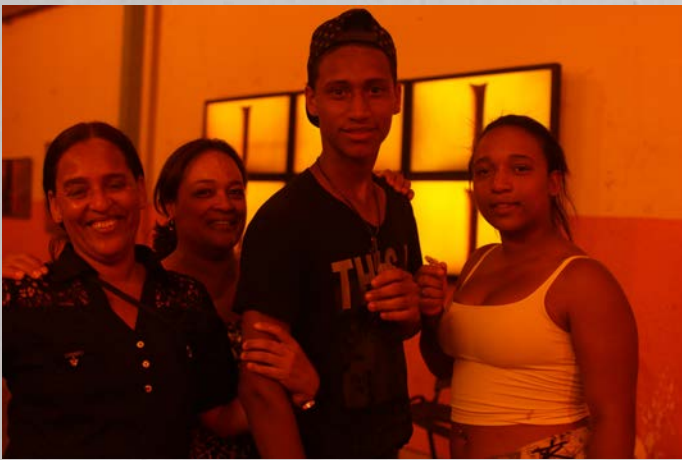
11 de Setembro 2016

44



45

43



41

42



40

39



11. setembro 2016.

46



52

47



51



48



50



49

**LEMBRANÇA DE NHÔ TIM**

[www.lebrancadenhotim.com.br](http://www.lebrancadenhotim.com.br)

CCS





# CADERNO 4



## Peia

João Alves, ator e diretor de teatro sediado em São Paulo, capital, foi um parceiro fundamental na captação de imagens para registros e documentação de todo o processo de intervenção artística realizada na cidade de Igarapé, além de um importante suporte em outras atividades junto à comunidade.

Ele também foi o responsável por me apresentar outro parceiro neste projeto, Saulo Bortoloso, músico percussionista, autor da música "Peia". Ela é resultado do seu trabalho de conclusão do curso de graduação em música, com o título "Problemas notacionais em transcrições do ritmo Ijexá nos atabaques: um estudo comparativo", concluído em 2012. Peia, além de nomear um instrumento de ferro ou couro para prender bestas e animais, é uma expressão bastante coloquial dita por vaqueiros de Minas Gerais e do estado de Goiás. A expressão pode designar algo de difícil execução, ação bastante trabalhosa ou complexa ou, em alguns casos, uma surra, castigo de intensa violência.

### **Oração a São Jorge**

Festa dia 23 de Abril. Comemora-se todo dia 23.

*Toda Casa Comercial ou Residencial, precisa de uma boa proteção Espiritual contra Inveja, Intrigas, Confusões, Roubo, Assalto, Incêndio, etc... São Jorge é invocado nestes casos por ser um Santo Guerreiro que vai proteger sua casa, sua família, seu comércio ou seu emprego.*

Oração - Ó São Jorge, meu Santo Guerreiro, invencível na fé em Deus, que trazeis em vosso rosto a esperança e confiança, abre meus caminhos. Eu andarei vestido e armado com vossas armas para que meus inimigos tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me enxerguem e nem pensamentos possam ter para me fazer mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças quebrarão sem ao meu corpo chegar, cordas e correntes se arrebitarão sem o meu corpo amarrar. Glorioso São Jorge, em nome de Deus, estendei vosso escudo e vossas poderosas armas, defendendo-me com vossa força e grandeza. Ajudai-me a superar todo desânimo e a alcançar a graça que vos peço: "Fazer o pedido". Dai-me coragem e esperança, fortalecei minha fé e auxiliai-me nesta necessidade.

Rezar Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória ao Pai.

*"Para que os pedidos sejam atendidos é necessário que sejam justos"  
Em agradecimento, mandei imprimir e distribuir um milheiro desta oração. Mande imprimir Você também logo após o pedido.*

Em conversa com Saulo, percebemos muitos aspectos comuns em nossas pesquisas. Ao investigar sistemas notacionais empregados por diferentes autores na descrição do Ritmo Ijexá nos atabaques, sonoridade esta de origem africana e hoje compartilhada por entre diversas manifestações religiosas afro-brasileiras, entre elas o candomblé e a umbanda. Na criação de Peia, além de diferentes instrumentos como o agogô e outros tambores utilizados em manifestações populares brasileiras, Saulo utilizou enxadas, sinos semelhantes aos das igrejas coloniais mineiras, apitos e sons de variadas ferramentas de trabalho rural. Eu buscava sons para o projeto de vídeo-instalação e encontrei em Peia uma espécie de "guia". Logo, após a oferta de Saulo, selecionei um trecho da música instrumental como fio condutor do ritmo de edição das imagens em vídeo expostas na Casa de Cultura de Igarapé.

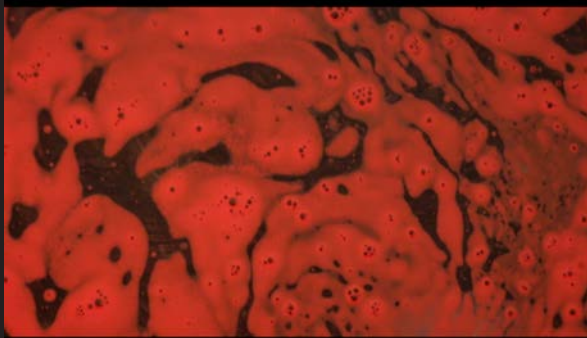
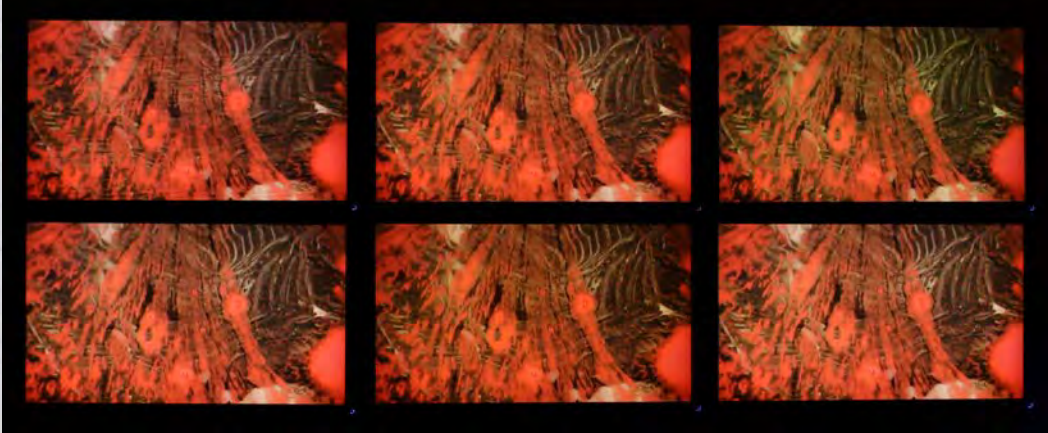
Entre as principais imagens apresentadas neste vídeo estão registros do cotidiano dos alunos de Mestre Jorginho durante as atividades de capoeira e os ensaios das aulas de percussão realizados no mesmo espaço onde os 6 monitores foram instalados. Por isso, foi reservado um espaço amplo no projeto expográfico da mostra de forma que a instalação dos objetos não impedisse a continuidade do uso do espaço para estas atividades.

Outro parceiro fundamental foi Antônio de Pádua Almeida, responsável por garantir o funcionamento da vídeo-instalação, o que incluiu o manejo do aparelho de som e o acompanhamento de eventuais questões de infraestrutura e apoio aos visitantes durante o período em que a mostra Passagens sob(re) a terra: lembranças, memória e territorialidade esteve aberta ao público, isto é, entre os dias 12 de setembro a 07 de outubro de 2016, entre as 09h às 17h.



As imagens deste cadernos registram os trabalhos presentes na exposição Passagens sob(re) a terra: lembranças, memórias e territorialidades, ocorrida na Casa de Cultura de Igarapé em 11 de setembro de 2016.

LEMBRANÇA DE NHÔ TIM    LEMBRANÇA DE NHÔ TIM    LEMBRANÇA DE NHÔ TIM  
LEMBRANÇA DE NHÔ TIM    LEMBRANÇA DE NHÔ TIM    LEMBRANÇA DE NHÔ TIM



LEMBRANÇA  
DE NHÔ TIM

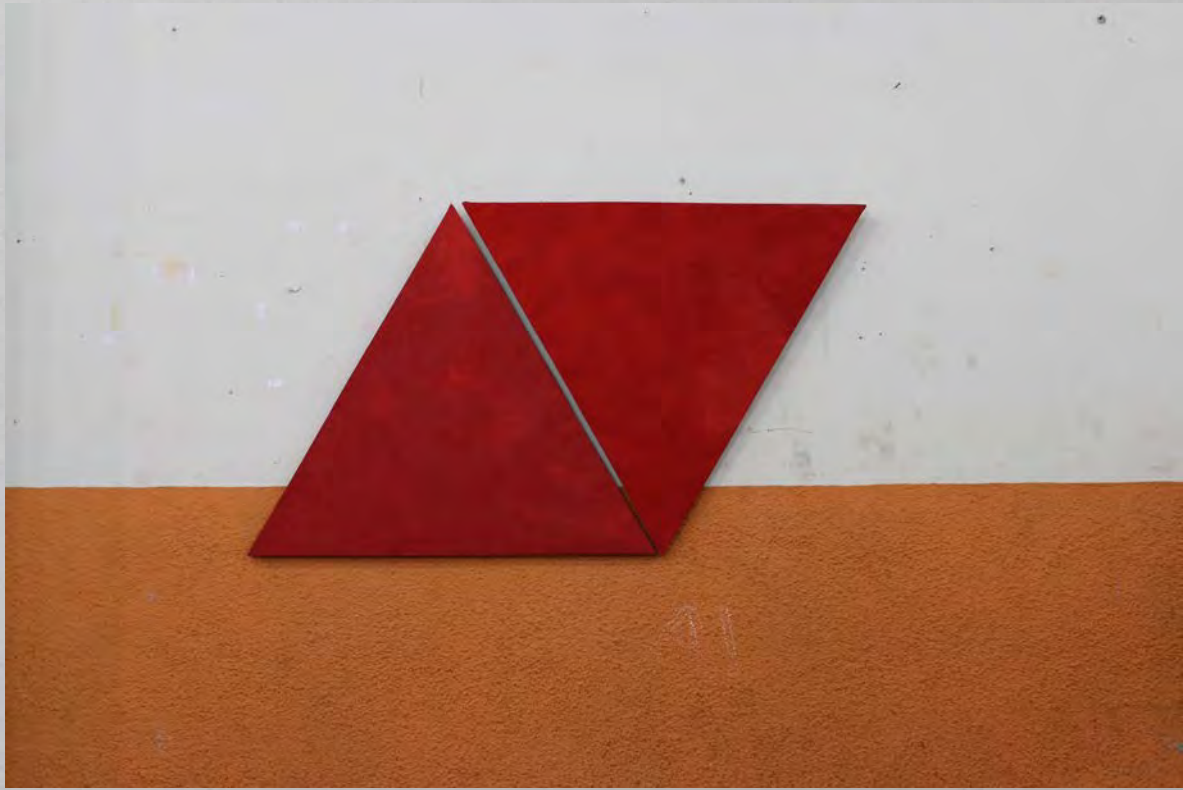


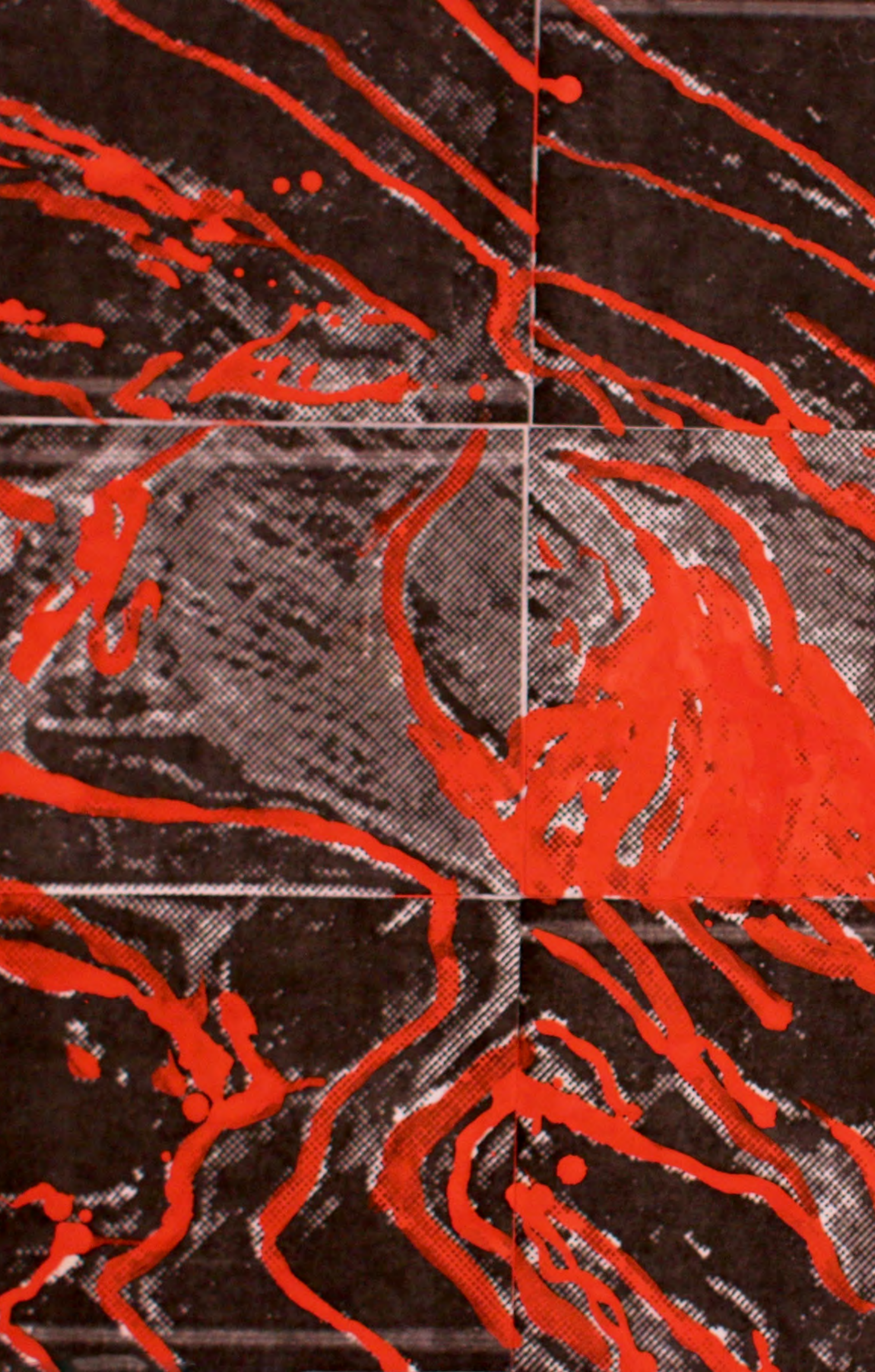










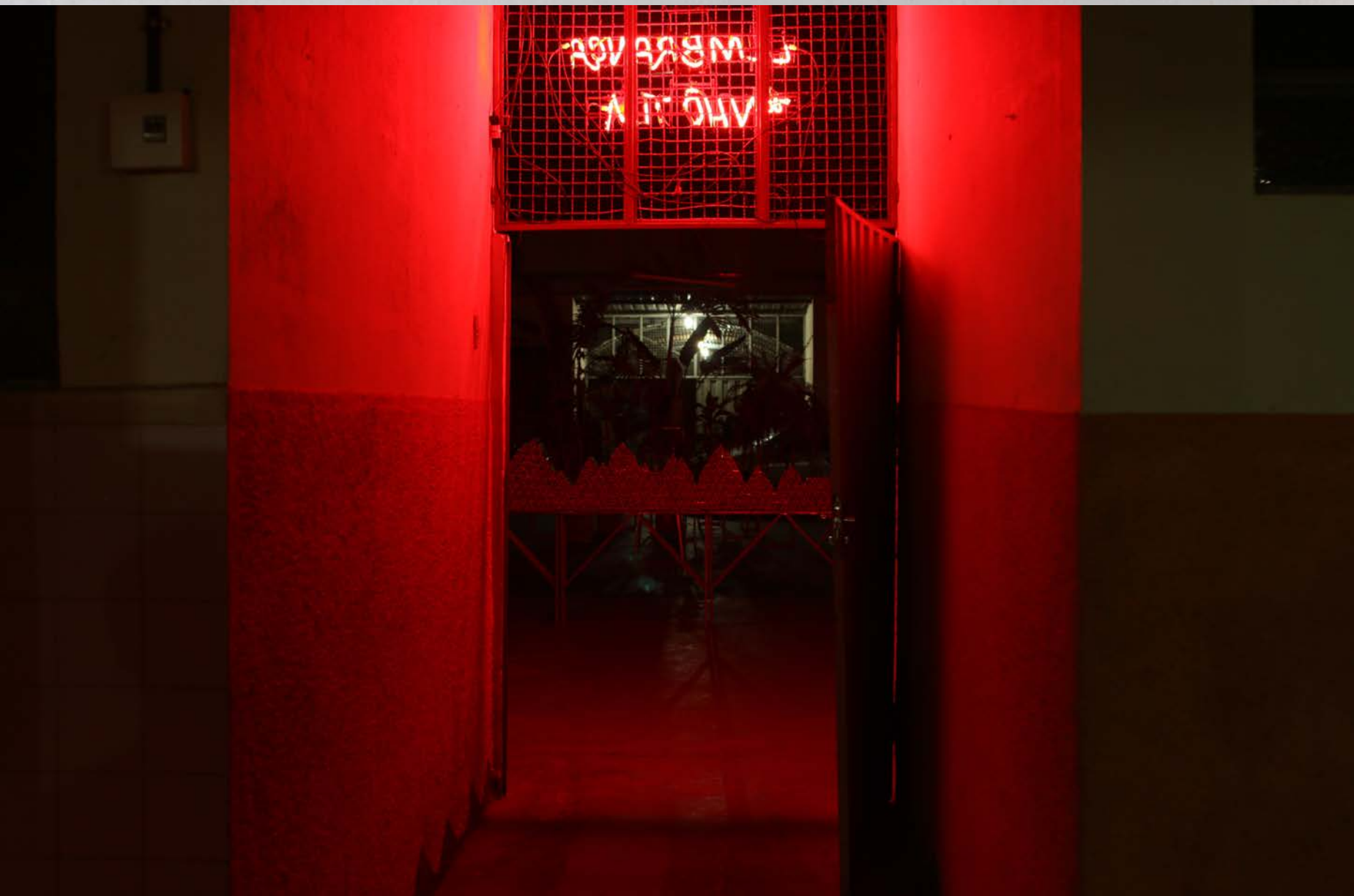












(próxima página)  
Maré Vermelha, video-instalação, 2017.  
exibido em Osso. Exposição-apelo do  
direito de defesa de Rafael Braga, no  
Instituto Tomie Ohtake, junho de 2017.





# CADERNO 5





# Lembrança de Nhô Tim: R\$ 4,99

PROJETANDO PARA O FRACASSO  
 PROJETANDO PARA A AUSÊNCIA  
 PROJETANDO PARA A MEMÓRIA  
 SEM UM LUGAR PARA MORAR

DESCONFORTÁVEL EM TUA PRÓPRIA PELE

Gordon Matta-Clark<sup>1</sup>

Quinta feira, 15 de setembro de 2016. Quatro dias haviam se passado desde a festa realizada na mostra Passagens sob(re) a terra: lembranças, memória e territorialidade ocorrida na Casa de Cultura de Igarapé. Eram cerca de 9:30 horas da manhã quando eu, João Alves e Antônio Carlos Morais, partimos em direção ao Inhotim. A chegada ocorreu em poucos minutos. Antônio Carlos conhecia a rota por entre as ruelas sem asfalto que margeiam as mineradoras presentes entre o Bairro Resplendor e o Centro de Arte Contemporânea. Contudo, uma destas pequenas vias estava bloqueada, decidimos então seguir pela via Transinhotim<sup>2</sup>, estrada asfaltada, pertencente a cidade de São Joaquim de Bicas.

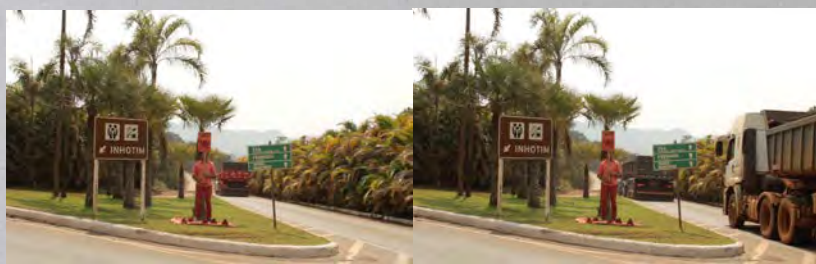
Ao chegarmos ao local, o veículo foi estacionado a poucos metros da entrada do Centro de Arte Contemporânea, próximo ao quebra-molas responsável por reduzir a velocidade das inúmeras carretas oriundas do Terminal Serra Azul – TSA<sup>3</sup>, sistema ferroviário de carga e descarga de minério de ferro. O trajeto mais curto entre o Inhotim e a BR-381 Fernão Dias também é utilizado por caminhões que transportam minério de ferro entre as mineradoras locais<sup>4</sup> até o TSA. Carretas, carregadeiras e operários poderiam ser vistos trabalhando diariamente próximos a esta antiga linha férrea pelos milhares de visitantes do centro de arte contemporânea Inhotim se

<sup>1</sup> Trecho da Carta de Gordon Matta-Clark ao grupo Anarchitecture (The Mob), 10 de dezembro de 1973.

<sup>2</sup> Esta via, antes também conhecida como SJB-015, ou Via do Minério, possui cerca de 15 km de extensão e atravessa grande parte da cidade de São Joaquim de Bicas, tornando-se via de acesso entre a BR-381 e o Inhotim 8km mais curta que a atualmente utilizada pelos visitantes do centro de arte contemporânea. Para a sua construção, resultado da parceria entre mineradoras locais e a prefeitura de S. J. de Bicas, foi necessário a desapropriação de 150 lotes no bairro Nazaré. Dados apresentados pelo secretário de planejamento da cidade de S.J. de Bicas, Wellington Ornelas, durante Audiência Pública para o Lançamento do Processo de Revisão do Plano Diretor Participativo do Município de São Joaquim de Bicas, 16/10/2016. Processo de Revisão do Plano Diretor do Município de São Joaquim de Bicas. Disponível em <[http://www.agenciambh.mg.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/PDRMBH\\_PRD01\\_SÃO-JOQUIM-DE-BICAS\\_R02-2.pdf](http://www.agenciambh.mg.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/PDRMBH_PRD01_SÃO-JOQUIM-DE-BICAS_R02-2.pdf)>. Acessado em 10 de jan 2018.

não fosse o plantio de palmeiras cuidadosamente localizadas às margens da via de acesso e do próprio instituto. Resistentes ao característico clima da região de cerrado, estas plantas ornamentais de folhagem exuberante também cumprem a função de camuflar os imensos equipamentos responsáveis pela purificação do ar enviado para parte das galerias e pavilhões do centro de arte contemporânea.

O intenso e diário tráfico das carretas e carregadeiras, as explosões de dinamite para extração do material pelas mineradoras e a ação de carga e descarga do minério nos vagões fazem emergir nuvens de pó escuro avermelhado na região, visíveis por toda a paisagem, em especial às margens das rodovias. Uma das alternativas escolhidas pelo TSA para mitigar os efeitos deste levante de pó é a umidificação da área por meio do trânsito contínuo de caminhões pipas a molhar parte da área utilizada pelas carretas de minério. O solo ocre avermelhado, rico em minério de ferro, transforma-se em lama compacta. Presa aos pneus e outros componentes das carretas, esta lama seca é espalhada para as margens das vias asfaltadas em forma de pó em centenas de viagens. Apesar deste terminal e sua linha férrea não estarem visíveis aos visitantes do Inhotim, é possível ouvir os sons das sirenes de segurança do TSA e o “tilintar” mecânico dos vagões de trem preenchidos por toneladas de minério de ferro desta região.



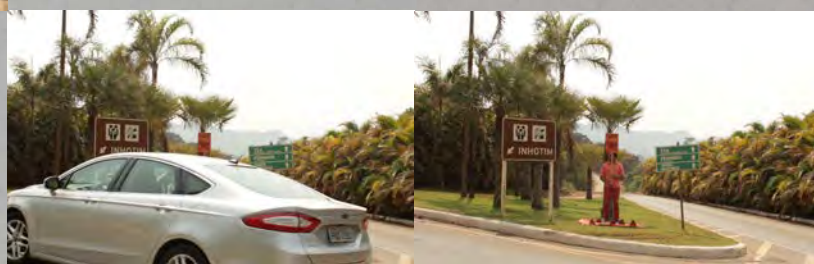
Recomendei a João que se posicionasse em um ponto da estrada de forma que o enquadramento da câmera fotográfica fosse capaz de apreender simultaneamente o fluxo intermitente de carretas e os veículos particulares que se dirigem ao portão de entrada do Inhotim. Embora a quarta-feira seja o dia escolhido pela instituição para oferecer a gratuidade de entrada para a população de Brumadinho com residência comprovada por mais de três anos, o fluxo de carros durante esta quinta-feira revelou-se intenso durante o horário de abertura do centro de arte contemporânea. Sobre o gramado cuidadosamente irrigado da alça de entrada, posicionei um tecido de cor laranja e cinco conjuntos de Lembranças de Nhô Tim empilhados sobre o mesmo. De fácil visualização, este local têm instalado duas placas de sinalização responsáveis por identificar o portão de entrada do Inhotim na cor marrom, padrão federal para identificação de bens culturais e uma placa verde, com setas indicativas da direção do Terminal Serra Azul, a mineradora Ferrous<sup>5</sup> e a estação Souza Nuschese<sup>6</sup>.

Entre pequenas palmeiras e as placas de sinalização, mantive erguido o cartaz produzido para divulgação da venda das Lembranças de Nhô Tim por meio de um cabo de madeira. Além do título Lembrança de Nhô Tim, este pequeno cartaz de fundo laranja possuía a inscrição do preço unitário de cada Lembrança: quatro reais e noventa e nove centavos.

Posicionei meu corpo de pé, imóvel, trajando a roupa que utilizei na festa de abertura e durante as intervenções que realizei por entre a vizinhança do bairro Resplendor. Camisa e calça em tons alaranjados.

<sup>3</sup> O Terminal de Cargas Serra Azul Ltda é uma empresa aberta em 2006, responsável por administrar a área de aproximadamente 10 hectares, cerca de 1,5 km de distância da recepção de entrada do Inhotim. Neste local, os minérios são dispostos em pátios após serem descarregados e pesados. Estes materiais são provenientes de mineradoras vizinhas e são transportados pela empresa MRS Logística para posterior acesso aos principais portos brasileiros: Rio de Janeiro, Itaguaí e Santos, além de servir ao terminal de embarque privativo de minério de ferro na Ilha de Guaíba, na Baía de Angra dos Reis. São carregados cerca de 178 vagões diariamente, transportando um total de 13.130 toneladas/dia de minério de ferro, 28 dias por mês (2011). Este terminal de cargas se localiza a 1,78 km da Unidade de Conservação da Bacia do Rio Manso, pertencente a bacia do Rio Paraopeba, que por sua vez, pertence a Bacia do Rio São Francisco. Para informações sobre o TSA junto a Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável consulte o PARECER ÚNICO 90/2011 PROTOCOLO Nº 0104208/2011.

<sup>4</sup> Dentre as principais empresas mineradoras presentes na região da cidade de Brumadinho estão: Vale SA; Mannesman SA; Mmx Sudeste Mineração; Tejuca Mineração; Vale do Paraopeba Mineração; Mineração Esperança SA; Ferrous Resources do Brasil SA; Mineradoras Brasileiras Reunidas SA; Vallourec Mineração Ltda; Mineração Esperança S.a.; Exbel Empresa de Mineração Ltda; Mib-Mineração Ibirité Ltda; Minasul Logística; V&M Mineração e Flaba Mineração. Localizam-se em Brumadinho dezoito barragens de rejeitos sendo elas: Diques EMESA pertencente a empresa de mineração Esperança SA; Barragem da Serrinha pertencente a empresa Ferrous Resources do Brasil SA; Barragem 4c, Barragem Capim Branco pertencentes a empresa Minerações Brasileiras Reunidas SA; Barragem B1 Ipê, Barragem B1A Ipê, Dique B1 Ipê, Dique B4 Ipê, Dique Conquistinha Ipê pertencentes a empresa Mmx Sudeste Mineração S.a.; Barragem I, Barragem IV, Barragem IV-A, Barragem Menezes I, Barragem Menezes II, Barragem VI, Barragem VII pertencentes a Vale S.A; Barragem Santa Bárbara pertencente a Vallourec Mineração Ltda; Barragem de Gabiões pertencente a Empresa de Mineração Esperança S.a. Dados obtidos através do Cadastro Nacional de Barragens de Mineração – Departamento Nacional de Barragens de Mineração publicado em 19/12/2016 Disponível em <http://www.dnpm.gov.br/assuntos/barragens/cadastro-nacional-de-barragens-de-mineracao> acessado em 02/08/2016.



<sup>5</sup> A Ferrous Resources do Brasil é uma empresa de extração e beneficiamento de minério de ferro fundada em 2007 atuante nas minas Viga (Congonhas), Esperança (Brumadinho) e Santanense (Itatiaiuçu). Para mais informações acesse: <https://www.ferrous.com.br/>

<sup>6</sup> Souza Nuschese é uma antiga estação ferroviária inaugurada em 1925 no distrito de Conceição de Itaguaí, antes deste se transformar no município de Brumadinho, em 1938. Esta estação compunha uma das 29 estações da Linha Paraopeba, linha férrea capaz de conectar Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, pertencente ao sistema Central do Brasil iniciado pela E.F D. Pedro II. Hoje em ruínas, a estação Souza Nuschese encontra-se no centro da atividade mineradora da região da Serra do Funil e sua linha férrea tem sido utilizada para o transporte de minério de ferro. MORELO, Sonila. História de encontros e despedidas na estação ferroviária Fecho do Funil em São Joaquim de Bicas, Minas Gerais. Revista Igualitária, n.2 .2013. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/historiab/article/view/798>. > Acessado em 28 jun. 2017.

Laranja também é a cor do uniforme dos funcionários de manutenção de vias públicas, funcionários de limpeza, coveiros e profissionais das demais áreas de trabalhos braçais da prefeitura de Igarapé. Esta cor se destaca por entre o paisagismo da entrada do Inhotim, ao contrário da cor do uniforme de grande parte de seus funcionários, em especial dos jardineiros e seguranças portando rádios de comunicação. Vestindo calça e camisa na cor verde, três funcionários do Inhotim se aproximaram sem manter contato, apenas atentos durante os minutos que me mantive sobre o gramado realizando a performance. Este comportamento de atenção e distanciamento foi repetido pelos motoristas das carretas carregadas de minério e pelos motoristas e passageiros dos veículos que se viram obrigados a desacelerar seus automóveis diante da alça de entrada ao Inhotim. Todos passavam entre mim e a câmera posicionada por João Alves, localizados no outro lado da estrada. Além de imagens fotográficas, imagens em vídeo deste momento foram realizadas por Alves.



Esta performance foi repetida em outros três distintos locais da região naquela mesma semana. A primeira ação ocorreu próximo às 19:00h horas da noite, em frente ao Supermercado do Preto, conhecido mercado localizado na principal avenida do centro da cidade de Igarapé. A segunda ação ocorreu durante um baile de forró organizado pelo mestre de capoeira Jorginho, na praça matriz desta mesma cidade, por volta das 20:00 horas. Jorginho dispôs equipamentos de som, luzes decorativas e se empenhou na divulgação de seu pequeno evento gratuito em praça pública. Entre os inúmeros dançantes presentes na praça, eu me mantive em pé, portando o cartaz ereto, ora imóvel, ora reproduzindo pequenos passos de dança, um pouco contagiado pela música alegre. De todo modo, repeti o gesto de dispor as Lembranças de Nhô Tim sobre o tecido laranja ao chão. A terceira ocasião ocorreu na praça matriz da cidade de São Joaquim de Bicas, em uma calçada na lateral da Igreja, em frente a uma das vias de maior trânsito de ônibus e veículos desta pequena cidade. Desta vez, alguns transeuntes se manifestaram à distância, oferecendo comentários jocosos. Em nenhuma das quatro realizações da performance na região, a Lembrança de Nhô Tim teve sua venda finalizada.



\* \* \*

Seria demasiado supor o conhecimento prévio do público presente nas diferentes realizações da performance Lembrança de Nhô Tim: R\$ 4,99 acerca de informações sobre o produto que se dispunha á venda<sup>7</sup>, em especial, o fato deste objeto ser constituído de uma mistura de terra rica em minério de ferro, matéria tão vulgar na região, e cimento.

A percepção prévia do formato deste objeto, envolto em papel de seda vermelho, secretamente incluso em uma embalagem de papel brilhante, triangular, também configurou-se como rara, senão inviável sem a consumação da venda do objeto. Estas impressões tornam frágeis qualquer postulação

<sup>7</sup> Nesta região, era possível comprar ao valor de R\$ 4,99 reais, por exemplo, a tinta para cabelos Igora Royal em uma rede de supermercados ou um par de fones de ouvidos falsificado.

categorica sobre a apreensão, por parte desta audiência específica, deste objeto durante a ação performática. Uma leitura possível, talvez mais imediata desta situação, confere a performance um caráter semelhante ao popular comércio ambulante ou venda ilegal em vias públicas. Esta percepção se apoiaria, acredito, especialmente nas informações presentes no cartaz contendo a inscrição de um nome, Lembrança de Nhô Tim e seu respectivo preço, quatro reais e noventa e nove centavos. Esta estratégia ainda típica de comunicação visual é encontrável em mercados e lojas populares com o intuito de apresentação de promoções e campanhas de oferta de produtos.

Em vista ao parônimo<sup>8</sup> no interior da expressão de cunho comercial presente no cartaz, este público poderia compreender o gesto de venda como a comercialização de algum objeto ligado institucionalmente ao centro de arte contemporânea e jardim botânico. Outra perspectiva, bastante plausível, localizaria esta ação como a manifestação de um desejo de pertencer, até mesmo lucrar com esta possível conexão. Esta condição de dubiedade provoca confusão ao assegurar-se um pertencimento institucional ou a completa dissociação ao Inhotim. À primeira vista, esta condição dupla parece oferecer um jogo onde as regras se apresentam diante daqueles que estariam dentro e outros que estariam fora, ou seja, entre a institucionalidade do Inhotim, por sua vez um certo caráter de originalidade, e, por outro lado, sua contrafação, marginalidade, por isso, pirataria.

Contudo, esta ambiguidade encontra na conjugação da cor laranja por entre a roupa, cartaz e tecido utilizado para dispor as Lembranças de Nhô Tim no solo configuram senão uma marca, ao menos uma paridade na ação. Isto é, a apresentação de um objetivo organizado, uniforme



Em Igarapé, a cor laranja também pode ser vista nas paredes de edifícios públicos como creches, escolas, postos de saúde e demais locais de acesso direto pela população de baixa renda da cidade. Um exemplo são as imagens da Casa de Cultura, espaço escolhido para a festa e montagem da mostra Passagens sob(re) a terra: lembranças, memória e territorialidade. Neste local, é fácil identificar uma grande faixa de cerca de 1,65 m de altura que se estende por todas as paredes do espaço. Pressupõe-se que esta pintura laranja seja uma alternativa definida pela administração destes espaços. Não foi possível identificar os reais motivos para esta escolha. Imagina-se que uma das razões seja evitar a repintura constante das paredes com o intuito de encobrir marcas geradas pelo toque de mãos contaminadas pela poeira advinda da terra rica em minério de ferro<sup>9</sup>.

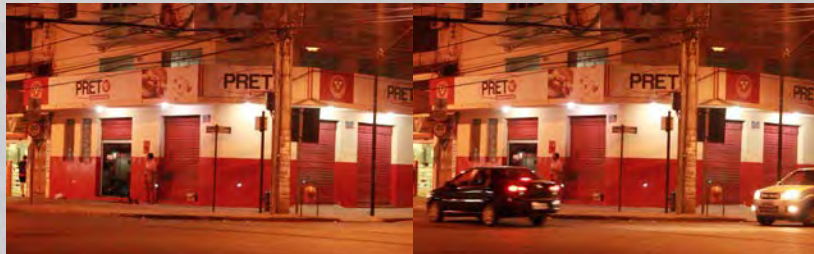
Não pretendo, neste caso, referir a esta unidade cromática um índice de identidade racial ou social específica. Embora tenha ilustrado o fato de existir um uso institucional desta cor laranja capaz de estabelecer relações com os uniformes de presidiários e trabalhadores oriundos de uma população de baixa renda, pouco escolarizada, em sua maioria afrodescendente. O que busco destacar neste momento é a presença desta escala cromática entre ocres, laranjas e vermelhos e a escolha pontual

<sup>8</sup> O título - Lembrança de Nhô Tim - faz uso de um parônimo do nome atribuído ao famoso centro de arte contemporânea, o Inhotim. Devido à distinta sonoridade de seu título, este objeto sugere simular ser tanto um souvenir destinado aos inúmeros visitantes deste centro de arte contemporânea, quanto um evocativo de memórias e questões a respeito de quem seria Nhô Tim. Segundo a professora de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Tania Alkmim, a língua de preto, uma variedade do português utilizada na conformação de personagens negros na literatura e produções culturais desde o século XVI, "representa a contraparte linguística da imagem do negro na sociedade portuguesa. Em Portugal, como em todas as regiões que utilizaram a mão-de-obra escrava, o negro foi associado à inferioridade biológica, cognitiva e cultural. Do ponto de vista linguístico, um exame superficial dos dados da língua de preto nos faz reconhecer, de imediato, a natureza estereotipada da representação da fala de negros. É clara a intenção de ressaltar a origem estrangeira dos negros através do uso de construções gramaticais e de pronúncias incorretas. O negro, como tantos outros tipos populares – ciganos, judeus, camponeses, provincianos – foi alvo do olhar preconceituoso e discriminador, que selecionava e estereotipava seus traços característicos" (ALKIMIM, 2008, p. 250-251). Para a autora, estabelecer a existência, no Brasil, de um "Português de brancos" e "português de negros" é uma visão redutora e simplista das questões de representação linguísticas, embora assinala as limitações que todas as fontes escritas apresentam em relação a uma oralidade original. Sinhô, sinhozinho, e Nhô são variações do termo Senhor amplamente utilizadas na representação da fala de personagens negros na literatura brasileira do século XIX.

<sup>9</sup> Os pigmentos a base de óxido de ferro são utilizados desde o período pré-histórico, o que atestam sua forte resistência às intempéries. Muitos são os documentos que identificam a hematita brasileira, explorada no quadrilátero ferrífero mineiro, como de baixíssima impureza, isto é, basicamente composta por Ferro (Fe).

desta região periférica, marcada historicamente pela exploração da terra, como aparentes estratégias de explicitação de continuidades históricas, sociais, políticas e simbólicas entre específicos corpos e os espaços por eles ocupados.

## SUPERMERCADO DO PRETO



Ao se deparar com a imagem acima, a qual apresenta a performance Lembrança de Nhô Tim: R\$ 4,99 sendo realizada em frente ao Supermercado do Preto, uma senhora exclamou: “Parece que você está se vendendo!”. Esta percepção, ainda que ligeira, nos auxilia a refletir sobre a complexidade deste jogo<sup>10</sup>. Diante das imagens fotográficas realizadas por João Alves, a identidade do corpo presente, sendo ela a do artista, raramente é posta em questão. É provável que isso se deva a semelhança com uma já consolidada estética documental de performances, isto é, um modelo de “fotografia de reportagem”<sup>11</sup>. Onde costumo apreender a exata posição do corpo performático na imagem, o enquadramento meticuloso sugestivo de contextualização da cena, a apresentação dos elementos básicos para compor a narrativa de venda: o produto, o cartaz, o preço, prováveis clientes ou sua total ausência, enfim, todos estes elementos orquestrados para testemunhar um evento ocorrido em um espaço e num tempo preciso. Somada a esta precisão oriunda da manipulação destes elementos capazes de configurar um status documental a imagem, acrescentam-se as variadas formas de legenda nos suportes para a sua publicação que parecem assegurar a imagem um status de “obra de arte contemporânea”<sup>12</sup>.

No entanto, o corpo do artista, neste caso o meu corpo em ação durante as performances realizadas em Brumadinho, Igarapé e São Joaquim de Bicas, assim como o objeto no interior das caixas triangulares da Lembrança de Nhô Tim, dificilmente seria entendido como um dado evidente para os diferentes públicos presentes nas distintas situações. Além da ambiguidade já mencionada, capaz de borrar a inteligibilidade do jogo oferecido entre os campos arte e comércio, institucionalidade ou farsa, o corpo do artista, assim como todos os corpos existentes na sociedade, possui características específicas capazes de servir a diferentes leituras, em diferentes contextos.

Para isso, considero necessário reconhecer as especificidades destas apreensões, as heranças culturais e sociais que se projetam sobre as identidades e, por isso, afastar falsas noções de imparcialidade, imunidade e isenção que por ventura pautem a presença do artista, e neste caso o meu corpo e suas características fenotípicas. Atribuo este destaque não apenas ao fato do meu corpo de artista ocupar um lugar central na apresentação da performance, como também a semelhança deste corpo com os demais corpos presentes nestes espaços por ele compartilhados.

Lembrança de Nhô Tim, R\$ 4,99.  
Registro de Performance.  
Autor: João Alves.

<sup>10</sup> “A forma e o tamanho desse “sorvete artístico” são paradoxalmente “convidativos” para a exploração tátil, “degustação”, “fruição” ou “desfrute”, bem como a noção de lucro que envolve toda atividade mineradora, mas, no primeiro caso, sem que se pese algum tipo de “contaminação” como resíduo final dessa fruição. Os produtores lucram com a matéria; os especuladores projetam esse “doce” com o lucro e os consumidores se “contaminam” com o refugo remanescente desse jogo ambíguo e perigoso, que é a mineração, e que é a arte. Traçando a mineração como metáfora para arte e como uma resposta intuitiva para esse jogo, o artista visual Tiago Gualberto planejou fazer ele próprio uma venda simbólica performática de algumas dessas esculturas resultantes de sua própria “mineração” artística. O artista visual (como artista igualmente é o poeta), também não seria um fingidor? Ora, a performance é o alter-ego do vendedor-artista. Sua “venda” ou “lucro”, assim como o possível “ágio” ou “deságio” da especulação futura ou mesmo a ausência de clientela são ambigualmente sua vitória-derrota nesse jogo artístico-comercial.” (ARAUJO, 2017.p.130)

<sup>11</sup> O termo “fotografia de reportagem” é utilizado por Jeff Wall durante suas reflexões sobre a imagem fotográfica no ensaio “Sinais de indiferença: aspectos da fotografia na arte conceitual ou como arte conceitual” para referir-se, basicamente, a uma estética de encenação de apresentação do corpo do artista performático. Cf WALL, Jeff. Señales de indiferencia: aspectos de la fotogra a en el arte conceptual o como arte conceptual. In: PICAZO, Glória & RIBALTA, Jorge (Eds.). Indiferencia y singularidad. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 2003.

<sup>12</sup> Além da publicação desta imagem neste texto, uma dissertação de mestrado em Poéticas Visuais, o que configura um espaço senão de legitimação, ao menos de expectativa de um registro visual, eu construí uma plataforma on-line exclusiva para a divulgação do projeto. (ver: [www.lembrancadenhotim.com.br](http://www.lembrancadenhotim.com.br)) Além disto, imagens destas performances circularam em diferentes redes sociais, sites e publicações impressas e conferências.

Mas antes, vale recuperar um momento pontual onde os circuitos de arte brasileiros ecoaram debates sobre a desmaterialização da arte e a presença do corpo em profundo diálogo com pautas internacionais, manifestadas a partir de práticas como a performance, site-specific, a instalação, vídeoarte, intervenções, happenings entre outras num cenário de disputas acirradas na legitimação de uma definição de arte. Um destaque de apresentação deste corpo do artista como obra de arte no circuito nacional é a performance Corpobra (1970) de autoria de Antônio Manuel (1947-). Contudo, já se fazem 48 anos desde a criação deste trabalho, e muitos outros desdobramentos a respeito destes temas já foram realizados. É sabido pelo leitor contumaz de arte contemporânea, a recorrente escolha por entre artistas contemporâneo, entre eles alguns artistas visuais brasileiros, pela contratação de participantes ou performers, isto é, a seleção disponível, na atualidade, de “modelos criativos”, muitas vezes anônimos, para a realização de projetos de performances artísticas.

Um exemplo da contratação de performers desconhecidos para a realização de trabalhos de única autoria reconhecida pode ser visto na longa série de performances da artista brasileira Laura Lima. Em recente trabalho intitulado “The Inverse”, com curadoria de Alex Gartenfeld e organizada pelo ICA Miami, grandes cordas de nylon azul envolveram as vigas do museu durante o mês de junho de 2016. A participação de mulheres performers foi realizada mediante o pagamento de 15,00 dólares a hora. Foram oferecidas camisinhas e lubrificantes caso as contratadas aderissem à sugestão de inserir parte das cordas de nylon em suas vaginas. A artista Kayla Delacerda, 24 anos, e uma segunda participante, que não quis se identificar, reportaram a jornais locais<sup>13</sup> que se sentiram pressionadas a realizar esta penetração, motivo pelo qual abandonaram a participação no trabalho de Laura Lima.

Em seu ‘Artist Statement’, publicado no site do ICA Miami Museum, a artista brasileira afirmou: “Participantes não são obrigados por um roteiro, são livres para habitar o espaço que desejarem. Outro elemento chave para o meu trabalho é o papel da instituição de arte, que fornece a configuração necessária para dar linguagem, história e significado a essa conversa entre artista, participante e espectador<sup>14</sup>.” A diretora do ICA Museum, Ellen Salpeter negou as reivindicações das performers dissidentes em uma entrevista ao jornal *Broadly*: “Desde o início do planejamento da exposição de Laura Lima no museu, a segurança, a privacidade e o conforto de cada participante foram incorporados nas nossas políticas em torno desta peça.”<sup>15</sup>

Diante destas atuais possibilidades de terceirização do corpo performático<sup>16</sup>, as dúvidas que aqui se apresentam, novamente, se colocam ante a ausência de informações que assegurem ao público da performance Lembrança de Nhô Tim: R\$4,99 re-conhecer a identidade do corpo presente na ação. Este corpo erguido, disposto a vender Lembranças de Nhô Tim às margens do centro de arte contemporânea seria o próprio artista ou designa-se como um corpo anônimo, contratado? Ou mais uma vez, estaria o artista se vendendo? Logo, a ideia do artista “se vender” acarreta uma dupla constatação que o torna coisa. A primeira enquanto uma metáfora conhecida pelo senso comum: “ah, fulano de tal se vendeu!”. E a segunda, por outro lado, seria a ideia do vendedor se confundir com a mercadoria, estando atrás do balcão. Nestas colocações, o vendedor, o artista, o trabalhador é despres-

13 Entre os principais jornais a reportar esta notícia, estiveram: *News Art Net*, disponível em <https://news.artnet.com/exhibitions/laura-lima-ica-miami-rope-claims-526091> > Acessado em 12 jan. 2018 e *Miami NewTimes*, disponível em: <http://www.miaminewtimes.com/arts/models-claim-artist-pressured-them-to-violate-themselves-with-a-rope-8540552> > Acessado em 12 jan. 2018.

14 No original: “Participants are not obligated by a script and are free to inhabit the space as they wish. Another key element to my work is the role of the art institution, which provides the necessary setting to give language, history and meaning to this conversation between artist, participant and viewer.” Disponível em: <https://www.icamiami.org/exhibition/laura-lima/> > Acessado em 04 de ago. 2017.

15 “From the outset of planning for Laura Lima’s exhibition at the museum, the safety, privacy, and comfort of each participant has been built into our policies surrounding this piece,” [ In: *Museum Responds to Claims that Models Were Pressured to Put Rope in Their Vagina*, Disponível em [https://broadly.vice.com/en\\_us/article/d3gg5j/museum-responds-to-claims-that-models-were-pressured-to-insert-rope-vagina](https://broadly.vice.com/en_us/article/d3gg5j/museum-responds-to-claims-that-models-were-pressured-to-insert-rope-vagina). Acessado em 22 de jun 2017.

16 Um segundo exemplo da contratação de modelos e performers pode ser visto nas performances “Transmutação da Carne”, (2000), “Bori MIP2”, (2009), “Full Brazilian and Other Rituals”, (2011) todas de autoria do artista Ayrson Hieráclito.

tigiado, o que há prestígio é a coisa. Aquilo que Karl Marx chamava de “caráter fetichista da mercadoria<sup>17</sup>” que implica numa sociologia, mas principalmente numa psicologia do mercado e do comércio. A produção de mercadoria não é um fato isolado, ao contrário, ela traz expectativas, frustrações, raiva, alegria e isso se liga ao estado de espírito de todos. O artista em performance foi pego pelo rolo compressor da venda do seu “minério” e sua realidade (seu ser) é confundida com a realidade das coisas às quais ele se refere. Há como fugir da força impregnante de todo minério que sai das caçambas dos caminhões? Há como viver sem as mineradoras? A ambiguidade ou, para os pessimistas, a dubiedade é fruto da expressão matemática: dinheiro do minério é igual a satisfação das necessidades vezes a circulação dos produtos no mercado menos a humanização do ser que é fsgado por querer ou sem querer no circuito. No fundo, a impregnação do minério é resultado e não uma premissa da tirania da mineração - algo que faz os moradores e os “vendidos” em geral dizerem para si: “ruim com ela pior sem ela”. Ou de forma mais comum ao senso daqueles que agora estão felizes em participar da engenharia de construção de um mundo verde artificial cercado pelo secular laranja: “agora eu tenho como pagar o meu aluguel”.

<sup>17</sup> In: MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Centauro Editora, 2005.





## Agenda Laranja

Parte das ações que julguei pertinentes ao papel de artista “laranja” estiveram associadas à adesão de convites e propostas realizadas por específicas instituições culturais. Entre essas participações, destaco as seguintes:

A palestra “Caminhos e Descaminhos da Arte Afro-brasileira” ocorreu durante a programação “Pina\_encontros – Olhares sobre a Arte Afro-brasileira, seus conceitos e seus artistas” realizada no dia 03 de dezembro de 2016, na Estação Pinacoteca em São Paulo. Neste encontro apresentei perspectivas sobre minha experiência no cenário brasileiro das artes visuais, em especial, sobre questões que envolvem a participação de artistas afro-brasileiros frente as essas demandas institucionais a partir de critérios étnicos-raciais. Entre minhas ações, estive a venda de Lembranças de Nhô Tim a um valor de R\$ 49,99 reais. A professora Dra. Marta Heloísa Leuba Salum adquiriu um exemplar. Esta foi a única venda da Lembrança de Nhô Tim que consegui efetivar ao longo de todas as performances realizadas neste projeto.

A *Clothesline do the Past: Rhode Island Takes on Brazil* foi um experimento colaborativo realizado com apoio da comunidade da cidade de Providence, localizada no estado de Rhode Island, EUA. Nesta ação cerca de 12 participantes, entre artistas visuais, fotógrafos e anônimos aceitaram o convite para enviar, através de um endereço de e-mail, imagens que respondessem a seguinte pergunta: “What is the Brazil that we see from EUA?” em português, “Qual é o Brasil que vemos dos Estados Unidos?” Após imprimir as imagens recebidas, realizei intervenções nas cores laranja e vermelho. Esta série foi exposta entre os dias 21 de março a 21 de abril de 2017 no átrio central do State Capitol Complex do estado de Rhode Island. A imagem que acompanha o texto “Considerações Finais” deste trabalho de mestrado

ilustra um dos trabalhos realizados para este experimento na cidade americana. Foi durante este encontro que pude oferecer a Presidenta Dilma Rousseff uma das Lembranças de Nhô Tim. Esta ação também integrou parte das atividades vinculadas ao programa BRASA 2017 da Brown University com apoio do professor Dr. James Green. Por fim, realizei uma palestra intitulada - Lembrança de Nhô Tim (Souvenir from Massa Tim): Contemporary Art, Inheritances from the Colonial Past and the Brazilian Present. Realizada em inglês por cerca de uma hora, apresentei o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado. Parte da performance dedicou-se a garantir a leitura dos sons das palavras, sem, no entanto, entender seus significados, pois o meu nível de compreensão da língua americana me impede de realizar uma fala desta complexidade.

A vídeo-instalação Maré Vermelha foi realizada especialmente para a mostra “OSSO Exposição-apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga” a pedido do curador Paulo Myada. Esta mostra teve a abertura realizada no 01 de julho de 2017 no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

A palestra “Perspectivas sobre a Arte Afro-brasileira” esteve vinculada ao evento MASP Professores | Arte Afro-Brasileira e as coleções de arte africana do MASP e ocorreu no dia 10 de março de 2018. Nessa conferência, a “Arte Afro brasileira” foi apresentada como um conceito em disputa e de difícil definição, cujos campos de ação e trabalhos artísticos a ela vinculados podem ser frequentemente questionados. Propus perspectivas introdutórias desse debate, seus movimentos e impasses, a partir de referências bibliográficas e de uma larga seleção de imagens capazes de apresentar posicionamentos diversos acerca dos usos institucionais deste tema, em especial frente aos simultâneos eventos ocorridos paralelos à programação do museu, entre eles as manifestações de professores da rede pública de ensino em diversos pontos da cidade.

**CALL FOR SUBMISSIONS**

**A Clothesline to the Past:**  
Rhode Island Takes on Brazil

by Tiago Gualberto

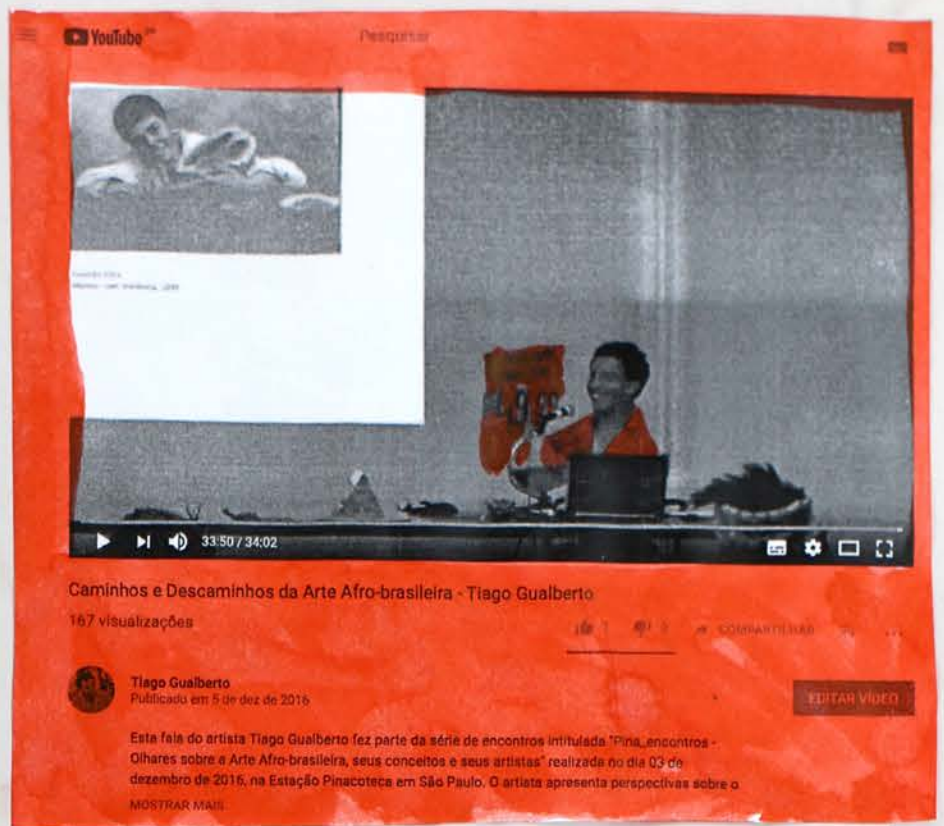
A collaborative artistic experiment  
March 21-April 21, 2017, Monday-Friday, 8:30 am to 4:30 pm  
OSCA - African Gallery, 1 - Capitol Hill, Providence, RI 02908

**TIAGO GUALBERTO**  
“A CLOTHESLINE TO THE PAST”  
THE ARTIST INVITES YOU TO PARTICIPATE IN A COLLABORATIVE ARTISTIC EXPERIMENT.

ALL THOSE INTERESTED SHOULD SEND MAXIMUM THREE DIGITAL, HIGH-RESOLUTION IMAGES BY FEBRUARY 19, 2017 TO THE FOLLOWING E-MAIL ADDRESS: [DIVERSITYARTEXHIBIT@GMAIL.COM](mailto:DIVERSITYARTEXHIBIT@GMAIL.COM)

**FOR MORE INFO:**

OSCA BRAZIL INITIATIVE



Relatório 4º Trimestre e Anual Consolidado - 2016

Associação Pinacoteca Arte e Cultura  
Organização social da cultura

APAC  
ASSOCIAÇÃO  
PINACOTECA  
ARTE E CULTURA

GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO  
Secretaria de Cultura

UGE: Unidade de Preservação do Patrimônio Murológico  
Contrato de Gestão Nº 005/2013 Referente ao Museu Pinacoteca de São Paulo

42 p

mimética de um jardim urbano, com terra, plantas adultas de até oito metros de altura, e, ao mesmo tempo, mureta de concreto e grades. São espécies arbóreas, arbustivas herbáceas, nativas e exóticas colocadas juntas em um mesmo espaço, formando um grande volume verde cercado por grades de ferro, como aquelas presentes nos parques da cidade de São Paulo. A luz é natural e a irrigação sustentável e projetada. Botânica SP trata-se de uma sementeira gigante que contém 150 espécies diferentes de sementes coletadas em ruas, praças e parques da cidade, todas catalogadas e acompanhadas de placas informativas. Ali elas são irrigadas e brotarão livremente em tempos distintos.

**Meta 11. Realizar programas temáticos (Mês da Consciência Negra).** NOVEMBRO

**Seminário "Olhares sobre a arte afro-brasileira, seus conceitos e seus artistas"**  
Dentro do projeto "Pina Encontros" e em comemoração ao Mês da Consciência Negra, a Pinacoteca realizou o seminário organizado por Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua e Renato Araújo da Silva. Ambos são especialistas nos estudos voltados à cultura afro-brasileira e coordenaram cinco encontros gratuitos, destinados a discutir e problematizar a própria noção de arte afro-brasileira, tanto na história, quanto na atualidade.

Encontro 1 | 5 de novembro – Revisitando o conceito de arte afro-brasileira, por Renato Araújo da Silva e Hélio Menezes  
Encontro 2 | 12 de novembro – Revisitando o conceito de arte afro-brasileira, por Renato Araújo da Silva e Hélio Menezes  
Encontro 3 | 19 de novembro – (Re)pensando o conceito de arte afro-brasileira hoje, por Roberto Conduru e Marta Heloisa Lueba Salum. Mediação: Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua  
Encontro 4 | 26 de novembro – Arte afro-brasileira na Pinacoteca, por Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua  
Encontro 5 | 3 de dezembro – Caminhos e descaminhos da arte afro-brasileira, por Thiago Gualberto, Rommulo Vieira e Janaina Barros. Mediação: Renato Araújo da Silva.

**Metas 12 e 13. Realizar pesquisa de satisfação de público geral, a partir de totem eletrônico e enviar relatório conforme orientações da SEC. Índice de satisfação.**

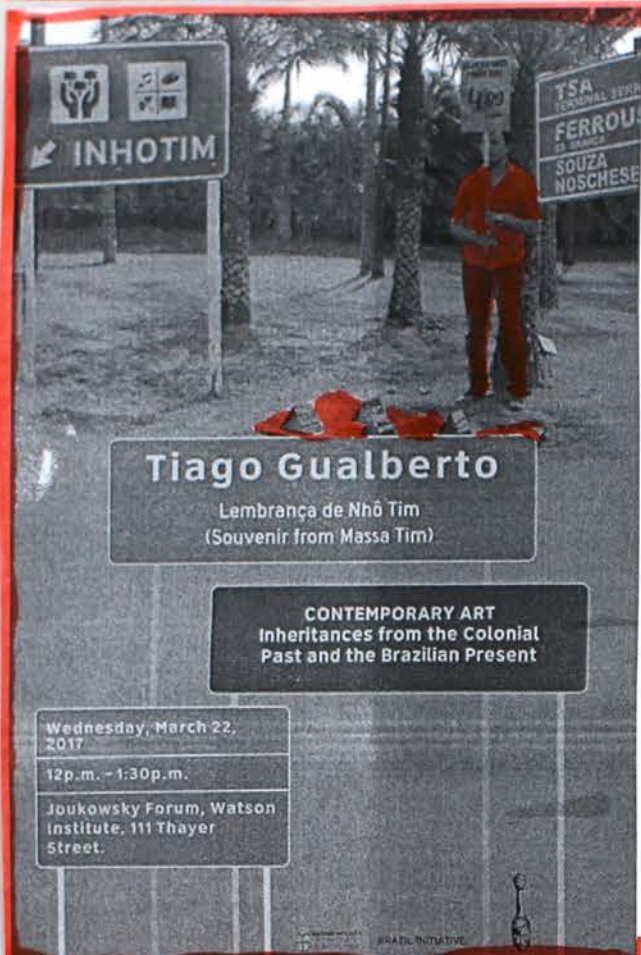
2016  
O relatório sobre as pesquisas realizadas por meio dos totens eletrônicos segue anexo a esse relatório. No 4º trimestre atingimos um índice de satisfação de 96%. Destacamos que esse índice aumentou com relação aos demais trimestres do ano e, acreditamos que esse fato tenha relação com a atual programação de exposições apresentadas na Pina\_Luz.

→ "Territórios: artistas aprofundando no aervo da Pinacoteca"

**Meta 14. Receber visitantes na Pinacoteca Luz.** (12 dezembro-2015 a 27 junho 2016)

Justificativa trimestral e anual para a meta 14: Conforme registrado nos relatórios trimestrais de 2016 a meta de visitação do edifício da Pina\_Luz tem sido motivo de atenção da equipe da Pinacoteca. Em que pese a qualidade da programação de exposições e ação cultural do ano e o percentual de satisfação na ordem de 96%, o público visitante total foi de 273.549 e a meta era de 385.000. Como medida imediata foi criado o programa Música na Pina, com verba de patrocínio captado via Lei Rouanet, que prevê apresentações todos os primeiros sábados de cada mês, para fidelizar o público. Em 2016 tivemos a seguinte programação:

**Tiago Gualberto - Lembrança de Nhô Tim (Souvenir from Massa Tim): Contemporary Art, Inheritances from the Colonial Past and the Brazilian Present**



**Tiago Gualberto**

Lembrança de Nhô Tim  
(Souvenir from Massa Tim)

**CONTEMPORARY ART**  
Inheritances from the Colonial  
Past and the Brazilian Present

Wednesday, March 22,  
2017

12p.m. - 1:30p.m.

Joukowsky Forum, Watson  
Institute, 111 Thayer  
Street.

Wednesday, March 22, 2017

12:00pm - 1:30pm

Joukowsky Forum, Watson Institute, 111 Thayer Street.

[WATCH WEBCAST >](#)

[WATCH ON YOUTUBE >](#)

The Lembrança de Nhô Tim (*Souvenir From Massa Tim*) is an artistic object produced in partnership with the city of Igarapé, in the state of Minas Gerais. The project combines a series of interventions proposed by the Afro-Brazilian artist Tiago Gualberto. In addition to the age-old activity of mining, the region stands out due to its proximity to Inhotim, currently the largest center of contemporary art in Brazil. Through recordings and accounts concerning the experiences arising from this artistic project, the artist will seek to trace a portrait of individual and collective memories about the continuities of the past and tensions in the present.

**BRAZIL INITIATIVE**

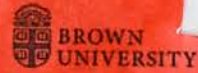


**BRAZIL INITIATIVE EVENTS**

Co-sponsored by Africana Studies.

**BRAZIL INITIATIVE**  
Watson Institute for International and Public Affairs

111 Thayer Street, Box 1970  
Providence, RI USA  
02912-1970  
P +1 401 863 6884  
brazil@brown.edu



© 2018 Brazil Initiative



A Clod Washed Away by the Sea

No man is an island, none of it sells, every man is a piece of the Continent, a part of the maine, if a clod be washed away by the Sea, Europe is the lesse, as well as if a Promontorie were, as well as if a Member of thy friends or of their couns were, any mans death diminishes me, because I am involved in Mankinde, And therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee.



**"A SETTING  
UNDER  
ADMINISTRATIVE  
CONTROL"**



View of Negroes working for Diamonds at Mandinga on the River Agthorhorbe in Congo  
- Fris Brant, ENVO MASSA, 1812



MASP Professores | Arte Afro-Brasileira e as coleções de arte africana do MASP | Mesa 2, 10.3.2018  
174 visualizações

MASP Museu de Arte de São Paulo  
Publicada em 20 de mar de 2018

INSCREVER-SE 1,5 MIL

O primeiro encontro do ano tem como tema as diferentes ideias sobre o que é a arte afro-brasileira e os possíveis modos de apropriação dessas referências no campo pedagógico. Ademais, serão discutidas também as aquisições e exposições de coleções de arte africana em museus de arte. Frente a outras matrizes culturais, como um museu de arte revisa seus modos de coletar, pesquisar e apresentar as obras e como esse debate pode contribuir para aprofundar as

MASP ENCONTRO COM PROFESSORES  
**ARTE AFRO-BRASILEIRA E AS COLEÇÕES DE ARTE AFRICANA DO MASP**  
SÁB 10.3.2018 - 10H AS 18H

**MASP**  
MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO  
ASSIS CHATEAUBRIAND  
AV. PAULISTA, 1578  
01310-200 SÃO PAULO-BRASIL  
IMPRESA +55 11 3149 3959

SOBRE O MASP  
FALE CONOSCO



PARCEIROS ESTRATÉGICOS



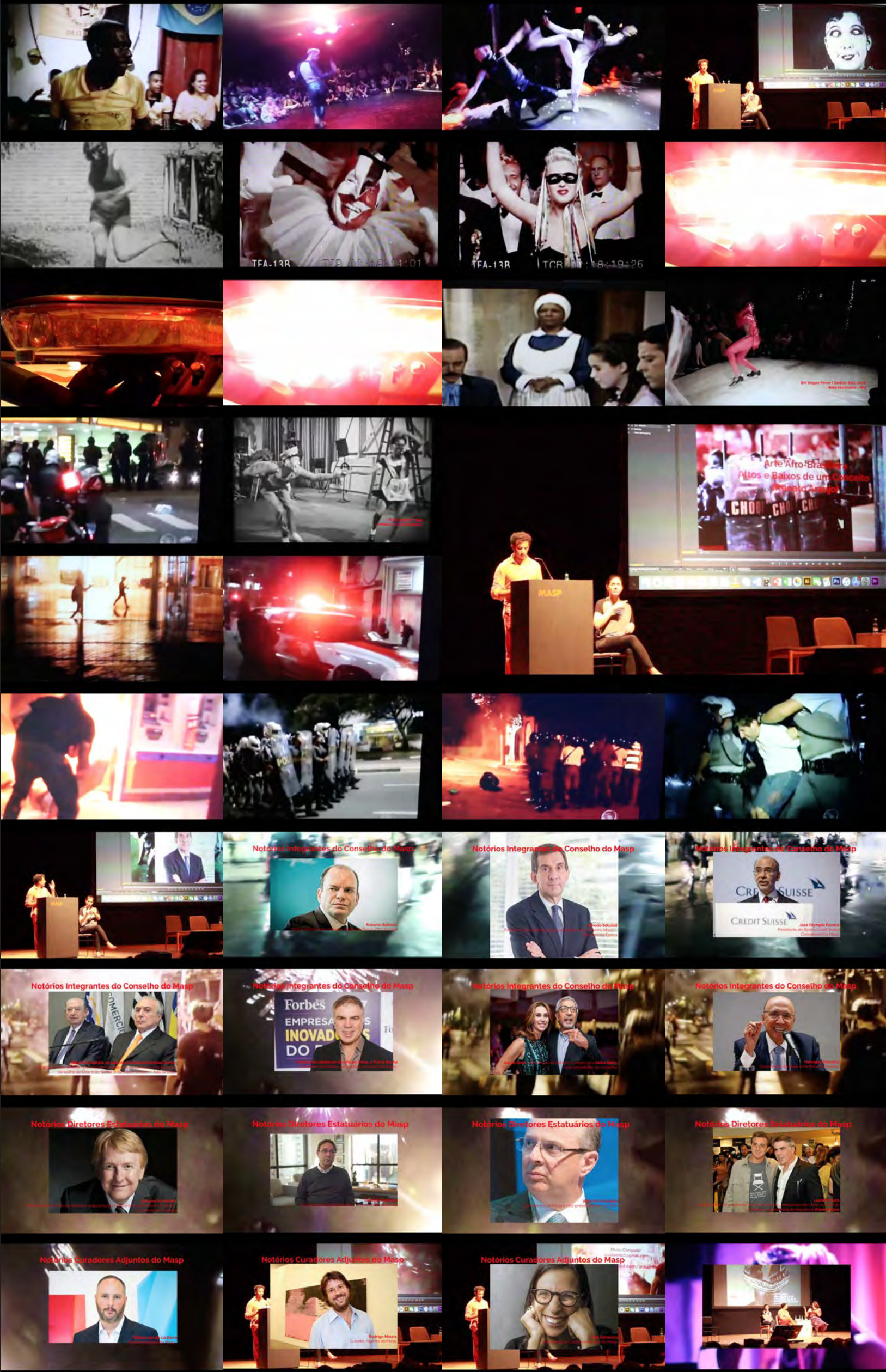
14h - 15h45

**Conferência: Perspectivas sobre a Arte Afro Brasileira**

Nesta conferência, a "arte afro brasileira" será apresentada como um conceito em disputa e de difícil definição, cujos campos de ação e trabalhos artísticos a ela vinculados são frequentemente questionados. Refletir sobre a arte afro brasileira significa localizar sua origem na história da África, de suas culturas e nos desdobramentos da presença das populações negras no Brasil, em diálogo com as demais manifestações culturais aqui presentes. Serão apresentadas perspectivas introdutórias desse debate, seus movimentos e impasses, a partir de referências bibliográficas e de produções artísticas.

Com Tiago Gualberto (Artista visual, educador e pesquisador)  
Mediação: Estarvo Silva (Educadora, pesquisadora e desobediente)







## Últimas Considerações

No final do ano de 2015, durante a redação da proposta que culminaria nesta pesquisa, encontrei na expressão “cenário administrado” uma forma de sintetizar os impactos das agências de diferentes atores em torno da comunidade do bairro Resplendor, na cidade de Igarapé, Minas Gerais. Eram protagonistas desta movimentação aparentemente orientada a instalação de dois presídios e a implantação de conjuntos habitacionais populares; a expansão da atividade mineradora e a presença do centro de arte contemporânea Inhotim.

Como procurei demonstrar ao longo deste trabalho, o pertencimento a esta comunidade propiciou uma observação privilegiada destes eventos. À medida que drásticas transformações pelas quais a paisagem, e sobretudo os aspectos sociais, culturais e sensíveis da população eram alterados, encontrei os estímulos iniciais para o desenvolvimento do objeto Lembrança de Nhô Tim. Contudo, a inscrição desta investigação dentro do ambiente universitário ampliou consideravelmente o escopo de ação desta pesquisa e, em especial, o entendimento sobre os diferentes potenciais destas intervenções artísticas, para além de uma estratégia de reivindicação de transformações locais a partir de olhares críticos.

A rotina acadêmica, o diálogo com colegas estudantes, as disciplinas realizadas, os encontros de orientação e os exames de acompanhamento constituíram importantes eventos de conscientização. Com isto, foi possível extravasar o justo apelo por denúncias frente ao estado de violência e precariedade causado pela economia marcada pela exploração da terra e as diferentes heranças dos sistemas que formaram a sociedade mineira em particular. Um dos primordiais avanços deste aprendizado refere-se ao reconhecimento de outros agentes protagonistas já presentes neste cenário, atores também responsáveis por diferentes níveis na “administração” desta cena.

A adição destes agentes a este trabalho não se reduziu a apresentação da pluralidade de vozes, bastante necessária para um reequilíbrio de percepções sobre alguns mecanismos utilizados nestas relações de poder e seus fluxos, e como elas atuam no seio de diferentes campos, classes sociais, origens culturais, credos e etc.. Outra significativa adição incluiu a observação da maneira como se dão algumas relações de poder entre artista e o público, sem deixar de considerar as manifestações institucionais da arte e seus respectivos poderes. Nesta

medida, a cada alteração de percurso desta pesquisa artística, galgarei elaborar respostas plásticas e experimentais aos novos desafios, resultando, desta forma, em um grande conjunto de ações, performances, palestras e objetos.

Esta coleção de trabalhos artísticos, relatos e eventos exigiu uma solução coerente com os aprendizados obtidos ao longo do curso de mestrado. Entre elas, a correção do tom de certezas e da compreensão sobre o lugar que narrativas autobiográficas poderiam ocupar dentro de um contexto em larga medida “universal”. “Como trazer o ‘fora’ para o espaço da arte e a arte para o espaço de ‘fora’ sem que ambos percam a força pelo caminho?”; “Como não transformar o projeto das Lembranças de Nhô Tim em apenas belas imagens?”; “Como elaborar a dificuldade de se fazer a passagem de uma lembrança autobiográfica para uma universalização a partir de si mesmo?” foram algumas das perguntas recebidas durante os diferentes processos de orientação deste trabalho. Estes ricos dilemas serviram de estímulo para a reunião desta produção realizada durante os últimos três anos no formato impresso *Berlinder*, um característico modelo de jornal. Nesta publicação de caráter ficcional arrisco representar o artista “laranja”, mais um entre os personagens deste espetáculo.

Por isso, neste atual estágio da pesquisa, merecedor de revisões e aprimoramentos, o mundo da arte passa a compor de forma direta a ambiência deste cenário administrado conectado por trânsitos, fracassos, pertencimentos, engajamentos e encenações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Juliana Gisi Martins de. 60/70: as fotografias, os artistas e seus discursos. Curitiba: 2015.
- ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Ed. Ática, 1981.
- BANDEIRA, Manoel. O Livro das Ignorâncias. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.
- BENETTI, Liliâne. Ângulos de uma caminhada lenta: exercícios de contenção, reiteração e saturação na obra de Bruce Nauman. Tese de Doutorado. ECA-USP. 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-18112013-163120/pt-br.php> Acessado em 08 de abr. 2016.
- BINGHAM; J. Ai WeiWei Sunflowers Seeds. TATE: London, 2010. Catálogo de exposição.
- BORDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Escritos de educação. Trad. Aparecida Joly Gouveia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.
- BURGIN, Victor. Reflexões sobre 'pesquisas' de doutorado em artes visuais. In: Arte&Ensaio, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 25, maio de 2013. p. 185-195.
- CAPPELLE, M; BRITO, M; MELO, M. Relações de Poder Segundo Bourdieu e Foucault: Uma Proposta de Articulação Teórica para a Análise das Organizações. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 7, n.3, p. 356-369, 2005. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/193/190> acessado em 28 de mar. 2018.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. Revista D.E.L.T.A., 31-especial, 2015. p. 337-390.
- FOSTER, Hall. O Retorno do Real. São Paulo: Ed. Cosacnaify, 2015.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- \_\_\_\_\_. O que é um autor? In: Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.
- GELL, Alfred. A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Arte&Ensaio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da UFRJ, ano 8, n. 8, p. 174- 191, 2001.
- GROYS, Boris. O Destino da Arte na Era do Terror. Tradução de Giovane Martins Vaz dos Santos. Revista Universidade Católica de Pernambuco. Ano 15. N.1. jul./dez. 2015-2 Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/viewFile/722/576> Acessado em 20 de dez. 2017.
- GROYS, Boris. Arte e Poder. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.
- HITO, Steyerl. Los condenados de la Pantalha. Ed. ciudad autónoma de Buenos aires: caja negra, 2014.
- HUYSSSEN, Andreas. Resistência a la memória: los usos y abusos del olvido público. Intercom – Porto Alegre, 2004.
- \_\_\_\_\_. Culturas do Passado-Presente: Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Col. Artefíssil. 2014.
- JAREMTCHUCK, D. Anna Bella Geiger: passagens conceituais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. Ed. Popular, 1960.
- \_\_\_\_\_. Casa de Alvenaria: diário de uma Ex-favelada. Ed. Popular, 1961.
- KENTRIDGE, W. Felix no exílio: geografia da memória. In: TONE, L. William Kentridge: Fortuna. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013. Catálogo de exposição.
- MEDINA, Cuautémoc. Dawn Ades "The Age of Coal". Manifesta 9: The Deep of Modern. Limburg: Silvana Editoriale, 2012.
- \_\_\_\_\_. Filtraciones Críticas para La Curadoria Contemporânea em 27 de maio de 2015. Disponível em: <http://artishockrevista.com/2015/05/27/cuauhtemoc-medina-filtraciones-criticas-la-curaduria-contemporanea/>, último acesso em 07/11/2016
- MORPHY, H. Arte como um modo de ação: alguns problemas com Art and Agency de Gell, trad. Guilherme Ramos Cardoso. PROA – revista de antropologia e arte, v. 1, n.3, 2011.
- NEVES, Galciani. Crítica como criação: procedimentos e estratégias comunicacionais dos exercícios críticos no Brasil. Tese de Doutorado. PUC – São Paulo, 2014. p. 482.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo, SP- Brasil, 1993.
- PASSIANI, Ênio. Imposturas intelectuais: a sociologia (auto)crítica de Pierre Bourdieu. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n. 74, p. 207-212, Mar. 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100014&lng=en&nrm=iso). acessado em 26 mar. 2018.
- SALMI, Hannu. Cultural History, The possible, and the principal of plenitude. History and Theory, v. 50, Issue 2, 2011, p. 171-187. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2303.2011.00575.x/pdf>. Acessado em 10/06/2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHWARTZMAN, S. Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2008. Miséria da ideologia. 141 p. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/mny2p/pdf/schwartzman-9788599662502.pdf> Acessado em ago. de 2016.
- SEBALD, W. G. Os Anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa – Trad. José Marcus Macedo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2010.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Indústria cultural: Bourdieu e a teoria clássica. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 22, p. 26-36, dec. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36993/39715>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital Cultural, Classe e Gênero em Bourdieu. INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v.1, n.2, p. 24-36, jul./dez. 1995. Disponível em <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf> acessado em 20 de mar. 2018.
- SILVA, Renato Araújo da. Arte Afro-Brasileira: altos e baixos de um conceito. São Paulo: Ed. Ferreavox, 2016.
- STEYERL, H. Duty-Free Art. In: E-Flux Journal #63 – March 2015. Tradução Luisa de Paula Marques Sousa. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/63/60894/duty-free-art/>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- STILLE, Alexander. El futuro del pasado. La cultura de la copia y la desaparición del pasado chino. Ediciones Peninsula, 2005.
- TONE, L. William Kentridge: Fortuna. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013. Catálogo de exposição.
- TRINDADE, Hélgio. O discurso da crise e a reforma universitária necessária da universidade brasileira. In: Las universidades em America Latina: ¿reformadas o alteradas?. La cosmética del poder financeiro. Buenos Aires. 2003 pp. 161-180. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101109021739/9trindade.pdf> > Acessado em ago. de 2016.
- USUBIAGA, Viviana. Imágenes inestables: artes visuales, dictadura y democracia en Buenos Aires. 1ª Ed. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

